

COLÔNIA RESPLENDOR



PELO ESPÍRITO
SCHEILLA
PSICOGRAFADO POR
ALDA MARIA

COLÔNIA RESPLENDOR



PELO ESPÍRITO
SCHELLA
PSICOGRAFADO POR
ALDA MARIA

**COLÔNIA
RESPLENDOR**

COLÔNIA RESPLENDOR

PELO ESPÍRITO
SCHELLA

PSICOGRAFADO POR
ALDA MARIA

1ª edição
2020



CEMFS

CENTRO ESPÍRITA MANOEL FELIPE SANTIAGO
Rua Leopoldina, 685 - Belo Horizonte
Minas Gerais - CEP 30330-230
Telefone: (31) 3344-3988 - www.aldamarialivros.com.br
cemfs.secretaria@gmail.com

Copyright © 2020 by

Centro Espírita Manoel Felipe Santiago

1ª edição, abril/2020

Revisão: Maria Lúcia Pires Alves

Projeto Editorial: Centro Espírita Manoel Felipe Santiago

Capa: Dênio Guimarães Takahashi

Produção Gráfica: Instituto Editorial D'Esperance

Catálogo: Maria de Lourdes Greco S. Salve – Bibliotecária CRB/6ª Reg. 739

Scheilla (Espírito).

Colônia resplendor/[pelo espírito] Scheilla;
[psicografado por] Alda Maria. -- Belo Horizonte: Centro
Espírita Manoel Felipe Santiago, 2020.

ISBN 978-65-990720-0-0

1.Espiritismo 2. Psicografia 3. Romance I. Pinto, Alda Maria Salazar Silva. II.
Título.

CDD 133.9

*O produto da venda desta obra destina-se exclusivamente
à divulgação da Doutrina Espírita.*

Índice



Ao leitor

Prefácio

1. De regresso à pátria espiritual
2. Acolhido num reduto de amor
3. Caravana fraterna
4. A importância do perdão
5. Prece – bálsamo divino
6. Convite à renovação
7. Uma estratégia de proteção
8. Buscando a harmonia
9. O trabalho como medicação
10. O labor que não cessa
11. A vida prossegue
12. Mensagem divina: a base da postura cristã
13. Recuperação com Jesus
14. Ao encontro de Jesus
15. Reconstruindo a amizade
16. Amparo espiritual

17. Buscando o roteiro para a evolução
 18. Compartilhando experiências
 19. Reencontro de corações
 20. Angustiosas expectativas
 21. Esquecimento do passado: misericórdia divina
 22. Convocação à responsabilidade
 23. Tarefa cumprida
 24. Oportunidade de reconciliação
 25. Dando seguimento à programação
- Colônia Resplendor – ponto de luz no espaço

Ao leitor



Amados irmãos, recebam o nosso fraternal abraço e os nossos mais sinceros votos de paz.

Indiscutivelmente, urge que busquemos o conhecimento para que, sustentados pelo entendimento, consigamos haurir forças e avançar – avançar no caminho da remissão, tarefa que cabe a cada um e exige a reforma das estruturas íntimas que têm como alicerce sentimentos malsãos, com os quais muitos de nós ainda se comprazem em alimentar a alma, o coração, comprometendo-se ainda mais perante os postulados divinos.

Assevera-nos o amantíssimo Mestre Jesus Cristo que devemos nos amar e nos instruir – mandamentos, leis para os espiritistas. E nesse turno, em que nos encontramos usufruindo de uma tecnologia fantástica, que nos transporta de um canto ao outro do planeta sem que necessitemos fazer muito esforço, isso, que entendemos ser um benefício, transforma-se em malefício quando acomoda o homem no que diz respeito ao seu desenvolvimento moral. Habitado à “lei do menor esforço”, que criou para justificar sua preguiça, sua inércia moral, o homem se conduz quase sempre pela jornada evolutiva transferindo para depois o labor que lhe conferirá condições melhores.

Somente a obra edificada na estrutura dos bons sentimentos, por meio do esforço, do empenho, da responsabilidade, do compromisso daquele que se dedica à sua elaboração, elevará o homem aos planos superiores, onde a bondade, a ternura, a harmonia são vivenciadas pelo coração conectado com o Alto.

A reencarnação é lei da justiça divina, que oferta ao homem oportunidades de ver e rever seus feitos, realinhando-se, então, às leis do Pai Maior. E graças à Sua

misericórdia, a criatura, no uso da sua livre vontade, poderá arbitrar na elaboração dos projetos que delinearão sua futura vestidura no corpo de carne.

Hoje podemos fazer ou desfazer como bem entendermos, mas amanhã, ao reencontrarmos nossa verdade, verificaremos que muito infringimos as sagradas orientações, cabendo, assim, a cada um redimir-se, educando-se conforme os ensinamentos do amado Mestre.

Creiamos em Deus, creiamos em Jesus Cristo, mas creiamos em nós mesmos como os artífices da nossa alegria, da nossa paz, da verdadeira felicidade, jamais olvidando que, se mergulhamos no nevoeiro da tristeza, da dor ou das aflições, somos os responsáveis – em algum momento nos afastamos do caminho a nós oferecido pelo Pai Maior. Por isso, precisaremos reencarnar para que possamos nos realinhar na direção da divina luz.

Cumpramos com alegria e disposição no bem os projetos que adredemente elaboramos com o fito de conseguirmos galgar os degraus da escada evolutiva para, evoluindo, nos regenerarmos e, nos regenerando, fazermos com que a luz que trazemos em nós, a chama divina, brilhe. Estaremos, então, correspondendo à ordem do nosso sublime Irmão: “que brilhe a vossa luz”¹ e, nos iluminando, iluminaremos o espaço onde estivermos instalados, alcançando outros e outros corações!

Com alegria e profunda gratidão,

Irmão X
31/10/2017

Prefácio



Vem até nós Jesus Cristo dizendo-nos “eu sou o caminho, a verdade, a vida”² e nos asseverando que só iremos ao Pai seguindo-O.

E, na atualidade, estudamos os Seus ensinamentos e vamos dilatando nossa capacidade de compreender a profundidade das Suas palavras e do Seu chamamento, por meio do qual nos concita a assumir responsabilidades quanto aos nossos feitos no bem, com amor, com verdade, e aos feitos que realizamos longe do bem, longe da caridade, da benevolência, do perdão.

Sob a Sua misericordiosa intervenção, podemos laborar na nossa intimidade os hábitos infelizes que ainda cultivamos e alimentamos e que, sabemos, urgem ser transformados. E nesse labor de reformulação devemos nos empenhar, nos esforçando para alcançarmos patamares melhores da evolução.

Recebemos do Pai Maior inúmeros recursos para que possamos fazer com que a nossa luz, a luz interna, emergja, venha à tona, rompendo os diversos níveis de inferioridade que lhe impusemos ao longo do tempo.

Considerando que somos espíritos com grande acervo reencarnatório, todos nós trazemos conosco um amplo planejamento para que se dê nosso amadurecimento moral – planejamento ligado às necessidades que precisamos atender para nosso desenvolvimento espiritual e que deve merecer toda a nossa atenção e o devido cuidado, a fim de que as etapas ali estabelecidas sejam cumpridas, porque, indiscutivelmente, foram propostas com o objetivo de nos proporcionar melhores condições íntimas, ajustando-nos, assim, às leis divinas que regem, que governam as relações interpessoais.

Hoje dispomos de um sem número de dados em todos os níveis das ciências estudadas pelos homens. Os recursos oferecidos à humanidade para que se dê seu

amadurecimento moral são amplos e cada vez mais abrangentes. Mas para a utilização desses recursos o homem deve se comprometer com sua edificação íntima: o seu querer, a sua vontade têm de preponderar sobre comportamentos que se encontrem desalinhados das recomendações excelsas, em razão de hábitos viciosos que são cultivados amplamente, escudando condutas inconvenientes e inadequadas.

Sob leis perfeitas, como a lei de causa e efeito – lei de ação e reação –, somos conduzidos a assumir as consequências dos nossos atos, que nos conferem os lauréis da consciência tranquila frente ao dever retamente cumprido ou o angustioso desconforto perante a existência, em virtude do descompasso com as leis divinas que, em algum momento, foram proteladas, ignoradas para atendimento dos interesses pessoais, na conveniência de atender aos sentimentos egoístas, personalistas, que ampliamos à medida que ansiamos nos tornar o centro do movimento da vida.

A reencarnação é lei divina, lei de progresso estabelecida para todos. Mas somente nos dedicando à nossa reforma interior, conscientes do labor que cada um deve realizar para o seu bem, alcançaremos nosso melhor.

A hora pede-nos, além de perseverança, vontade firme, sempre, e comprometimento com o Alto, que vivenciemos com bondade, discernimento e gentileza as experiências pertinentes ao desenvolvimento do potencial divino que herdamos do Pai, testificando a cada instante que Jesus é o nosso Mestre, o nosso Guia e o nosso Modelo, para que se dê amplamente nosso amadurecimento espiritual.

Com votos de paz,

André Luiz

7/11/2017

1. *De regresso à pátria espiritual*



O sol, com seus raios dourados, abraçava a Terra, carinhosamente. As crianças, brincando no jardim, iam de um lado para o outro, lembrando um bando de alegres pintassilgos e revelando toda a tranquilidade que lhes ia n'alma. Observadas por seus tutores, vibravam nas faixas da doçura e do afeto, trocando umas com as outras pequenas gentilezas que as tornavam ainda mais puras diante do olhar atento de seus responsáveis.

– Hoje, finalmente, Melzinha vai chegar. Estamos muito felizes com o regresso dela à pátria espiritual – disse Juselma.

– Sem dúvida – respondeu Simone. – Os pais foram incansáveis na procura de recursos materiais para proporcionar a ela uma significativa melhora e, como era de se esperar, um prolongamento da existência dela entre eles...

– Sim, acompanhamos o esforço e o empenho deles para reter a pequena Mel na família – manifestação do amor que guardam por ela no coração. E não podemos esquecer que a partir do momento em que procuraram na Casa Espírita um tratamento que complementasse os procedimentos terapêuticos físicos, tudo ficou diferente... para melhor. A criança, por sua ingenuidade, absorveu todos os recursos que lhe foram oferecidos pelos médicos do espaço responsáveis pela assistência. E os pais? Ah... eles se tornaram tão mais tranquilos! Sentiram sua fé renovada e, mais fortalecidos, oravam com o coração repleto de esperança...

Reflexiva, após breve pausa, Juselma continuou:

– Posso assegurar a você, Simone, que o tratamento espiritual ao qual Melzinha foi submetida na Casa Espírita contribuiu decisivamente para o prolongamento da estadia dela na Terra. Os pais estavam tão envolvidos nas bênçãos recebidas em benefício da filha, que propiciaram um campo energético

muito positivo, possibilitando que a medicação material e a medicação dos divinos laboratórios se integrassem de tal forma que as dores da pequena foram praticamente anuladas, por efeito dos remédios, que atingiram seu grau máximo de eficiência.

Juselma calou-se, emocionada, dando oportunidade a Simone de completar:

– É grande a beleza que se expressa na vivência sincera da aceitação, ao compreender o homem que não cai uma folha de uma árvore sem que Deus saiba, ao confiar na presença do nosso amado Mestre Jesus Cristo e em sua misericordiosa intervenção a nosso favor sempre que batemos às portas do Seu clemente coração, rogando auxílio...

Simone não teve tempo para completar seu pensamento: Nilo as chamava para acompanharem o desligamento de Mel. Ambas se prontificaram a seguir com ele, mas não sem antes fazerem uma prece ao Pai Maior, rogando por Sua assistência naquele momento tão importante, não só para o espírito que iria desencarnar, mas também para todos aqueles que faziam parte da sua convivência diária – familiares e amigos. Foi Simone quem se adiantou, numa súplica sincera:

– Deus, nosso Pai de infinito amor, neste momento, rogamos à Vossa infinita bondade alimento para essa alma, a doce e amorosa Mel, que, dando cumprimento à Vossa santa lei de justiça, está voltando ao mundo dos espíritos, após cumprir, conforme o programa desenhado para ela por seus mentores, mais uma etapa do seu processo de adiantamento moral. Pedimos, Pai amado, que Vossas bênçãos amorosas também sejam estendidas a seus pais e a seus familiares para que todos sintam no coração o bafejar da brisa suave da fé e da serenidade, pelo dever cumprido perante esse espírito, que, milenar, caminha passo a passo rumo à perfeição, conforme o ensinamento do nosso divino Mestre. Fortalecei-nos igualmente, Senhor, para que tudo façamos de acordo com os projetos estabelecidos, atendendo às necessidades da hora, com muita gratidão em nosso coração pelo Vosso amparo incomensurável. Muito obrigada! Que assim seja!

Em seguida, sem mais demora, os três partiram. Juselma, Simone e Nilo não trocaram palavra durante todo o trajeto. A manhã já ia alta e, pelo movimento dos veículos e dos transeuntes nas ruas da cidade, podia-se imaginar que não era dia de

descanso para os homens – muito pelo contrário, tudo parecia febricitar: o sol brilhava tanto, que parecia nunca ter brilhado assim.

Os três amigos dirigiram-se ao hospital local, onde Mel se encontrava internada. Não foi difícil identificar seu quarto, pois pequenos facho luminosos nimbavam o ambiente, onde, num clima de paz, alguns familiares acompanhavam silenciosamente a leitura que o amoroso pai fazia de O Evangelho segundo o Espiritismo,* aberto no capítulo VI, O Cristo Consolador.

Mel se encontrava no centro do leito, já praticamente desligada: seu espírito não opunha resistência alguma ao trabalho que os técnicos responsáveis pelo seu retorno à pátria espiritual realizavam.

Entraram os três amigos, guardando profundo respeito pelo momento, e logo foram cumprimentados por Irmão José, o mentor responsável pela criança, que, afetuoso, os abraçou calorosamente. Irmão José agradeceu aos três pela colaboração dada durante o curto período em que Mel esteve na Terra e os convidou a acompanhar os passos finais do seu desligamento.

A mãe de Mel segurava a mãozinha da filha entre as suas com uma serenidade ímpar, enquanto o Dr. Luiz, que acompanhou Mel em todo o seu tratamento oncológico, auscultava os últimos batimentos de seu coração, que, suavemente, ia perdendo força. A mãezinha observava com grande expectativa os movimentos do Dr. Luiz. Durante toda a madrugada, o dedicado médico estivera ali, juntinho deles, e, assim, já sabiam que o desligamento de Melzinha se daria em horas. E foi o que aconteceu...

Irmão José cerrou os olhos e, emocionado, orou, agradecendo a Deus pela passagem daquele espírito pelo plano material, e agradecendo aos pais, que tudo fizeram por aquela criança, não poupando esforços para proporcionar-lhe o melhor e, dessa forma, contribuindo para estender seus dias de vida na Terra.

A prece sincera envolveu com um carinho imenso a criança, seus pais, o Dr. Luiz e os poucos familiares ali presentes. Com um sentimento de profunda gratidão, Irmão José recolheu em seu colo Mel em espírito – seu corpinho jazia sem vida sobre o leito no quarto do hospital.

Fez-se um silêncio profundo. Constatado o óbito, alguns se adiantaram para tomar as providências necessárias, enquanto os pais, sofridos, mas consolados pela

Doutrina que abraçaram, faziam suas juras de amor à querida filhinha.

Simone, Juselma e Nilo permaneceram no local, atendendo ao pedido de Irmão José para que acompanhassem a família até o cortejo final. Naqueles últimos momentos, Juselma vislumbrou rapidamente o passado daquele espírito e foi com igual gratidão que elevou seu pensamento ao Alto para orar.

Mel, em existência anterior, abusou muito do álcool e do cigarro. Jovem bonita, influente, terminou seus dias em profundo abandono de si mesma e, como suicida indireta, acordou no plano espiritual experimentando muitas dores e sofrimentos. Depois de longo tempo, reagiu, rogando a Deus Pai uma nova oportunidade – voltar com aqueles que haviam sido seus pais naquela ocasião e que, na verdade, também não se empenharam muito em lhe oferecer regras de conduta ajustadas ao código moral divino. Agora, com essa última vivência, encontravam-se todos envolvidos nas suaves vibrações da consciência tranquila pelo dever cumprido.

São muitas as oportunidades que a vida oferece aos indivíduos para que se realinhem às divinas leis e urge que estes não as desperdicem novamente, considerando suas responsabilidades consigo mesmos, com o Pai Maior e com o Universo.

Não se pode esquecer jamais que a lei é de Amor e que afrontá-la com comportamentos infelizes levará o indivíduo ao sofrimento e à dor – impostos pela própria mente culposa, que passa a exigir urgente reparação, somente possível por meio do trabalho incansável no bem e da transformação interior.



2. *Acolhido num reduto de amor*



O dia amanheceu lindo. A claridade vibrante do sol inundava a Colônia, envolvendo todos os pacientes, todos os operários do Cristo ali dispostos ao serviço do bem. A vegetação deslumbrante acordava preguiçosamente, embalando com suavidade as últimas gotículas de orvalho que se recusavam a dizer adeus à madrugada.

Desde as primeiras horas da manhã, Fábio Henrique, o coordenador desse reduto de amor, circulava entre as enfermarias, consolando os enfermos e orando com aqueles que já conseguiam estabelecer uma conexão sincera com Deus.

Quase todos os pacientes ainda estavam sofrendo os reflexos das dores, dos sofrimentos, do mal-estar que viveram antes da desencarnação. Alguns misturavam as imagens das experiências vividas no equívoco e, perturbados em decorrência dessas lembranças infelizes, prolongavam seu tempo de recuperação. E havia alguns que tinham mesmo de ser isolados, tal seu estado de desequilíbrio: viviam longos períodos de convulsões dolorosas, o que exigia uma vigilância constante dos enfermeiros daquela área, que precisavam se revezar constantemente.

Fábio Henrique acompanhava de perto a recuperação de Augusto, rico empresário que havia sido acometido por um câncer num órgão de importante função no corpo físico. Homem maduro, ainda que não aparentasse a idade que tinha em virtude da fisionomia jovem, assim mantida graças aos recursos de que dispunha na época, Augusto, ao receber o diagnóstico, negou peremptoriamente a doença. Só mesmo quando ela deu sinais evidentes de que iria impossibilitá-lo de levar uma vida aparentemente normal foi que atendeu aos apelos da família e saiu em busca dos recursos mais modernos que a Medicina podia lhe oferecer. A partir

daí, ultrasensível às próprias necessidades, passou a peregrinar por clínicas e hospitais equipados com aparelhagem “de ponta”.

Augusto, entretanto, não escondia sua revolta e sua indignação com Deus e Seus emissários: enumerava incansavelmente os projetos sociais que mantinha em sua empresa, declinando de “a” a “z” cada um dos serviços de apoio que oferecia a seus empregados com o objetivo de lhes proporcionar um ambiente de trabalho agradável. Sem dúvida, isso era notável e de conhecimento público. Tanto assim que, muitas vezes, sua empresa servia de modelo na área da assistência social, entendida também como fator preponderante para a melhoria da produtividade de seus funcionários. “Qual o pai, qual a mãe não gostaria de estar no mesmo ambiente que seu filho, seja um bebê ou um juvenzinho?” – perguntava sempre, orgulhoso do seu último feito: um educandário que mandou construir junto à empresa, seguindo os padrões mais modernos da época. Para o funcionamento da instituição, contratou profissionais para ministrar as aulas e para o atendimento das necessidades dos filhos dos empregados, dos primeiros meses de vida até os dezesseis anos. De fato, os pais chegavam com os filhos, voltavam juntos para casa, encontravam-se nos intervalos de trabalho e também quando havia alguma emergência. Até uma pequena clínica foi instalada para atendimento de primeiros socorros, vacinas e exames simples dos cadastrados, embora, muitas vezes, atendessem urgências da população vizinha.

Realmente, era considerável a assistência que Augusto oferecia a seus empregados – com certeza absoluta, de inestimável valor moral – e, dessa forma, era reverenciado por todos, que não se cansavam de lhe externar sua gratidão. Mas ele era impermeável a todas as manifestações de apreço – muito orgulhoso, tudo fazia pensando em seu próprio sucesso, na produtividade dos seus funcionários, no crescimento da sua empresa.

Dolores conhecia bem o esposo e, ao mesmo tempo que o aplaudia por tanta benemerência, temia por sua índole tão orgulhosa. Como sofreu a dedicada senhora ao tomar conhecimento da enfermidade que o visitava! Sofreu muito – sofreu ao ver que ele negava a doença, sofreu pela revolta que invadiu o coração do marido, sofreu pelo sofrimento da família. Dolores quase adoeceu também. E não fosse o cortejo carinhoso e sincero dos amigos e da família junto dela, talvez não tivesse suportado.

No plano dos espíritos, inúmeros foram os irmãos que se dispuseram a auxiliar a família: muitos, familiares ou não, haviam usufruído dos benefícios da empresa e sentiam uma necessidade imensa de demonstrar sua gratidão ao ex-patrão. E havia também aqueles que pranteavam ao acompanhar a insatisfação e a rebeldia do “doutor” Augusto, por saberem que “assim ele só ia dificultar as coisas”...

– Augusto parece mais calmo hoje – comentou Fábio Henrique com o enfermeiro que acompanhava o empresário naquela manhã.

– Sim – respondeu prontamente o eficiente trabalhador. – Mas ele não passou bem a noite: aqueles pesadelos voltaram a assaltá-lo e, numa determinada hora, sentimos que era necessário contê-lo. Fizemos orações, conforme prescrito, e aplicamos passes duas vezes num intervalo relativamente curto. Só depois disso ele se acalmou.

Após ligeira pausa, o rapaz continuou, com serenidade:

– O que nos entenece, Senhor, são as orações de gratidão que ele recebe daqueles que deixou na Terra. São tão sinceras, tão espontâneas e providenciais! Ah... na verdade, nem nós mesmos sabemos o que se passa na nossa intimidade, não é, Senhor?

– Nada de “senhor”, meu querido! Por favor, somos irmãos... Esse tratamento cheio de cerimônia não cabe na nossa relação. Vamos abolir isso e asseguro a você que vou me sentir melhor – completou o venerando mentor, sorridente.

O jovem assistente aquiesceu com um leve movimento da cabeça. Antes que pudessem continuar o amistoso diálogo, Augusto se mexeu no leito onde estava acomodado entre lençóis limpíssimos. Gemendo baixinho, movimentava o corpo como se tentasse se livrar de algum peso que parecia incomodá-lo muito. Fábio Henrique aproximou-se, impôs as mãos sobre a cabeça do paciente e orou silenciosamente, acompanhado pelo jovem enfermeiro, que logo compreendeu a atitude que lhe cabia naquela hora.

Após alguns minutos, Augusto, recobrando a serenidade, modificou a fisionomia. Fábio Henrique fez algumas recomendações e, despedindo-se do colaborador, disse-lhe que, se houvesse necessidade, poderia chamá-lo. Pensativo, o mentor dirigiu-se ao jardim, que ficava ao lado das enfermarias, ali implantado

propositalmente para oferecer aos pacientes um local agradável que contribuísse para a sua recuperação.

Fábio Henrique passeava pelos canteiros floridos pensando no amoroso Mestre e em Sua mensagem de amor e, ao mesmo tempo, refletindo sobre os homens e suas dificuldades para seguir Jesus: “o amantíssimo Irmão desceu dos altiplanos, vestiu um corpo de carne, transitou por entre a multidão de homens orgulhosos, vaidosos, prepotentes, egoístas, voltados unicamente para a realização de seus interesses pessoais... Poucos, muito poucos foram aqueles que O acolheram no coração verdadeiramente e passaram a segui-Lo...”

Fábio Henrique pensava também em Augusto, homem que aos olhos do mundo merecia receber o título de criatura de valores morais excepcionais, por tudo que sabemos, mas que, movido em sua intimidade pelo amor a si mesmo, tudo fez em benefício próprio, tudo construiu para alimentar o seu orgulho. E agora... o quanto estava sofrendo... “Tenho certeza – confabulava o mentor consigo mesmo – que ninguém na Terra pode supor que ele tem vivenciado tantas dores. É... verdadeiramente, somente Deus pode ver o íntimo de cada um de nós... Fico feliz por poder ajudar esse grande amigo daquela região... me sinto responsável por aquela gente, pelos compromissos que assumi com eles... E ainda que Augusto tenha feito tudo o que fez visando apenas seus interesses pessoais, não podemos jamais desconsiderar o bem que levou a tantas e tantas famílias, modificando realmente a paisagem espiritual e material daquela área...”

Fábio Henrique encontrava-se tão mergulhado em suas reflexões que não ouviu o chamado delicado de Simone:

– Senhor, solicitam sua presença na enfermaria feminina Flores do Campo. Dona Sinara não está nada bem...

Imediatamente, ambos partiram na direção indicada pela jovem assistente: o chamado não poderia esperar.



3. *Caravana fraterna*



Quando os primeiros raios de sol começaram a pintar o dia de dourado, operosos trabalhadores da Colônia Resplendor já se encontravam na praça principal daquele reduto de recuperação de almas recém-saídas do corpo físico.

A temperatura agradável era mais um convite à alegria que reinava em todos os corações ali reunidos com o intuito de se prepararem para a tarefa do dia, que aconteceria de acordo com calendário e roteiro previamente estabelecidos: dali partiriam algumas caravanas de trabalhadores da seara divina a fim de visitar um grande hospital da região, onde iriam acompanhar mais de perto o atendimento dispensado aos pacientes, promovendo uma integração maior com aqueles que os acompanhavam do plano do espírito. Iriam rever as fichas reencarnatórias e analisar as possibilidades de dilatar o tempo previsto para a permanência desses pacientes na matéria, com bom aproveitamento dos dias que lhes fossem concedidos a mais. Participariam dessa visita não só os trabalhadores da Colônia, como também alguns espíritos que ali chegaram a fim de se restabelecerem da enfermidade que os levou de volta ao plano espiritual, mas já se encontravam em condições de trabalhar e desejavam muito levar a outros irmãos o carinho, o apoio e o amparo que receberam na ocasião do seu passamento.

A Colônia Resplendor, por socorrer irmãos que desencarnam em decorrência de câncer, dispõe de aparelhagem desenvolvida para tal fim e conta com alguns técnicos e com médicos que estudaram durante décadas a reconstituição de tecidos e órgãos lesados pela radioterapia e pela quimioterapia, e que ali prestam sua solidariedade juntamente com enfermeiros, psicólogos e terapeutas, que, seguindo as orientações do Divino Mestre, operam incansáveis na recuperação das almas a eles confiadas pelo Pai Maior.

Muitos são os pedidos que chegam à Colônia, vindos de várias localidades, em razão do trabalho que ali é realizado e, dessa forma, passado o período de recuperação e apresentando o paciente condições justas de optar sobre seus dias futuros, lhe é dada a oportunidade de escolher: pode permanecer ali o tempo que lhe aprouver ou ser “transferido” para uma localidade próxima à sua região de origem – tudo feito com muito critério, considerando o respeito e o cuidado dispensados pelo Criador à Sua criação. E muitos optam por ficar, deixando a condição transitória de “hóspedes-enfermos” para engrossarem a fileira dos trabalhadores.

Assim é que um clima de muita alegria predominava no ambiente, pois profundas eram a gratidão e a fé que inundavam o coração dos seareiros, quando Fábio Henrique apareceu entre os arbustos floridos que enfeitavam o local, para fazerem a oração. Ele era aguardado com muita expectativa: experiente operário da edificação do reino celestial no coração dos homens, prima pelo carinho e pela dedicação com que conduz tudo e todos – discreto, silencioso, transita entre as pessoas ali acolhidas e lida com as dificuldades originadas da convivência entre os irmãos com uma serenidade impecável, resolvendo os mais intrincados problemas com uma sabedoria imensa.

Fábio Henrique acomodou-se junto a um pequeno canteiro, onde rosas coloridas e perfumadas davam um tom de festividade à ocasião e, sem mais delongas, iniciou a prece, rogando bênçãos para os trabalhos que se iniciariam em seguida e agradecendo a todos que colaboravam para que a missão por eles planejada obtivesse o êxito desejado.

– Mestre amado, Nosso Senhor Jesus Cristo, neste momento em que aqui nos reunimos, é com imensa alegria e profunda gratidão que rogamos Vossas bênçãos para as tarefas que iremos encetar. Sem a Vossa assistência, Senhor, reconhecemos que pouco ou quase nada conseguiremos realizar, pois é a Vossa luz que irá clarear os caminhos por onde deveremos passar; são as Vossas doces e suaves vibrações, alimentando nosso coração, o alimento que ofereceremos aos irmãos que iremos visitar; é o Vosso amor sublime a medicação que ofertaremos aos enfermos, para que tenham as suas dores e os seus sofrimentos minimizados e tenham a esperança e a fé como as chaves que abrirão as portas de um tempo novo de transformação interior. Por favor, digno Irmão, nos inspire para que nossos dizeres

sejam acolhidos pelos nossos irmãos em aflição como lenitivo de paz e confiança nos dias futuros.

Enquanto Fábio Henrique orava, raios luminosos, azuláceos, partiam do seu tórax em direção à pequena assembleia de corações unidos ao seu em fervorosa prece. O ar parecia tingido por tons de azul e violeta, mas as pessoas que ali se encontravam reunidas com tanto fervor nem se davam conta das coloridas vibrações que inundavam todo o ambiente.

Fábio Henrique parecia transfigurado – com lágrimas suaves descendo por suas faces como se fossem cristais e voz visivelmente emocionada, terminou aquele instante de profunda comunhão com Jesus Cristo, pedindo a Ele que abençoasse toda a Colônia: os que, recém-chegados, ali faziam o tratamento de recuperação e aqueles que, em melhor estado, já haviam operado em si mesmos o processo de instalação da saúde integral.

Pediu o amado coordenador a Jesus que fortalecesse os trabalhadores que partiriam em caravana e, agradecendo a todos, um por um, rogou ao Mestre que derramasse Suas amorosas bênçãos sobre todo o planeta e sobre o hospital onde iriam visitar irmãos que ansiavam pela presença de bondade e ternura do Cristo de Deus para auxiliá-los a viverem aquela hora que guardava tanta aflição:

– Vós dissestes, Senhor: “Bem-aventurados os aflitos”.³ Então, nós Vos imploramos que serenai aqueles coraçõezinhos que estão passando pelas horas de prova, assim como aqueles outros que vivem as horas de expiação, para que possam compreender a oportunidade que está sendo oferecida a eles de desenvolverem as virtudes que se encontram em germe em seu campo íntimo. Obrigado, Senhor, muito obrigado! Com profunda gratidão, nós lhe agradecemos muito!

Muitos colaboradores, tocados intimamente pela prece do amado orientador, sentiam-se emocionados.

Em seguida, Irmão José, pedindo licença para falar, lembrou a todos algumas normas de procedimentos que deveriam ficar bem vivas na memória de cada um, especialmente na daqueles que estavam participando da tarefa pela primeira vez:

– O equilíbrio interior deve ser mantido durante todo o tempo. Se alguém se sentir por demais tocado diante de uma situação, deve, imediatamente, se recolher

em prece para não causar desajuste algum no recinto. Os grupos já foram definidos; então, por favor, tomem seus lugares. Partiremos juntos, em silêncio. Daqui a uma hora nos reuniremos no pátio do hospital para retornarmos juntos. Simone e Juselma, por favor, não se esqueçam de anotar os dados, conforme solicitado. E se alguém quiser fazer alguma observação, deve se dirigir ao chefe do grupo para que não surjam conversas paralelas que possam redundar em prejuízo para o trabalho. Alguma dúvida? – perguntou solícito.

Odair levantou a mão, timidamente, e disse:

– Irmão José, sei que vou encontrar lá no hospital aquele homem que destruiu minha vida, acabou com a minha saúde... Esses dias todos, desde que soube que poderia participar da caravana, tenho trabalhado comigo, de uma maneira mais intensa, o perdão. Mas, em alguns instantes, temo fraquejar... Não quero de modo nenhum atrapalhar o trabalho, mas, por outro lado, gostaria imensamente de não perder essa oportunidade de provar a mim mesmo que vou conseguir...

Odair estava com os olhos rasos de lágrimas. Irmão José foi em sua direção e o abraçou afetuosamente, dizendo:

– Estaremos juntos com você e acreditamos de verdade que você vai conseguir vencer essa animosidade que ainda traz no coração. Lembre-se: Jesus Cristo segue conosco!

Odair enxugou discretamente as lágrimas, e Irmão José, dirigindo mais uma vez o olhar aos grupos já formados, indagou se alguém gostaria de expor suas dúvidas.

Dessa vez foi Risoleta quem se adiantou:

– Irmão José, meu marido se encontra em estado terminal. Ao lado dele está a mulher por quem ele me abandonou e também os filhos desse casamento. Os filhos que tivemos juntos nem sabem da condição do pai porque foram abandonados por ele assim que eu voltei para cá. Na verdade, eles odeiam o pai...

Risoleta fez breve pausa e falou, firme:

– Irmão José, você acha que posso ajudar no desligamento dele ou devo me manter a distância?

– Minha irmã, sei do seu progresso, acompanho seu esforço, sua perseverança e acredito nos bons sentimentos que traz hoje em seu coração... Então: por que

não? Mostre a Jesus que hoje, superadas as dores e as lutas do passado, você tem esse irmão como um companheiro da luta redentora. Não temos tempo a perder. Acredito que você vai viver essa oportunidade com muito respeito e muito carinho pelas condições atuais em que esse irmão se encontra. Sem considerar que, se ele perceber a sua presença, terá oportunidade de lhe pedir perdão. Como sabemos, ele tem desejado tanto... Vamos, vamos, irmã, vamos viver os ensinamentos de Jesus Cristo, colocando em prática o conhecimento que recebemos aqui.

E, lançando o olhar sobre todos, disse finalmente:

– Partamos! A hora não nos espera!



4. *A importância do perdão*



Risoleta entrou no quarto onde se encontrava seu ex-marido sentindo o coração bater mais forte. Respirou fundo e convidou firmemente Jesus Cristo a acompanhá-la naquela hora. Sabia muito bem que não devia fraquejar. “Há quanto tempo estou me preparando para este momento... É hora de testificar minha mudança interior... Preciso me manter firme... Tenho certeza de que Jesus está aqui conosco.”

Simone acompanhava Risoleta, cumprindo orientação do Irmão José, que achava mais prudente que nossa irmãzinha não ficasse sozinha naquele momento tão importante para ela. As duas entraram silenciosamente no quarto, onde já se encontravam irmãos que faziam parte da equipe socorrista daquela instituição de amor. O desligamento do paciente deveria ser iniciado nas horas seguintes.

O médico no plano físico auscultava o enfermo e constatava, pelos sinais vitais muito fracos, que realmente nosso irmão estava encerrando sua passagem pela Terra. Em seguida, com um movimento leve, convidou a senhora que estava ao lado do enfermo a acompanhá-lo – sentia necessidade de preveni-la quanto à real situação do seu esposo.

Quando ambos deixaram o quarto, o ex-esposo de Risoleta abriu os olhos e a viu em espírito. Tomado de profunda emoção, começou a chorar copiosamente e, buscando forças no íntimo do seu coração, pediu-lhe perdão repetidamente, insistentemente, com as palavras entrecortadas pela emoção. Esforçou-se para levantar do leito e pegar nas suas mãos, na esperança de beijá-las, e com esse movimento o suporte que mantinha a medicação presa a seu braço caiu, fazendo um grande barulho, o que chamou a atenção do médico e da senhora, que conversavam no corredor.

Assustados, os dois correram a acudir o enfermo, que parecia delirar. Risoleta, calmamente, percebendo o esforço sincero de reconciliação daquele que tanto a fizera sofrer, estendeu-lhe as mãos afetuosamente e, sorrindo, sussurrou em seu ouvido: “Eu te perdoo.” Lágrimas escorreram pelas faces de José: lágrimas de gratidão, lágrimas de alegria, lágrimas de reconhecimento pela incomensurável misericórdia de Deus, que a eles concedia a oportunidade de se reencontrarem sob as bênçãos do Seu imenso amor.

O ex-esposo de Risoleta sorriu agradecido e suspirou, aliviado, pensando: “agora posso entregar minha alma a Deus”. A senhora que o acompanhava e o médico nada compreenderam, pois não puderam acompanhar o que se passara no plano dos espíritos. “É o delírio que antecede a morte, minha senhora”, tentou explicar o médico, ante o comportamento inusitado do paciente. Chamou a enfermagem para refazer a medicação e limpar o quarto e despediu-se da esposa do moribundo, aconselhando-a a chamar a família.

Risoleta e Simone participaram da prece feita pela equipe socorrista, que, em seguida, iniciaria o processo de desligamento daquele companheiro. O câncer já havia tomado todo o seu pulmão, o que lhe causava grande desconforto e lhe exigia um esforço enorme para respirar. O coordenador dos trabalhos no plano dos espíritos aplicou-lhe uma medicação a fim de suavizar sua necessidade de respirar mais profundamente, acalmando, assim, a função respiratória do seu organismo, que já se encontrava em processo de desligamento. Quase que imediatamente ele deu sinais de estar respirando serenamente.

Simone despediu-se do grupo e convidou Risoleta a acompanhá-la:

– Vamos, amiga! Mais tarde, seu ex-esposo estará conosco na Colônia. Agora, devemos ir. Nossos irmãos vão fazer o trabalho de desligamento: eles são técnicos preparados para esse serviço. Não temos dúvida da capacidade dessa equipe. Precisamos encontrar o Odair. Ele está me aguardando: ficou combinado que vou acompanhá-lo na visita que deseja fazer ao seu ex-sócio Otávio, que também está com os dias contados, mas, pelos relatórios que recebemos, o processo de desligamento dele não vai começar hoje.

Despedindo-se da equipe dos técnicos, trabalhadores de Jesus, Risoleta acompanhou Simone. Sentia-se profundamente reconfortada. Sabia que, de

acordo com as normas da Colônia, não poderia acompanhar de perto o tratamento de José. Sabia também que as lembranças do passado poderiam causar muito desconforto, pesar, tristeza... a ambos. Então, os coordenadores responsáveis pela recuperação de José não permitiriam mesmo esse acompanhamento, e ela, intimamente, concordava com eles, mas sempre que lhe fosse permitido iria visitá-lo. Saberia esperar o momento certo, a hora certa para estar com ele novamente, até porque já havia aprendido a confiar em Deus e sabia que tudo acontece para o nosso melhor – é só “ter olhos de ver e ouvidos de ouvir”.⁴

Simone e Risoleta deixaram o quarto e viram Odair sentado num banco no final do corredor. Aproximaram-se dele em silêncio, Risoleta o cumprimentou com um leve aceno de cabeça e, após agradecer à Simone, foi se encontrar com os demais componentes do grupo.

Em seguida, Simone e Odair dirigiram-se ao quarto de Otávio, o ex-sócio de Odair, e o encontraram com febre alta, em visível estado de aflição. Ao lado da cama, sentado numa cadeira aparentemente confortável, seu filho mais velho lia o jornal do dia, sem ao menos perceber a agitação do pai, que, ofegante, tentava lhe pedir um copo d’água.

O quarto estava cheio de desencarnados. Do outro lado da cama do enfermo, estavam sua mãe e seu pai em espírito – pessoas boas, trabalhadores incansáveis do bem, que pela força da oração tentavam manter uma rede de proteção em torno do filho, conscientes que estavam de seus desvios morais. A luta que os genitores de Otávio travavam com alguns irmãos que ali se encontravam, aguardando uma brecha, pequena que fosse, para perturbá-lo, era intensa, até porque não contavam com o auxílio dos familiares encarnados presentes, pois todos só acreditavam mesmo no poder do dinheiro.

Quando Odair entrou no quarto e deparou com os espíritos visitantes, ficou visivelmente surpreso – não esperava encontrar outros irmãos envolvidos com seu ex-sócio, mesmo porque não conhecia muito do seu passado. A presença de Jair, um ex-funcionário da firma, junto dele, num estado mais que deplorável, o assustou muito. Soubera por colegas de trabalho que Jair havia falecido num

acidente de carro, mas, pelo que podia avaliar naquela hora, as coisas pareciam não ter sido bem assim...

Simone, percebendo os sentimentos desconexos do seu tutelado, convidou-o a fazer uma prece, não só para que ele se recuperasse da surpresa desagradável que teve com o quadro que presenciou, como também para pedir proteção para o enfermo, fortalecendo a corrente que seus pais mantinham à sua volta. Simone pensou também em oferecer auxílio a Jair, mas, para isso, deveria contar com a colaboração de Odair.

Nesse momento, uma enfermeira entrou no quarto e, percebendo que o paciente estava com febre muito alta, acionou a campainha para que outros colegas viessem ajudá-la a administrar-lhe medicamentos rapidamente, antes que ele entrasse em colapso. O filho de Otávio simplesmente se levantou da poltrona e se acomodou no pequeno sofá perto da janela, totalmente indiferente aos procedimentos que os enfermeiros realizavam para socorrer seu pai. Era visível seu aborrecimento... Sem conversas, a equipe técnica encarnada atendeu Otávio com presteza, e ele logo manifestou alguma melhora.

Simone e Odair começaram a orar fervorosamente. Odair estava simplesmente chocado: jamais lhe passara pela mente que seu ex-sócio tivesse agido com tanta desonestidade, com tanta astúcia também com outras pessoas. Lembrou com clareza o dia em que ele o convidou para se associar à firma, “já que Jair havia sofrido um acidente e todos estavam muito entristecidos”. Agora podia avaliar realmente a extensão dos males causados por Otávio, e um profundo sentimento de compaixão por ele tomou conta do seu coração. Assim, orou, orou muito, rogando a Deus misericórdia para aquele homem que, futuramente, deveria voltar sobre os próprios passos para reparar os danos que causou.

Odair sentiu-se livre e grato, imensamente grato a Deus, a Jesus, a Simone, a todos que o haviam ajudado a chegar até ali e, dessa forma, possibilitaram que, naquele momento, ele se libertasse de vez daquela situação que tanto o angustiara – foram anos e anos de muita dor, muita revolta, muita inconformação... “Ah! Se não fosse a minha Verinha, eu não teria conseguido...” – pensou com o coração cheio de gratidão pela esposa, que ainda se encontrava encarnada.

Terminada a oração e passados alguns minutos, Simone o chamou a um cantinho do quarto e lhe falou que planejava socorrer Jair, mas, para isso, precisaria do seu auxílio. Jair não podia vê-los, pois se encontrava em grave estado de perturbação. Odair surpreendeu-se novamente, dessa vez com o pedido de Simone, e confessou-lhe que acreditava ainda não ter condições de ajudar alguém. Estava, de fato, se sentindo renovado, mas... ajudar o outro... Ah! Isso seria muito para ele...

Simone, entretanto, não desanimou e ali mesmo montou uma estratégia para abordarem Jair. Contudo, deveriam primeiramente falar com a equipe e também com Irmão José – nada fariam sem o consentimento dele. Tomadas essas providências, ficaram aguardando o momento certo para se aproximarem de Jair. Este, de início, assustou-se e tentou fugir do local, mas foi cercado pelos membros da equipe e viu que não tinha como escapar. Foi assim que muito a contragosto ouviu os argumentos de Odair, “que ele só conhecia de longe” e que, vez ou outra, parecia a seus olhos “ter tomado o seu lugar”.

As palavras de Odair, ditas com imenso respeito e sincero afeto, tocaram o coração de Jair, que percebeu, naquele momento, que estava exausto, extremamente cansado, e por pouco não desfaleceu ali mesmo. Depois de um choro convulsivo, conseguiu balbuciar algumas poucas palavras, concordando com o convite para seguir com o grupo, e, sem resistência alguma, deixou-se levar. Precisava de repouso: o ódio, o desejo de vingança haviam consumido todas as suas energias...

Odair deixou o quarto sem olhar para Otávio. Com certeza, se preciso fosse, iria ajudá-lo, mas, dali para a frente, teria outras coisas para fazer – seu passado e suas dores seriam arquivados. A vivência com seu ex-sócio lhe trouxe muitas lições, mas agora cuidaria com muito bom ânimo e perseverança no bem de outras questões que viriam. Seu olhar seria para o futuro e trabalharia para que este fosse o melhor possível para suas idealizações.



5. *Prece – bálamo divino*



De longe, Simone observava Clodoaldo, que, naquela manhã, desde as primeiras horas do dia, encontrava-se sentado no banco que ficava mais afastado do jardim, debaixo de um flamboyant florido, que, vez por outra, deixava cair sobre ele uma flor, como a saudá-lo.

Clodoaldo parecia absorto na leitura do livro que trazia entre as mãos, mas Simone, que o seguia com os olhos, sabia bem que o pensamento do irmão recém-chegado à Colônia Resplendor ia e vinha nos arquivos de sua última existência.

Clodoaldo havia desencarnado em consequência de um câncer. Na verdade, essa enfermidade constava de seu programa reencarnatório apenas como ocorrência possível, pois a proposta inicial era que ele, com o passar dos anos, conseguisse diluir sua irritabilidade, sua impaciência... Em algumas situações, Clodoaldo tornava-se mesmo irascível, verbalizando com palavras grosseiras seu descontentamento com a vida.

Numa encarnação anterior à sua última existência, esse irmão, então estudioso da física, vivia fechado no laboratório. O pouco contato que tinha com a família, os amigos e os colegas de trabalho causava-lhe muito descontentamento. Era um homem bom, correto, digno, mas quando se impacientava ...

Após essa experiência, renasceu numa pequena cidade interiorana e recebeu o nome de Clodoaldo. Filho de família sem recursos materiais, desde cedo precisou trabalhar para ajudar no sustento da casa. Moravam atrás da escola e assim ele pôde respirar os ares do meio estudantil, atenuando seu afastamento do ambiente do laboratório da outra existência. Casou-se com uma professora, Jovina, moça boa “como só ela”, e tiveram seis filhos, crianças muito amorosas, educadas e que pouca preocupação traziam para os pais.

Clodoaldo, nessa época, vendia doces e salgados para funcionários e alunos da escola, e assim conseguiu criar os filhos. A oportunidade que teve de se relacionar com muitas pessoas em razão de sua atividade profissional, com a esposa, os filhos e alguns poucos amigos, não foi por ele bem aproveitada: a irritabilidade, a exasperação e até mesmo alguns laivos de revolta por não conseguir amealhar recursos materiais que lhe possibilitassem oferecer mais conforto à família, comprometeram sua saúde física. A partir de uma certa idade, tudo o que comia lhe fazia mal, até que a doença se instalou, sem recuperação.

Jovina e os filhos foram incansáveis nos cuidados com ele: criaram um sistema de revezamento para não deixá-lo sozinho e, sempre muito afetuosos, tentaram diminuir ao máximo suas dores. Foi nessa época que Clodoaldo despertou: observando os cuidados e a atenção da família para com ele, e até mesmo a consideração dos conhecidos, compreendeu o quanto havia sido infiel aos ensinamentos de Jesus Cristo, que falou da paciência, da calma, da brandura, convidando o homem a ser pacífico e sereno. Compreendeu o verdadeiro valor das relações afetivas. Compreendeu que manter a família, provê-la com recursos materiais não era suficiente – deveria ter sido mais cordato, mais tolerante consigo mesmo, com todos, enfim...

Simone, distante dele, percebeu que Clodoaldo enxugava discretamente algumas lágrimas que insistiam em cair. O recém-chegado lamentava profundamente suas atitudes: como não havia percebido o quanto Deus havia sido misericordioso e bondoso com ele? O livro pendeu de suas mãos, caindo no gramado do jardim. Ao mesmo tempo, Clodoaldo, cobrindo o rosto com as mãos, chorou copiosamente.

Simone aproximou-se devagarinho, sentou-se a seu lado e começou a orar:

– Senhor! Deus do universo, Pai de todos nós, perdoai-nos! Por favor, Senhor, perdoai-nos! Sabemos da Vossa bondade infinita, sabemos que sois piedoso e Pai de Amor. Então, por favor, perdoai-nos! Sentir o Vosso perdão, sentir as Vossas bênçãos compassivas sobre nós é sentir a Vossa luz a nos envolver, alimentando-nos de esperança, de força e de coragem para que possamos prosseguir no rumo da nossa transformação interior. Que consigamos trabalhar, trabalhar muito, com esforço sincero, no nosso autoaprimoramento, educando-nos conforme os

exemplos sublimes do nosso amado irmão Jesus Cristo! Auxiliai-nos, Senhor! Deus Pai, auxiliai-nos, por favor! Confiantes na Vossa sublime assistência, agradecemos muito a Vós!

Simone estava profundamente emocionada. O sentimento de ternura que emanava de seu coração bondoso envolveu Clodoaldo como um manto, e ele, mais calmo, se refez das emoções causadas pelas lembranças de sua última existência. Sorrindo, Simone lembrou-lhe que faltavam poucos minutos para o tratamento, que, naquele dia, aconteceria no final da manhã. Clodoaldo agradeceu com um sorriso discreto, enquanto apanhava o livro na grama verdinha.

Simone, pedindo licença, afastou-se. Sentia-se muito feliz por ter ajudado o irmão a se reequilibrar. O tratamento que ele estava recebendo ainda não havia chegado nem na metade, mas tinha certeza de que logo, logo, ele estaria bem.

– Simone! Simone! – era o Irmão José quem a chamava. – Precisamos da sua ajuda, por favor. Melzinha está muito inquieta. O sono dela está muito agitado e tememos que possa ter uma convulsão. Isso complicaria muito o seu despertar... – concluiu pesaroso o nobre mentor.

– Mas por que isso agora? – indagou Simone. – Seus pais estão tão serenos! Sofridos, sim, mas, até onde eu sei, têm se comportado como verdadeiros cristãos, como espíritas conscientes da caminhada do espírito... – ponderou a jovem, demonstrando pelo tom de voz toda a sua surpresa.

– Sim, minha irmã, eles estão conformados, mas alguns familiares de Mel estão planejando entrar na Justiça contra o corpo médico e o hospital, alegando negligência no atendimento da menina... Mas o pior é que, na verdade, o que esses familiares querem é extorquir a direção da Santa Casa, com o único propósito de ganhar dinheiro fácil. Os pais da Mel não têm conhecimento desses despautérios, mas a criança tem recebido dessas mentes infelizes dardos com vibrações negativas que podem lhe fazer mal, muito mal... – concluiu Irmão José.

– Então, querido Irmão, acerquemo-nos imediatamente do leito onde se encontra a nossa menininha. Precisamos, com urgência, protegê-la desses sentimentos tão mesquinhos para que não interfiram em sua recuperação.

Quando os dois entraram no quarto onde Mel deveria estar dormindo tranquilamente, encontraram Juselma com ela nos braços, tentando acalmá-la.

Mel chorava aflita. Com os olhinhos fechados, inquieta, parecia impermeável ao carinho da dedicada assistente.

Simone e Irmão José entenderam que, naquele momento, o passe seria a medicação mais indicada para dispersar as energias infelizes que assaltavam a criança e que, em seguida, deveriam alimentá-la com vibrações doces e suaves para que ela recuperasse a serenidade.

Assim fizeram, e Mel aconchegou-se com visível bem-estar nos braços de Juselma. Agora, os três deveriam estabelecer um plano para proteger Mel das investidas dos seus familiares inescrupulosos.



6. Convite à renovação



Juselma dirigiu-se à sala onde seus amigos se encontravam reunidos, a fim de estabelecerem um plano de atendimento a Mel, de forma a protegê-la das interferências que chegavam do plano material. Já inteirada dos fatos, Juselma se reuniria com os colegas e, juntos, levantariam barreiras vibratórias para protegerem a criança recém-chegada da Terra.

A doce enfermeira deslizava pelo extenso corredor, em oração. Amorosamente, rogava aos céus que derramassem bênçãos de luz sobre todos aqueles irmãos internados na Colônia Resplendor, alguns dos quais passavam por processos dolorosos de reajuste, vivendo a inconformação, a revolta, por ainda estarem sofrendo o desconforto da doença que os levou de volta ao plano espiritual.

Outros, em condição um pouco melhor, conseguiam externar suas dores íntimas e lamentavam terem causado a si mesmos tantos males. Havia também aqueles que sofriam as dores do apego, inconformados por não poderem usufruir dos recursos amealhados com muito suor, depois de muito trabalho, de muito sacrifício. E tantos outros, com dificuldades diversas, que, ao tomarem consciência de suas desditas, sobre elas haviam deitado o coração tomado pelo remorso e pelo arrependimento.

Juselma, todos os dias, orava por esses irmãos, compadecida de suas dores, e, sempre parafraseando Jesus Cristo, pedia ao Pai Celestial: “Pai, perdoe-os! Eles não sabiam o que faziam”. E completava: “hoje sofrem as consequências dos seus desatinos... Asfixiados pela revolta, pela indignação, se perderam nos caminhos dos prazeres fáceis...”

Continuava Juselma a sua trajetória, envolvida nas vibrações doces que fluíam de seu bondoso coração, quando ouviu alguns soluços. Parou, então, para localizar

de onde vinha aquele som, e novamente ouviu, e com clareza, soluços entremeados de profundos suspiros. Imediatamente identificou: vinham dos aposentos de Felícia. Sem pestanejar, para lá se dirigiu, momentaneamente esquecida do seu compromisso com Irmão José. Bateu na porta levemente e entrou, sem esperar o consentimento da jovem que ali se encontrava instalada.

Felícia tinha aproximadamente vinte e cinco anos e estava noiva quando teve diagnosticada uma enfermidade no aparelho digestivo. Jovem, cheia de vida e de planos, não deu muita atenção ao incômodo que, em alguns momentos, causava-lhe dor e até mesmo náusea. Passou a tomar alguns remédios caseiros e chás, acreditando resolver o problema. “São as preocupações com o casamento... nesse período de noivado preciso arrumar tudo a tempo e a hora, até mesmo porque João Tomaz é muito exigente e disse que não vamos casar enquanto não estiver tudo pronto...” – repetia ela o tempo todo para justificar seu corre-corre.

Como estava sempre alegre e bem-humorada, seus pais não se preocuparam com sua carga excessiva de trabalho, mas, certa manhã, Felícia não conseguiu se levantar. Chamou pela mãe, que foi encontrá-la na cama, abatidíssima:

– Quase não dormi à noite. Estou sentindo uma dor tão forte no estômago que nem consigo respirar. Não consigo levantar, mãe, me ajude! – falou chorando.

Sua mãezinha não teve dúvida da gravidade do estado da filha, que, pálida, com olheiras profundas, mal conseguia ficar de pé... Da noite para o dia, sua filha estava totalmente modificada. “Meu Deus!” – pensou aflita. “E agora, Senhor? E agora?”

Feitos os primeiros exames, foi diagnosticado um tumor no estômago com metástase no pulmão. A cirurgia para a retirada do estômago deveria ser realizada imediatamente e o tratamento prosseguiria conforme o protocolo, assim que a moça se recuperasse da operação. Tiveram um grande susto...

Mas Dona Olímpia, senhora fervorosa, não se deixou levar pelo pessimismo, tampouco pelo desânimo. Participante assídua de uma fraternidade espírita, valeu-se de todos os recursos terapêuticos que pudessem auxiliar na recuperação de sua filha. E todos se uniram para transmitir à jovem noiva vibrações de bom ânimo, confiança e esperança.

Felícia, cheia de fé e jovialidade, também não se deixou abater: logo iria começar o tratamento e, ficando boa, daria continuidade aos preparativos do seu casamento.

E João Tomaz? Este, a partir do momento em que lhe comunicaram a enfermidade da noiva, fechou-se: “parecia um bloco de gelo”, como costumava comentar, triste, a mãezinha da enferma. “Justo agora, que vamos precisar tanto dele para animar Felícia... Meu Deus, por que tamanha indiferença?”

Ninguém encontrava resposta para o comportamento do moço. Fazia visitas à futura esposa como se estivesse cumprindo apenas um dever: nenhum gesto de carinho, tampouco palavras de otimismo. Todos notaram o afastamento do rapaz, e quando Felícia comentava com ele algo sobre os preparativos do futuro consórcio, respondia, impassível:

– Nós só vamos tratar disso depois que você ficar boa.

A jovem, de início, acreditou que o noivo procedia assim para não cansá-la e que, no fundo, ele desejava poupá-la dos aborrecimentos, das contrariedades que poderiam vir em virtude dos arranjos que envolviam esse assunto. Mas, com o passar do tempo, Felícia percebeu o afastamento de João Tomaz: as visitas ficaram mais escassas e, quando estavam juntos, o jovem permanecia quase todo o tempo em silêncio ou, se falava, comentava sobre trivialidades. Nada falava sobre si mesmo nem se interessava muito pelo tratamento e pela recuperação da noiva.

Com isso, Felícia começou a apresentar dificuldades para assimilar a medicação indicada. Sentia-se mais cansada e mal-estares de toda natureza não lhe davam trégua: a cada hora manifestava-se um sintoma. Sem dúvida, todos atribuíam o agravamento do estado de Felícia ao distanciamento do noivo.

Certa ocasião, Dona Olímpia pediu a ele que ficasse mais presente e, se possível, que acompanhasse a futura esposa à clínica onde tomaria a medicação. O jovem, impassível ao apelo da amorosa mãezinha, apenas considerou:

– Estou fazendo o meu melhor.

No final da semana seguinte, ele não apareceu nem telefonou – foi a resposta que deu ao pedido de Dona Olímpia. A indiferença de João Tomaz transformou-se no maior sofrimento de Felícia. A moça não conseguia compreender por que o rapaz se comportava assim e, sentindo-se traída, desprezada, perdeu as forças

íntimas para lutar por sua recuperação: sem que os médicos pudessem explicar a causa, uma infecção tomou subitamente todo o seu organismo, levando-a a óbito.

Juselma, de pé, ainda junto da porta, observava a jovem, cujos olhos vermelhos de tanto chorar mostravam que sofria profundamente a dor do abandono. Felícia chegara à colônia havia cinco anos e pouco fizera por si mesma. Sua mãezinha, consciente da condição do espírito após deixar o corpo físico, orava muito pela recuperação da filha. Sabia bem que o motivo do falecimento da jovem não fora somente a doença, mas a indiferença, o desprezo do noivo, que parecia tê-la abandonado, ainda que se fizesse presente nas visitas, que, com o passar do tempo, foram só diminuindo. Não guardava mágoas do rapaz, mas temia pelo equilíbrio da filha na nova condição que estava vivendo.

Felícia, realmente, ainda não havia conseguido se recuperar. Na verdade, não perdoara o noivo pelo abandono, e essa questão tornara-se tão presente em sua mente que esquecera todos com os quais havia convivido, inclusive sua atenciosa mãezinha. Saudades? Juselma chegara a pensar que ela não sentia saudades de ninguém, já que o noivo ocupava todos os seus pensamentos.

Pesarosa, a delicada enfermeira ficou a observar a jovem mais um pouco: ela ainda não conseguira recuperar as cores na face, continuava pálida...

Como havia sido informada, vez por outra a jovem sentia os reflexos da doença, com dores por todo o corpo em virtude da infecção que teve. Quase diariamente, a equipe responsável por seu tratamento lhe aplicava passes e lhe administrava água fluidificada. Felícia passava uns dias melhor para depois cair novamente num estado lamentável de dores e lágrimas intensas.

Certa feita, a jovem, passeando pelos jardins da colônia acompanhada de uma enfermeira, deparou com um rapaz que acreditou ser João Tomaz – assaltada por uma forte emoção, desmaiou e neste estado de semi-inconsciência permaneceu por quase um mês, trazendo muitas preocupações para seus mentores, que permaneceram a seu lado diuturnamente, temerosos de que seu desequilíbrio emocional pudesse causar graves consequências a seu campo mental.

Com muito cuidado e muita paciência, Felícia foi se recuperando pouco a pouco e, a cada dia, apresentava pequena melhora.

Juselma estava ali parada já havia algum tempo, sem que a enferma se desse conta de sua presença. Buscou, então, na prece o amparo que sabia ser essencial para auxiliar a jovem desencarnada a sair do estado em que havia mergulhado. Em tom audível, iniciou sua oração para a jovem que, embora a seu lado, continuava alheia à sua presença:

– Mestre Amado, atendei-nos, por misericórdia! Neste momento em que buscamos a Vossa figura magnânima, o nosso coração se enche de esperança! Rogamos, Mestre, o Vosso socorro para esta nossa querida irmã!

Juselma orava com tamanha sinceridade e nobreza de propósitos, que vibrações suaves, partindo do seu centro cardíaco,⁵ inundaram todo o ambiente, transformando-o, naquela hora, num tabernáculo de luz. Com lágrimas a lhe escorrerem pela face, continuou:

– Vós que sois o terapeuta divino, profundo conhecedor dos recôncavos da nossa alma, auxiliai-nos a auxiliar esta irmãzinha a encontrar em si mesma a força e a coragem – também exemplificadas por Vós nas horas em que fostes envolvido pela concupiscência dos homens –, para que ela consiga caminhar pelas veredas das experiências evolutivas e alcançar, pelo seu esforço e pelo seu empenho, os níveis sublimes da paz, vivenciada pelo exercício sincero do perdão, do esquecimento das faltas alheias. Mestre querido, aqui me coloco como instrumento da Vossa intervenção em favor da nossa querida enferma. Então, por favor, permiti que eu transmita a ela energias revigorantes como auxílio fundamental para sua recuperação integral.

Dizendo isso, a doce enfermeira estendeu as mãos na direção da cabeça de Felícia, e raios azuláceos, que despendiam chispas douradas, cobriram todo o corpo da jovem, desde o alto de sua cabeça até seus membros inferiores. Foi um momento em que o amor, plenamente vivenciado pelo desejo sincero e desinteressado, auxiliou o próximo em falência moral.

Profundamente agradecida e feliz, Juselma reiterou ao Mestre Jesus Cristo sua manifestação de reconhecimento.

Passados alguns instantes, Felícia voltou o olhar para Juselma e sorriu. Era o sinal que esta aguardava para estabelecer um ligeiro diálogo. Sob amorosa inspiração, Juselma convidou a jovem a colaborar na elaboração de um programa

de estudos evangélico-doutrinários para os recém-chegados à Colônia Resplendor. O responsável por aquele trabalho havia sido transferido para outra tarefa e, como era norma na Colônia, o que fosse assumir a atividade daquele que havia sido realocado deveria apresentar suas ideias para atender os objetivos propostos.

Um pouco indecisa e vacilante, Felícia concordou, muito mais para não desapontar a enfermeira do que para tentar desenvolver suas habilidades.

Juselma percebeu o estado íntimo da jovem e, dando-se por satisfeita, despediu-se afetuosamente. Justificando não poder se demorar, em virtude da reunião a que deveria estar presente, deixou o aposento sem mais delongas.

Felícia sentia-se melhor. “Ah... Realmente, a presença de Juselma e sua prece me fizeram muito bem... Talvez seja bom participar com ela de alguma tarefa aqui na Colônia...”



7. *Uma estratégia de proteção*



Irmão José já sabia que se Juselma se atrasasse era porque havia “ficado pelo caminho”, atendendo alguma urgência. Era sempre assim que acontecia...

Um leve toque na porta avisou os presentes da chegada do membro retardatário da reunião. E pelo sorriso e expressão facial da enfermeira todos entenderam que ela havia obtido êxito na ajuda que oferecera. Antes que alguém lhe dirigisse a palavra, Juselma saudou a todos afetuosamente, com indisfarçável animação, pois essas virtudes estavam sempre vivas em seu coração.

Irmão José aguardou que Juselma se sentasse no local que lhe foi indicado à mesa e, em seguida, comunicou o móvel do encontro: havia pedido que se reunissem porque as estratégias de proteção a Mel deveriam ser estudadas e imediatamente aplicadas. Seus familiares tentavam ganhar dinheiro fácil da instituição de saúde onde ela havia desencarnado, e isso não só iria comprometer gravemente sua recuperação, como também algemaria seus autores a situações de dor e sofrimento, pelo alcance de suas intenções, pois, além de lesarem o hospital, prejudicando o atendimento aos pacientes, estariam também dando mau exemplo a outros que estavam passando por situação semelhante à que eles viveram com a criança Mel.

Simone, tomando a palavra, completou:

– Não podemos esquecer que Fabiano está em processo de desligamento e que seus pais criaram laços de amizade com os pais de Melzinha, por estarem vivendo, aparentemente, as mesmas dificuldades. A dor, muitas vezes, tampona alguns sentimentos, mas quando estes vêm à tona e não são bem elaborados podem se transformar em dinamos de revolta e indignação, comprometendo por séculos os envolvidos na trama.

Após breve pausa, continuou, visivelmente preocupada:

– Sim, reconhecemos que a situação é extremamente delicada. O homem precisa conhecer quais são, verdadeiramente, os seus direitos. Egoístas e arbitrários, muitos não cumprem seus deveres e fazem exigências descabidas à sociedade, sem refletir sobre os ônus morais que estão debitando em sua conta evolutiva. Jesus Cristo nos alerta que o céu e a Terra não passarão, “sem que tudo o que se acha na lei esteja perfeitamente cumprido, enquanto reste um único iota e um único ponto”,⁶ mas o espírito, esteja na condição de encarnado ou desencarnado, parece desconhecer a gravidade dessa orientação. Muitos, equivocadamente, fazem e desfazem, mandam e desmandam, sem juízo da responsabilidade dos seus atos, e, promovendo a dor, o luto, a tristeza, o sofrimento, a estes se vinculam por séculos. Somente após um trabalho sincero e constante, voltado ao bem, conseguirão desfazer os nós que os prenderam àqueles com os quais se uniram nas horas de desequilíbrio e insânia.

Simone falava com seu jeito amável, mas firme, impregnando suas palavras com seu compromisso e responsabilidade para com o Mestre. Tais virtudes deveriam ser naturais em todos, mas apenas alguns, talvez a minoria dos irmãos de Jesus Cristo, tenha clareza do seu compromisso em seguir os Seus passos e trabalhar incansavelmente na sua transformação interior.

Nilo, que até aquele momento mantivera-se em silêncio, aguardando que Simone concluísse seu oportuno comentário, manifestou suas ideias. Discutidos alguns pontos, que no primeiro momento pareceram inadequados à situação, foi por todos aprovada a estratégia traçada para que o atendimento fosse estendido a todos os envolvidos. Simone, lembrando mais uma vez os ensinamentos de Jesus, repetiu Suas palavras: nenhuma ovelha do meu rebanho se perderá!⁷

Renovados pela esperança de um desfecho agradável e harmonioso para a questão que ali os reunira, Irmão José convidou Nilo para fazer a prece de encerramento da reunião, pedindo ao Cristo que os abençoasse na execução daquele projeto.

Nilo aquiesceu sorrindo e, vibrando paciência e serenidade, assim se expressou:

– Mestre querido, orientador de nossas almas, rogamos ao Vosso bondoso coração que nos abençoeis, abençoando os nossos propósitos de levar a paz e a harmonia a esses irmãos que se encontram envolvidos com este grave procedimento. Sabemos bem, Senhor, que as experiências que vivemos são oportunidades importantes para nosso amadurecimento moral. Sendo assim, Mestre amado, que nesta hora consigamos tocar esses corações que estão envoltos unicamente em vibrações deletérias, oriundas dos sentimentos inferiores da ambição, da discórdia, da incúria, alimentados pelo egoísmo, que leva o ser a desejar gozar a vida usufruindo de recursos adquiridos mediante a corrupção dos valores ético-morais. Amparai-nos, Senhor, auxiliando-nos a conduzir esse atendimento com muito amor no coração, sem nos deixar envolver pelo sentimento de indignação. Confiantes, Mestre Jesus, confiantes na Vossa presença sempre junto de nós, agradecemos imensamente! Muito obrigado! Que assim seja!

Nossos queridos irmãos permaneceram mais alguns instantes em silêncio. Foi Irmão José quem os convidou a passarem à sala ao lado, onde fariam uma avaliação mais detalhada dos pormenores do caso. Por meio de um aparelho muito semelhante a um computador dos dias atuais, puderam acompanhar o movimento que alguns familiares de Mel estavam fazendo com o objetivo de extorquir dinheiro do médico e da casa de saúde onde a menina foi atendida e veio a falecer.

– É importante que os identifiquemos, para que, se assim nos for permitido, também possamos acessar os arquivos desses irmãos e saber um pouco mais de sua história pregressa – esclareceu Irmão José. – O homem que está sentado à cabeceira da mesa é Eduardo, tio da menina, irmão do pai da Mel. A jovem a seu lado é Eliane, sua esposa. O rapaz ao seu lado direito é seu cunhado Felipe, irmão mais jovem da sua mulher. Olhem fixamente atrás de Eduardo, o mentor do caso em questão. Percebem uma sombra escura em torno de sua cabeça, envolvendo-a como se fosse um capacete? Pois bem, essa sombra identifica um inimigo do passado: foram sócios numa encarnação pregressa, e Eduardo, aproveitando-se de um momento de invigilância do outro na condução administrativa do negócio, levou-o a assinar um documento em que transferiu para ele todas as suas ações. Passado algum tempo, a manobra desonesta veio à tona, o que levou o sócio a um

estado de desespero inimaginável: sem recurso algum, alijado do comércio, que havia erguido à custa de muito sacrifício, e traído pelo amigo, atentou contra a própria vida, passando a viver muito enfermo em consequência do método que usou para interromper sua existência. A situação familiar tornou-se difícil: ele era o mantenedor da casa, e os filhos menores não tinham como trabalhar. Então, a esposa, que fazia algumas costuras apenas como *hobby*, passou a sustentar a casa.

Irmão José, imprimindo em sua voz um pesar imenso, continuou:

– Mas nosso irmão não resistiu muito tempo aos ferimentos internos causados pelo líquido corrosivo que ingeriu no momento da atitude irrefletida. Seu sofrimento foi inenarrável: nada que ingeria parava em seu estômago e, muitas vezes, nem água suportava. Essa situação afetou toda a família, levando-a à indignação, à revolta, ao ódio. E foi assim, nesse estado de miserabilidade emocional, que desencarnou, passando a viver, então, num mundo onde o ódio e a vingança alimentam as almas que trazem o coração empedernido ante os convites de renovação.

– Mas por que ele se encontra agora, ali, junto àquele que foi seu algoz? Desculpe-me, mas não entendi seu propósito... – questionou Simone, interessada na narrativa do Irmão José.

– Simone, minha irmã, Eduardo continua um homem muito ambicioso, sem escrúpulos quando se trata de amealhar recursos. Tem formação superior e gerencia uma empresa de importação e exportação de diversos produtos. No meio em que atua, é conhecido pelos “benefícios” que exige dos fabricantes para “agilizar” o andamento das cargas e mercadorias. Sabendo disso, o que o perseguidor espera é que Eduardo se condene com esse comportamento. Os pais de Mel desconhecem o plano que está sendo urdido, mas o desafeto sabe que eles não concordariam com o que os parentes intentam, não avalizariam a queixa que planejam apresentar ao ministério público nem dariam autorização para abrirem um processo contra o médico e a instituição. O ex-sócio almeja, então, que Eduardo intente contra a própria família, causando um escândalo que levaria as autoridades responsáveis pelo caso a pedirem uma investigação de sua conduta, já que essa questão daria oportunidade àqueles que se sentiram lesados pelo “sistema de benefícios” a denunciá-lo – finalizou Irmão José.

Simone, Juselma e Nilo tudo acompanhavam em profundo silêncio. Nilo, então, lembrou com muita propriedade:

– Nosso venerando irmão Allan Kardec, na questão 459 do Livro dos Espíritos,⁸ perguntou aos irmãos responsáveis pela Doutrina Espírita: “os Espíritos influem em nossos pensamentos e em nossos atos?” E eles responderam: “Muito mais do que imaginais, pois frequentemente são eles que vos dirigem”.

Reflexivo, Nilo continuou:

– Realmente, o espírito encarnado revela em sua conduta, em seus atos, o seu mundo íntimo e, conseqüentemente, as companhias que o seguem no plano do espírito. E se não se dispuser ao “conhece-te a ti mesmo”⁹ tão discutido desde a Antiguidade, não promoverá a transformação de si mesmo, que para acontecer verdadeiramente exige esforço intenso e vontade sincera. Conhecemos muitos irmãos que trazem na consciência o entendimento da importância desse trabalho de reforma íntima e até se propõem a realizá-lo, mas, a título de defenderem a “verdade” – que, sabemos bem, dispensa qualquer defesa –, são desrespeitosos com o próximo e se tornam até mesmo impiedosos, usando palavras duras e adotando posturas que tenderão a levar o outro a uma situação vexatória. É lamentável, mas o homem se encontra ainda de tal forma contaminado pelo orgulho, que justifica suas atitudes, acreditando-se “enviado de Deus”...

Enquanto falava, Nilo tinha o olhar distante, dando a impressão que passeava pelos arquivos de sua memória.

– Bem... e então, como deveremos proceder? – perguntou Juselma.

Quem respondeu foi Irmão José:

– Esta noite tentaremos trazer o casal aqui e procuraremos estabelecer com eles um diálogo fraterno. Se for possível, traremos o cunhado de Eduardo, mas, pelo que já estamos percebendo, hoje ele tem um convite para uma “festa” e está muito inclinado a comparecer... Em virtude disso, talvez não consigamos envolvê-lo com nossas vibrações, até porque, se ele ficar até o amanhecer com os amigos...

– Irmão José, e a jovem esposa? Não conseguiríamos persuadir Eduardo a desistir desse projeto, solicitando a ela que nos auxilie? – quis saber Juselma.

– Minha filha, sua atual esposa foi sua mãezinha na existência passada e sofreu muito com os desatinos do filho e as consequências geradas por seus atos infelizes. É justamente esse sentimento que nós vamos tentar acessar, sem interferir no seu livre-arbítrio. Foi ela mesma quem se propôs a recebê-lo como esposo, porque já antevia que ele, quando se aproximasse a ocasião de se consorciar, poderia revelar com mais ênfase sua condição interior. Embora seja uma boa moça, bem criada, dotada de recursos morais, está se deixando conduzir pela capacidade de persuasão do companheiro. Sabemos também que foi criada num lar espírita, mas que “abandonou” o Espiritismo porque Eduardo se sentia muito incomodado com as exortações dos espíritos. Planejamos inspirá-la a voltar a frequentar um Centro Espírita e a implantar o Culto do Evangelho no Lar. Sabemos que não será tarefa fácil, mas não vamos desanimar. Ela será nossa referência, até mesmo porque nos auxiliará, nessa empreitada, a tocar o coraçãozinho do ex-sócio do passado distante, libertando-o dele mesmo.



8. *Buscando a harmonia*



– Bom dia, Lucy! Que bom encontrá-la aqui, tomando banho de sol! Como no plano físico, também aqui do nosso lado o sol é vida, pois é agente colaborador eficiente da manutenção do equilíbrio do “metabolismo” da alma, esteja esta encarnada ou desencarnada – falou Simone, aproximando-se da jovem acomodada na espreguiçadeira que ficava próxima ao canteiro de rosas, o seu preferido, conforme dissera anteriormente.

Tentando levar ânimo à moça, continuou a enfermeira:

– Ah! Você está melhor! Sinto pelo brilho dos seus olhos que hoje está mais animada.

– Posso garantir a você que sim! Veja: trouxe o meu livro preferido! – falou Lucy, mostrando o volume que trazia nas mãos.

– Hum... é mesmo! Mas você ficou de me contar como ganhou esse livro... – disse Simone. – Acha que agora já consegue falar sobre isso?

– Sim – respondeu Lucy com voz firme. – Mas antes, Simone, gostaria que você me explicasse, se puder, claro: por que nós que aqui chegamos, mortos para o mundo, sofremos tanto com o sofrimento dos nossos familiares? Nos primeiros dias, continuei em tratamento e até hoje me encontro sob a assistência de vocês e do Dr. Marcílio, que tem sido um encanto comigo, mas percebo que o sofrimento dos meus pais, suas palavras cheias de mágoa e, posso até garantir, de revolta e indignação, têm me feito mal. Parece que alguém está me chamando de longe e, como não posso ir, uma angústia imensa assalta o meu coração e os sintomas da doença voltam com muita intensidade, de uma maneira que não consigo controlar. Eu amo minha mãe, amo meu pai, meus irmãos... Ah! Como amo todos eles! Se eu pudesse ir lá e falar com eles, eu diria: por favor, não ajam assim,

não façam assim comigo! Eu estou viva! Bem viva! Continuo em tratamento aqui porque minha doença me deixou marcas profundas e eu quero sarar, ficar boa logo... Por favor, me ajudem! Tenham fé em Deus! Confiem em Jesus Cristo! Quando puder eu vou falar com vocês...

Vendo que Lucy tinha lágrimas nos olhos, Simone apressou-se a lhe dizer, tentando interromper aquele momento de desabafo:

– Calma, minha querida! Calma, por favor! Espere um pouquinho, vou buscar um copo d'água para você.

A enfermeira afastou-se e voltou rapidamente, trazendo um copo d'água, que ofereceu à jovem, pedindo que ela bebesse bem devagar. Enquanto Lucy ingeria o líquido puro e transparente, a dedicada enfermeira lhe explicou:

– Lucy, sabemos que não é fácil esse momento de separação. Não é fácil porque não nos preparamos para viver o retorno dos nossos entes queridos à sua verdadeira pátria. Somos egoístas, queremos que, mesmo sofrendo, eles fiquem junto de nós... Por outro lado, falta-nos fé em Deus, confiança nos ensinamentos que Jesus Cristo veio trazer, em nome do Pai Celestial, à humanidade. As pessoas vivem esquecidas de que estão de passagem na Terra – a nossa verdadeira vida é deste lado, aqui onde nós estamos agora. O certo seria lembrarmos todos os dias que a convivência familiar deve ser tecida com os fios da paciência, da compreensão, da piedade, da compaixão, do perdão. Mas, infelizmente, na maioria dos lares isso não acontece. Assim, quando um dos seus membros volta ao plano de origem, acontece o despertamento e muitos, muitos familiares sofrem a dor da saudade, aliada à dor do arrependimento, à dor do remorso, à dor do apego. O que seria menos doloroso? A dor da saudade. Sim, a saudade é natural, mas deve ser amparada pelo sentimento de gratidão – gratidão pela oportunidade da convivência com aquele ente querido que desencarnou.

Após breve silêncio, prosseguiu Simone, amorosamente:

– Nos dias de hoje, muitos encarnados estão voltados apenas para a vida material: só pensam em usufruir dos recursos que o mundo da matéria pode lhes oferecer, esquecidos de que ali se encontram de passagem, por um curto espaço de tempo... Mas, apegados, ambiciosos, mergulham nos prazeres do mundo e não

cuidam do espírito. Então, quando acontece o passamento, sofrem, sofrem muito, ao se perceberem algemados a seus comportamentos desequilibrados.

Lucy ouvia tudo com máxima atenção, acompanhando as palavras de Simone.

– Compreendo agora por que as pessoas sofrem tanto. Você tem razão, mas posso lhe garantir que mamãe foi ótima mãe. Ela não precisa se arrepender de nada. Desde que recebemos o diagnóstico da minha doença, ela foi incansável: me acompanhou durante todo o tratamento e, dia e noite, lá estava ela tentando me dar todo o conforto possível. E conseguiu, posso garantir a você, pois me sentia melhor com a presença dela ao meu lado do que com os medicamentos que eu tomava.

Com um sorriso nos lábios, Lucy completou:

– Gostaria que ela soubesse que eu estou bem cuidada. Talvez assim ela se sentisse mais confortada...

– Pelas anotações que temos no seu prontuário, vocês frequentavam uma casa espírita... – comentou Simone.

– Ah, sim! Mas não íamos com muita frequência. Na verdade, eu só ia lá quando me sentia “no sufoco” – disse Lucy, sorrindo. – Foi nessa casa, durante uma feira do livro espírita, que vovô e mamãe compraram este livro para me presentear – falou, mostrando a obra. – Veja: é O Evangelho segundo o Espiritismo. É lindo! Ah... e se tornou o meu livro de cabeceira. Eu sempre lia um pouquinho e, quando estava muito cansada, mamãe lia os trechos de que eu mais gostava. Por isso, ela o colocou junto a mim quando arrumaram o meu corpo. Ela também colocou minha boneca Lucinha, a primeira boneca que ganhei. Ela era de pano e precisou ser remendada diversas vezes... – contou, com um “sorriso no olhar”. – Vez por outra, volto a ler algumas páginas desse livro, que traz ensinamentos maravilhosos, perfeitos!

Lucy respirou e continuou seu relato:

– Meus pais se separaram quando eu já estava mocinha e logo depois recebi o diagnóstico da doença. Sei que eles pensaram que adoeci por causa da separação, mas posso garantir que não foi. As brigas e os desentendimentos deles eram piores para mim. Isso, sim, me fazia muito mal. Mas agora não importa mais... Dr. Marcílio me disse que em breve vou saber por que passei por essa enfermidade.

– Sim. Aqui, em alguns casos, faz parte do tratamento o paciente tomar ciência do que o levou a passar por essa experiência – informou Simone. – O mais importante agora é que você reaja às “investidas emocionais” dos familiares que ficaram na Terra. O que você acha de fazermos orações para fortalecê-los neste momento de afastamento temporário?

Lucy concordou com boa disposição: a ideia de retribuir, um pouquinho que fosse, o carinho que recebeu da família encheu seu coração de alegria. E naquela hora, ali mesmo, Simone, retirando do seu bolso um exemplar de O Evangelho segundo o Espiritismo, o abriu “ao acaso” e leu com extrema emoção uma passagem do capítulo VI, O Cristo Consolador.

Em seguida, Lucy, com imenso carinho, fez a prece, rogando a Jesus Cristo que intercedesse ao Pai Celestial por seus familiares queridos, especialmente por sua amada mãezinha:

– Jesus Cristo, querido irmão, reconheço que sei pouco, muito pouco, dos Seus ensinamentos. Sei que são sagrados e que devemos respeitá-los. Sei que me encham de esperança e confortam o meu coração, e é por isso que venho pedir por meus familiares, especialmente pela mãezinha que tanto amo. Peço que ela sinta que estou bem, que ela confie nos Seus ensinamentos e que refaça sua vida, guardando no coração só as boas lembranças dos momentos que vivemos juntas. Muito obrigada, Senhor! Agradeço muito! Abençoa meu pai e os meus irmãos também! Abençoa os meus amigos! Muito obrigada! Agradeço muito o amparo e os cuidados que estou recebendo aqui! Que assim seja!

Simone notou que Lucy ficou envolvida em doces e suaves vibrações. A sinceridade dos seus sentimentos, suas palavras ditas com tanta fé, fizeram com que um cordão de luz a envolvesse, contribuindo para seu equilíbrio íntimo, para sua recuperação. E foi com muita alegria, pela vivência daquele momento tão especial, que Simone também agradeceu a Jesus as bênçãos que ali foram derramadas.

Simone despediu-se da jovenzinha, deixando-a entregue a seus pensamentos. Prometeu voltar mais tarde para conversarem. O tempo não espera... Havia muito o que fazer e, conforme haviam planejado anteriormente com Irmão José, ela, Nilo e Juselma se empenhariam em trazer Eduardo e a esposa Eliane para uma

reunião, à noite, na tentativa de fazê-los desistir do plano que estavam tramando arditosamente.

Irmão José sugeriu que se reunissem em oração no início da noite para, a partir dali, começarem a estabelecer um contato mental com aqueles irmãos, na expectativa de facilitar o desprendimento deles por ocasião do sono, no momento do descanso do corpo físico.

Eduardo mostrava-se inquieto. Mentalmente, tecia planos reveladores das suas condições espirituais: dispunha-se a forjar provas, até com assinaturas falsas, se fosse necessário. O certo é que não deixaria o “negócio barato”. Insuflado em seus pensamentos por aquele que se fizera seu adversário, se comprazia com suas ideações, acreditando que eram fruto apenas de sua inteligência e da sua esperteza.

– Sem dúvida – comentou Irmão José, ao perceber suas reflexões –, ele traz essa tendência infeliz de querer trapacear, mas que, podemos dizer, está dilatada pela influência do outro, que dele se aproxima com o triste propósito da vingança.

Simone, Nilo e Juselma permaneceram em silêncio diante daquela constatação. Sabiam que não seria tarefa fácil dissuadir Eduardo dos seus propósitos, mas também entendiam que, em nome da misericórdia divina, deveriam oferecer-lhe todos os recursos para demovê-lo daquela triste ideia.

Nessa oportunidade, Irmão José lembrou aos integrantes do grupo que estendessem a oração em benefício de Melzinha, fortalecendo o campo vibratório a sua volta, a fim de protegê-la dessas investidas tão infelizes.

Eduardo e Eliane voltavam para casa depois de um dia intenso de trabalho. Eduardo falava, falava sem parar, demonstrando claramente seu desequilíbrio íntimo e irritando a esposa com suas expressões chulas e desagradáveis. Esta, por sua vez, para não dar oportunidade às discussões intermináveis que vinham acontecendo nos últimos tempos, preferiu manter-se calada.

Aquela conduta do marido estava lhe causando profundo mal-estar. Podia até mesmo dizer que ele nem parecia o homem com quem havia se casado. Jamais poderia negar que ele era, de fato, ambicioso, mas, agora, essa ideia de defender a família do irmão de uma suposta negligência do médico e, conseqüentemente, do

hospital que havia dado assistência à sobrinha... Ah! Isso não estava nada certo! Nada certo!

Assim refletia a jovem, sentindo-se muito aborrecida e incomodada com aquela história toda. Lembrou-se, então, do Centro Espírita que frequentava, lembrou-se do Culto do Evangelho no Lar, e essas lembranças trouxeram-lhe um agradável bem-estar: definitivamente, voltaria a frequentar o Centro e voltaria a fazer o Culto do Evangelho. “Se o Eduardo não quiser me acompanhar, eu vou sozinha! Sei o quanto essa doutrina educadora, consoladora e esclarecedora foi importante para mim e agora, neste momento, é a ela que devo recorrer. Os amigos da espiritualidade não nos abandonam nunca... nós é que nos afastamos deles... lamentavelmente...”

Esses pensamentos reanimaram Eliane e quando ela se deu conta já estavam chegando em casa. Nada comentou com o esposo. Jantaram e, antes de se prepararem para deitar, ela sugeriu que fizessem juntos uma oração.

– Pensando bem... – falou alto, como se estivesse conversando consigo mesma – acho que o melhor mesmo é fazermos o Culto do Evangelho no Lar.

Firme, determinada, foi logo preparando a jarrinha com água e separando O Evangelho segundo o Espiritismo e um outro livro para complementar a lição do Evangelho, sem perceber que Eduardo mudara a fisionomia – estava sério, o cenho franzido, cara de poucos amigos... Eliane o convidou para se sentar à mesa, sem dar importância a seu jeito, e, sem demora, pediu-lhe que abrisse O Evangelho segundo o Espiritismo. Com visível má vontade, ele abriu o livro no capítulo XII, Amai os vossos inimigos.

Irmão José e Nilo, que acompanhavam a cena, exultavam de alegria. Sentindo renovadas esperanças no atendimento àqueles irmãos, expediram afetuosas vibrações ao mental da jovem para que ela se mantivesse fortalecida quanto a seus propósitos.

O irmão que, do “outro lado”, acalentava em seu coração o ódio e o desejo de vingança continuava próximo, mas agora fora do ambiente do lar. Irmão José e Nilo tudo acompanhavam, aguardando o melhor momento de intervir, tanto no atendimento ao casal como no socorro àquele infeliz companheiro, que,

mergulhado em sua desdita, continuava sofrendo as dores que culminaram em sua desencarnação.



9. O trabalho como medicação



Enquanto aguardavam que o casal finalizasse os preparativos para o descanso noturno, Nilo e Irmão José acercaram-se com muito carinho de Natanael, o irmão sofrido que não poupava esforços para se vingar de Eduardo. Nesse momento, aproximou-se uma senhora que aparentava ser sua mãezinha e logo se apresentou, dizendo que se chamava Olinda e informando que desde a desencarnação do filho tudo fazia para demovê-lo daquela ideia tão infeliz, que tanto o fazia sofrer. Irmão José e Nilo estabeleceram com ela um diálogo sincero e lhe relataram o que faziam ali, junto àquele jovem casal.

Dona Olinda contou que seu filho e Eduardo encontravam-se presos um ao outro desde uma remota encarnação, havia séculos, quando se dispuseram a dividir terras que constituíam parte da herança que lhes coube. Desde então, um estava sempre tentando trapacear o outro, ferindo gravemente as leis de Deus, e, assim, se comprometendo cada vez mais, não conseguindo se libertar, por não vivenciarem o perdão, o respeito, a renúncia aos interesses pessoais...

A mãezinha falava, revelando em suas palavras um pesar imenso pelas opções de vida daquele espírito que, mesmo depois de tantas décadas, trazia ligado ao seu coração como um filho muito amado. Nilo e Irmão José convidaram-na a permanecer com eles naquela tarefa, certos da importância da sua presença ali.

Natanael não conseguia perceber a presença da mãe, pois se encontrava de tal forma mergulhado em suas construções infelizes que não abria espaço em sua mente para outras lembranças que não fossem as causadoras de sua desdita. Nem a esposa, também no plano espiritual, que sempre o buscava através da prece, conseguia alcançá-lo com as suas sinceras vibrações de gratidão e profundo reconhecimento de que tudo ele havia feito para preservá-los da miséria. Nada,

nada conseguia atingir Natanael para demovê-lo da sua ideia de vingança, que fazia recrudescer em seu coração um profundo ódio pelo adversário.

Assim que Eduardo e a esposa adormeceram, Nilo e Irmão José, agora acompanhados de Dona Olinda, entraram no aposento. Eliane, em espírito, afastada do corpo, revelava sua preocupação com o comportamento do marido, pois, no primeiro momento, acreditou que aquele pequeno grupo que a cercava trazia alguma intimação da justiça, responsabilizando Eduardo por suas atitudes pouco recomendáveis. Resistiu por alguns minutos a acompanhá-los, receosa de que também pudessem incriminá-la, mas, vencida a resistência inicial, dispôs-se a ouvi-los e foi com lágrimas nos olhos que lhes agradeceu a carinhosa intervenção em favor dela e do esposo.

Eliane concordou com Irmão José quando ele lhe explicou que os propósitos de Eduardo não eram lícitos e que não houve negligência do médico e tampouco do hospital no atendimento de Mel. A jovem sentiu seu coração pacificado com aquelas explicações tão claras e justas. Agradeceu a cada um o apoio e o amparo e voltou ao corpo cheia de bons propósitos.

Já Eduardo percebeu ligeiramente a presença do grupo, mas não conseguiu acompanhá-los: como trazia a consciência tomada por planos muito pouco dignos, receou que fossem “os cobradores da justiça divina” e, apavorado, permaneceu agarrado ao corpo físico, procurando resguardar-se de qualquer tentativa do grupo para prendê-lo.

Ao contrário de Eliane, Eduardo acordou indisposto, reclamando de dores por todo o corpo e profundamente irritado e mal-humorado. Não estava para conversa. Tomou o café da manhã em silêncio e logo, logo, se despediu da esposa, dizendo que tinha muitos compromissos naquele dia e que ela não o esperasse para almoçar.

Eliane, por sua vez, conservava consigo as boas impressões que havia recebido dos amigos do Alto. Disposta, estabeleceu logo um plano para voltar a frequentar o Centro Espírita e retomar as reuniões de oração em casa, determinando para si mesma que naquela noite faria, mais uma vez, o Culto do Evangelho no Lar. Serena, deixou a casa em direção a seu trabalho.

Eduardo havia marcado um encontro com Felipe e um advogado seu amigo para definirem a estratégia que usariam na interpelação do médico e do hospital. Entretanto, Felipe não apareceu porque ficara numa festa até de madrugada, e o advogado justificou sua ausência alegando que havia surgido um imprevisto inadiável. O rapaz, que já estava de mau humor, tornou-se irascível, e a presença de Natanael contribuiu ainda mais para seu desequilíbrio emocional.

Por outro lado, Nilo e Irmão José ficaram muito esperançosos com a mudança operada em Eliane. Com certeza, o ambiente familiar ficaria mais propício para dissuadirem Eduardo de seu intento e, conseqüentemente, para socorrerem Natanael, especialmente agora que poderiam contar com o auxílio de Dona Olinda. “As perspectivas são positivas”, pensavam os trabalhadores da seara divina, renovados.

O trabalho na Colônia seguia conforme os planejamentos definidos pela administração.

Fábio Henrique se preparava para fazer suas preces habituais quando Simone bateu à porta. Ele se levantou imediatamente para atender ao chamado. Foi a jovem quem falou primeiro: Augusto solicitava sua presença. Estava se sentindo um pouco mais sereno, mas gostaria de trocar algumas impressões com o coordenador da Colônia, a quem havia aprendido a confiar suas dores internas. Como não havia urgência, Fábio Henrique disse à colaboradora que em pouco tempo estaria com o irmão, mas antes tinha um compromisso a cumprir. Despediram-se e, agradecida, Simone se apressou em dar o recado. Fábio Henrique recolheu-se para fazer as preces daquela hora.

O sol banhava o jardim da Colônia com seus raios luminosos. O jardim ficava no centro da localidade, era grande e de todos os seus pontos as pessoas podiam acompanhar o movimento dos internos – pacientes e trabalhadores. Havia bancos colocados estrategicamente debaixo de árvores frondosas, que proporcionavam uma sombra muito agradável para aqueles que ali se recolhessem para estudar, refletir ou, simplesmente, apreciar a beleza do lugar e se deliciar com o perfume das flores, muito bem cuidadas pelos responsáveis pela manutenção do jardim. Era

raro encontrar pessoas sem uma ocupação. De modo geral, todos estavam envolvidos em uma atividade ou outra. De vez em quando, podia-se ouvir uma melodia suave, dulcíssima, que parecia brotar das copas das árvores.

Fábio Henrique encontrou Augusto lendo uma obra espírita. Silenciosamente, sentou-se ao seu lado com o intuito de aguardar que ele terminasse a leitura da página ou do texto que parecia prender-lhe a atenção. Passados alguns minutos, Augusto fechou o livro, segurou-o entre as mãos e, após um longo suspiro, disse:

– Por que não sabemos de tudo isso quando estamos no corpo de carne? – falou, apontando para a obra que lhe oferecia tantas revelações.

– Ah, meu irmão... – respondeu Fábio Henrique. – Sabemos disso tudo e, posso lhe garantir, não é de hoje... O brilho do mundo material ofusca a visão do corpo físico e ofusca a razão também, comprometendo a integridade moral do espírito quando encarnado. Dando expansão a seus maus pendores, o homem, na Terra, praticamente se mantém ligado, durante sua encarnação, à conquista de bens materiais que possam lhe conferir poder e conforto. Assim, vai anestesando suas responsabilidades de espírito eterno, e muitos, a grande maioria, vai adiando o trabalho de renovação íntima, ao mesmo tempo que vai acumulando mais e mais compromissos em virtude do seu afastamento de Deus. Os aplausos do mundo tornam-se um ópio para o homem, que se acredita imortal: todos morrerão, menos ele. E quando a morte o convida a retornar à sua pátria de origem, ele mergulha na revolta, na indignação, passando longo período perturbado pelas lembranças da vida que deixou e pela realidade com a qual se debate. Na condição evolutiva em que se encontra a maior parte da humanidade, a hora da morte é vivida com muito medo e assombro. Por quê? Porque o indivíduo não se preparou para deixar os bens conquistados, seja no campo material, seja no afetivo. Assim, o sofrimento lhe parece insuportável.

Augusto tudo ouvia com visível interesse, mas não conseguia esconder sua expressão de profundo pesar. Lamentava profundamente a forma como vivera. Na verdade, pouco havia feito, afetivamente, por sua família. Todos tinham muito conforto material, mas quanto à sua presença como pai e esposo... Ah! Havia falhado...

Tendo feito perguntas aos trabalhadores que o assistiam, soube destes que, “como a vida continua”, sua esposa estava enamorada de outro homem, com o qual seus filhos se regozijavam. Augusto sofreu um duro golpe com essa revelação e passou dias e dias mergulhado em profunda tristeza. Fábio Henrique, naquela ocasião, intensificou a assistência ao empresário: orações, leituras que lhe trouxessem bom ânimo, positivismo e passes para auxiliá-lo a vencer aquele momento. Não foi fácil para o vaidoso irmão, que, no íntimo do seu coração, achava-se insubstituível.

Fábio Henrique continuava sua explanação, falando amorosamente:

– A vida é perfeita em seu movimento: a todo instante oferece às criaturas oportunidades de romper as couraças erguidas em nome da vaidade, do orgulho e do egoísmo. Em alguns casos, opera-se uma verdadeira cirurgia, em que os bisturis da dor e da aflição entram em ação e, como instrumentação eficiente, iniciam a operação, drenando os quistos e tumores gerados pelos sentimentos inferiores, os quais, quando transferidos para o corpo físico, causam muitas enfermidades. E o homem, o único responsável pela sua desdita ou felicidade, depara consigo mesmo e com os seus feitos, não podendo atribuir a ninguém a responsabilidade por suas tristezas ou alegrias.

Fábio Henrique parecia estar falando sozinho. Augusto nem se mexia, parecendo alheio às reflexões trazidas pelo nobre mentor. Os passarinhos a todos encantavam com seu canto tão cheio de vivacidade. Foi nesse momento tão vibrante que Augusto desfechou uma pergunta clara e direta:

– Posso trabalhar? Já posso colaborar de alguma forma em benefício do outro? Confesso que estou cansado de mim mesmo, dos meus insucessos. Preciso me movimentar e, apesar de todos os pesares, sinto uma necessidade enorme de ajudar alguém. O que posso fazer? Não quero mais ficar parado. Tenho certeza que há alguma coisa que eu possa fazer. Estou bem determinado!

Fábio Henrique exultou: inquestionavelmente, o trabalho no bem, pelo bem, se converteria em excelente medicação para a recuperação do amigo-irmão.



10. O labor que não cessa



Fábio Henrique ficou visivelmente surpreso e, ao mesmo tempo, feliz: sem dúvida, quando o paciente sente necessidade de retornar às atividades, movimentar suas energias, deixar a zona de conforto onde só esperava receber, receber, é um excelente sinal.

O mentor, rapidamente, pensou numa tarefa interessante que pudesse agradar seu amigo e também motivá-lo, mas, nesse ínterim, foi Augusto mesmo quem se manifestou:

– Gostaria de ajudar o jardineiro a cuidar dos canteiros de amor-perfeito. Nunca tive oportunidade de mexer na terra e, hoje, imerso nas minhas reflexões, meditando nas minhas angústias, reconheço que encontrei junto da natureza uma paz que nunca vivi quando estava do outro lado. Não se assombre, meu querido. Quando você me ouve dizer “nunca vivi”, sim, pode parecer paradoxal, mas quanto mais dinheiro a pessoa ganha, mais compromissos ela assume com a família, a sociedade... E a paz, o sossego, se esvaem como nuvens de fumaça. Os convites do mundo ganham larga proporção e o indivíduo vira marionete na mão de uma sociedade materialista e consumista. Eu, por minha vez, me tornei um autômato, guiado pela vaidade e pelo orgulho. Não sei se amava minha mulher. Queria, sim, que ela se apresentasse sempre bem, elegante, bonita, perfumada. E meus filhos, então... Não lembro quando os beijei e abracei amorosamente: viviam em viagens de intercâmbio, cumprindo as exigências da época. Tudo para manter o *status* perante uma sociedade impiedosa, que passa a comandar a vida da gente, mas, sem sombra de dúvida, com nossa permissão. Nunca acompanhei meus filhos e minha esposa a um atendimento médico, nunca passei uma noite

acordado acompanhando uma febre, as doenças naturais da infância. Enfermeiros entravam e saíam sem que eu sequer lhes soubesse o nome, e hoje...

Augusto chorava, chorava copiosamente. Era visível a sua dor.

– Tive tudo e não tive nada – lamentou, com a voz entrecortada de soluços profundos.

Fábio Henrique permaneceu em silêncio, a seu lado, esperando que ele se acalmasse, e, então, retomando a palavra, concluiu:

– Sim, vamos registrá-lo no nosso quadro de jardineiros. Tenho certeza de que você fará o seu trabalho muito bem feito, e temos de considerar que foi você quem optou por ele.

Augusto enxugava as lágrimas, sentindo-se reconfortado. Realmente, desabafar lhe fazia bem e ali, junto daquele mentor amigo, sentia-se renovar.

Nisso, Fábio Henrique chamou Nilton, que passava carregando um cesto cheio de mudas de orquídea, e lhe apresentou Augusto:

– Agora vocês irão trabalhar juntos e tenho a convicção de que o jardim se tornará ainda mais atraente e agradável.

Augusto abraçou Nilton calorosamente: simpatizara de imediato com o novo companheiro de trabalho. Em seguida, despediu-se de Fábio Henrique, agradecido, e partiu todo animado, conservando entre as mãos o livro que estava lendo.

Fábio Henrique lembrou-se de outro compromisso e não demorou mais tempo por ali.

Nilo e Irmão José, por sua vez, passaram a acompanhar Eduardo a distância. Nilo havia feito uma visita ao médico e à instituição onde Mel havia sido atendida e constatara, mais uma vez, a lisura do comportamento do médico e da instituição. Assim sendo, entrou em contato com a administração espiritual daquela conceituada casa de saúde, a fim de comunicar-lhe que a instituição estava sendo alvo de assédio, mas que já estavam acompanhando o caso de perto e trabalhando para dissipar os pensamentos daqueles que buscavam ganhar dinheiro fácil.

Nilo foi recebido calorosamente pelos irmãos responsáveis pelo amparo daquela casa, que lhe confidenciaram que, vez por outra, viam-se envolvidos naquelas tentativas de assalto. Mentos perturbadas, teleguiadas por outras mentes que coadunavam com os mesmos objetivos infelizes, perversos, buscavam, por interesses escusos, usufruir dos recursos amoedados alheios.

Sensivelmente tocado pelo ambiente que exalava carinhosas vibrações de amizade e respeito, Nilo pediu permissão aos novos amigos para fazer uma oração. Todos aquiesceram, profundamente agradecidos pela oportunidade.

– Jesus, Mestre de todos nós – iniciou o mentor, deixando transparecer na voz a emoção que lhe ia n’alma. – Aqui nos encontramos, Senhor, reunidos nesta assembleia de corações voltados ao bem. Nosso único propósito é servir a Vós, servindo nossos irmãos. Por isso, neste momento, rogamos que nos abençoe, intuindo-nos e orientando-nos para que tudo façamos conforme ordenam as divinas leis. Inspirai-nos, Senhor, a falarmos e agirmos de acordo com os Vossos ensinamentos, envolvendo os irmãos, móveis da nossa tarefa, em vibrações de compreensão, fraternidade e compaixão. Que não nos falem força íntima e coragem para domar nossas inferioridades, de modo que jamais interfiram nos atendimentos que nos propomos a realizar. Auxiliai-nos, excelso Irmão, auxiliai-nos a auxiliar o outro que ainda se compraz no erro, fruto da sua ignorância. E que, permanecendo unidos ao Vosso pensamento magnânimo, não nos esqueçamos de “que fora da caridade não há salvação”.¹⁰ Abençoi, por favor, esta casa de recuperação da saúde física de irmãos nossos que se encontram encarnados. Abençoi todos os trabalhadores que aqui doam horas do seu dia para que o outro, enfermo, recupere seu equilíbrio físico. Abençoi, Senhor, os pacientes e seus familiares que aqui adentram, ansiosos pelo atendimento que lhes restitua a saúde. Senhor, Vós que sois o Médico dos médicos, no plano material, ou no plano sutil onde nos encontramos, cuidai de todos nós, enfermos por nossos sentimentos e pensamentos distanciados da lei de amor. Muito obrigado, Senhor! Muito obrigado pela Vossa presença bondosa em nosso coração! Que assim seja!

A comoção era geral. Todos sentiram-se profundamente envolvidos pelas vibrações luminosas que desciam do alto sobre o ambiente, proporcionando-lhes

indizível paz e alegria. Nilo despediu-se afetuosamente dos irmãos e partiu com o coração plenificado de gratidão.

Eliane começou a fazer o Culto do Evangelho no Lar e foi com uma sensação muito agradável que firmou com seus anjos guardiães e com os amigos espirituais da família e do marido o “contrato” de ali se reunirem para realizarem o Culto, conforme tratado.

Eduardo, sob a influência de Natanael, negou-se a participar do Culto, recusando o convite da esposa até com certa rispidez e guardando a impressão de que o objetivo dela era fazê-lo desistir da ação contra o hospital.

Mas Eliane não se deu por vencida, até porque já vinha se sentindo contrariada com aquela atitude do esposo. E agora sentia que sua mente estava se abrindo para a realidade e começava a compreender realmente a gravidade da ação que estavam para cometer. “Nada como uma oração para nos conectar com Jesus e clarear nossos pensamentos, mostrando nossos comportamentos mesquinhos e os erros que podemos evitar...” – pensou animada.

A jovem respirou aliviada e refeita. A sua ida à Casa Espírita havia sido uma verdadeira festa. Seus amigos voluntários saudaram-na com demonstrações de muito afeto, o que a comoveu profundamente. Sentindo-se intimamente envergonhada pelo seu afastamento da Doutrina e, conseqüentemente, daquela Casa, percebeu o quanto a amava e prometeu a si mesma retomar as tarefas das quais participava com tanta satisfação.

Irmão José e Nilo exultaram e, cheios de esperança, muniram-se de forças para auxiliar Natanael a se afastar de Eduardo. Com propostas alvissareiras de estabelecer no futuro uma relação harmoniosa, ambos, conversando com Dona Olinda, entenderam de consultar os superiores para obterem autorização para programarem a reencarnação dela e de Natanael como filhos daquele casal. Natanael seria o primeiro a retornar ao corpo físico; depois Dona Olinda iria, para auxiliar de perto o “filho” de hoje a se entender com Eduardo, seu desafeto.

Irmão José e Nilo estavam deveras felizes com essa possibilidade. Dona Olinda, no primeiro instante, não escondeu sua preocupação com a volta à

matéria, mas, ao mesmo tempo, compreendia ser uma oportunidade imperdível:

– Só assim – comentou com seus novos amigos – esse círculo de vibrações densas e infelizes poderá ser interrompido, dando oportunidade para que ambos, sob as bênçãos do esquecimento do passado, vivam novos sentimentos que eles deverão cultivar, cuidadosamente, na vivência diária da relação pai e filho.

E Dona Olinda chegaria, no seu tempo, para contemporizar as animosidades que porventura surgissem nessa relação. Sem dúvida alguma, a proposta de irmão José e Nilo foi aceita com grande entusiasmo pelos orientadores de ambos que, imediatamente, se colocaram à disposição para a elaboração do projeto.

O ambiente no lar do jovem casal mudou consideravelmente, muito embora Eduardo não concordasse com a volta da esposa para a Doutrina Espírita. Tentava sempre, de uma forma ou de outra, criar empecilhos para que ela não conseguisse atender seus compromissos junto a encarnados e desencarnados.

Eliane, por sua vez, compreendia perfeitamente a estratégia do marido. E mais: trazia consigo a nítida impressão de que ele se encontrava sob forte influência de um irmãozinho menos esclarecido. Assim, resolveu criar suas próprias estratégias para manter-se nos trabalhos na Casa Espírita, causando o mínimo de desconforto à sua relação conjugal: mais paciente e atenciosa, sempre mantinha as obrigações de casa em dia, de maneira que o esposo não tivesse do que se queixar. E ainda que ele criasse alguma dificuldade aqui e ali, ela tudo contornava com oração e bom humor.

Com essas atitudes positivas, Eliane estava contribuindo enormemente para que o projeto dos mentores amigos se concretizasse: cercado pelas vibrações doces e amorosas da jovem durante o Culto do Evangelho, Natanael não teve como negar um sentimento de cansaço que parecia tomar conta de todo o seu ser e, pela primeira vez, pensou em desistir daquele desejo de vingança que acalentava em seu coração há tantos anos.

Dona Olinda transbordava de felicidade!



11. *A vida prossegue*



A partir do momento em que Eliane deu início à prática do Culto do Evangelho no Lar, houve uma mudança de vibração em seu lar e, assim, Natanael permitiu que os mentores se aproximassem dele, vibrando afeto e ternura para o seu cansado coração, que carregava muita mágoa, muito rancor, muito ódio, mas que, verdadeiramente exausto, não opôs resistência à companhia daqueles que diziam ser seus amigos.

Com a mente ligeiramente obliterada pelos sentimentos confusos que a alimentavam, Natanael perdeu em parte o discernimento e, com isso, não conseguiu opor-se à nova situação. Então, foi com grande assombro que percebeu a presença da mãe, que, até então, não se fizera visível aos seus olhos.

Ao mesmo tempo que se sentia confuso, Natanael sentia-se feliz: sempre nutriu pela mãezinha um amor imenso e, desde a sua morte, um sentimento de abandono profundo havia assaltado o seu coração, tornando-o insensível e indiferente ao sofrimento do outro. Agora, ali, naquele momento, parecia não saber ao certo o que se passava ao seu redor. Faltava-lhe lucidez, não conseguia raciocinar: olhava um e outro sem compreender ao certo o que estava acontecendo...

Dona Olinda, acompanhando a aflição do filho, enlaçou-o amorosamente, aconchegando-o em seu peito, cheia de júbilo e gratidão a Deus.

– Ah... como esperei por este momento! – sussurrou no ouvido do seu amado filho. – O quanto agradeço ao Pai de Amor e Bondade por ter-me concedido essa oportunidade de resgatar você das sombras espessas da vingança para a luz do recomeço, em que o perdão vai se tornar o sentimento gerador da sua reabilitação moral. Obrigada, Senhor! Muito obrigada! – sussurrava a mãezinha carinhosa,

enquanto lágrimas abundantes desciam dos seus olhos cheios de esperança, banhando aquele filho que, como a ovelha perdida, agora voltava ao redil do Senhor.

Irmão José e Nilo se emocionaram com a manifestação de amor e gratidão daquela irmã. Como não poderia ser diferente, esses sentimentos, que irradiavam profundo carinho, adormeceram Natanael, que, ali, no colo daquela que se fizera sua dedicada mãe, mais parecia uma criança indefesa. A pedido de Nilo, irmãos vieram buscar Natanael, que ficaria mergulhado em sono profundo para despertar, na carne, nos braços amorosos dos futuros pais.

A vida prossegue sob o olhar misericordioso de Jesus, que, ininterruptamente, oferece aos Seus irmãos oportunidades de desenvolver no coração as virtudes que do Eterno receberam em germe com o compromisso de fazê-las crescer, germinar, dar frutos saudáveis, que alimentem a muitos e a si mesmos.

Eduardo andava irritadíssimo. Tudo parecia conspirar contra os seus planos de processar o hospital: Eliane, quando convidada a dar opinião sobre algum detalhe do processo, não mais demonstrava o menor interesse pelo assunto; Felipe “resolvera” trabalhar e estava praticamente impossível contar com ele. E o pior para Eduardo: o advogado que se dispusera a aceitar a causa quase não tinha mais tempo para o seu projeto, pois havia recebido uma proposta para estudar e acompanhar um caso que lhe renderia milhões.

Irmão José e Nilo eram incansáveis no trabalho de assistência a esses irmãos, sempre com muita alegria. Eles sabiam que eram acompanhados por outros servidores da Luz, interessados, igualmente, no apaziguamento dessa situação, que só traria mais compromissos e dissabores aos seus articuladores, caso alcançassem êxito.

Eduardo nem de longe ligou o fato de seus intentos estarem “fadados a fracassar” com a resolução de sua esposa de começar a fazer o Culto do Evangelho no Lar e, em seguida, de voltar às atividades no Centro Espírita. Ao contrário, ele acreditava que, assim, contaria com mais aliados para obter êxito em sua causa. E não foram poucas as vezes em que, mesmo aborrecido e mal-humorado ao

participar do momento de oração em casa, guardava no íntimo o desejo de “arrebanhar a ajuda dos espíritos”.

Por outro lado, Natanael, sob a assistência dos técnicos da reencarnação, já havia iniciado seu processo de voltar ao corpo físico. Em virtude das suas dificuldades com seu futuro pai, os operadores do processo foram buscar na memória espiritual de Natanael lembranças dos bons momentos que ele viveu junto com Eduardo no ambiente profissional, a fim de não comprometer o período de gestação e tampouco o equilíbrio do projeto que estavam elaborando para a convivência de ambos, garantindo, assim, uma harmoniosa estrutura para o reencontro dos dois.

Por diversas vezes, em seus momentos de desdobramento do corpo físico, quando buscava o repouso, Eduardo reencontrava Natanael. As lembranças desses “sonhos” eram muitas vezes confusas e um pouco apagadas, mas nada que chegasse a incomodá-lo ou lhe causasse um mal-estar, pequeno que fosse. Da mesma forma, Natanael se avistava com Eduardo, mas, sempre embalado pelas boas recordações, não se prendia à figura do seu futuro genitor nem a fatos do passado. Tudo acontecia de acordo com estratégias montadas pelos operários responsáveis pelo reencontro desses dois parceiros que, no passado, se algemaram aos sentimentos inferiores em virtude dos seus comportamentos infelizes.

Nesse período, uma tarefaira do grupo espírita convocou Eliane para auxiliá-la na creche onde trabalhava, durante a ausência de uma funcionária que havia saído de férias. No princípio, Eliane ficou cheia de dúvidas e incertezas, mas aceitou o trabalho, confessando, contudo, sua falta de habilidade no trato com as crianças, “até porque eu e Eduardo não estamos planejando filhos para agora”, pensava ela.

O tempo passa, e Deus, com o Seu infinito amor, envolve Seus amados filhos em luz, muita luz, sempre! Eliane estava encantada com a tarefa que fazia na creche, tanto que a funcionária voltou das férias, e ela continuou junto dos pequeninos... Agora, só pensava em ter um filho: um amor profundo pelas crianças havia emergido do seu coração como num passe de mágica. Falando ao esposo de sua expectativa, dele ouviu uma resposta vaga, bem próxima da indiferença, mas que tomou como um sim. A partir daí, não foram poucas as

providências que passou a tomar, seguindo as orientações do seu médico, que, além de amigo, era um sábio orientador.

No plano físico e no plano espiritual, os fatos aconteciam de acordo com os planejamentos desenhados pelos organizadores da reencarnação de Natanael e de Dona Olinda, que chegaria uns dois anos depois de Natanael com o firme propósito de estabelecer a concórdia e a paz entre o filho e o pai, sem esquecer, naturalmente, suas questões íntimas, que deveriam também ser tratadas e devidamente cuidadas.

Na mesma ocasião em que todos esses fatos estavam acontecendo, os pais de Mel resolveram celebrar uma missa em sua intenção na Capela do hospital onde ela foi atendida e desencarnou. Convidaram os amigos mais próximos, alguns familiares, dentre eles Eliane e Eduardo, os pais de Fabiano, com os quais haviam estreitado os laços de amizade, e o médico que acompanhou o tratamento de Mel. Eduardo ficou incomodadíssimo com o convite, mas nem podia pensar em recusar, até mesmo porque precisava saber do “bom ânimo” do seu irmão e da cunhada, se bem que seus planos haviam arrefecido um pouco.

Terminada a cerimônia, todos foram convidados a passar para a sala ao lado da Capela, onde os pais de Mel serviriam um chá quente e um cafezinho e fariam um agradecimento ao hospital e ao médico que os acompanhou com irretocável postura humana e competência profissional.

Eliane, lembrando-se dos planos do marido, procurou-o com o olhar cheio de indignação e repreensão. Eduardo, por sua vez, foi tomado por um profundo mal-estar ante a censura da esposa, ao mesmo tempo que compreendeu, com a rapidez de um relâmpago, a insanidade do ato que pretendia praticar. Precisou sentar-se para se recompor, mas foi Eliane quem perdeu os sentidos.

Acodem daqui, acodem dali, no hospital foram tomadas as providências para esclarecimento daquele mal-estar súbito, que, no primeiro momento, foi tomado à conta da emoção pela partida de Melzinha. Eliane ficou em observação por algumas horas. Todos já haviam ido embora, apenas Eduardo, o irmão e a cunhada aguardavam o resultado dos exames preliminares. A notícia finalmente chegou,

renovando os corações ali presentes: Eliane e Eduardo seriam pais. Entre lágrimas de alegria e espanto, comemoraram a vida que se renova, renovando os propósitos íntimos de cada um.

Irmão José e Nilo também comemoravam o êxito do planejamento reencarnatório de Natanael. O que ninguém ali podia imaginar é que a criança nasceria com graves complicações cardíacas. Sentimentos inferiores, como o ódio e o desejo de vingança, acalentados em seu mundo íntimo, lesaram o centro cardíaco, comprometendo o funcionamento do coração. Desde cedo, o pequeno exigirá de seus pais uma atenção redobrada, e os tratamentos onerosos que deverá fazer obrigarão seu pai a despendar somas elevadas, o que, por outro lado, no cumprimento da lei de justiça divina de causa e efeito, será o ressarcimento dos recursos que no passado Eduardo usurpou do seu sócio Natanael, levando-o à miséria e à vivência de imensos sofrimentos.

A justiça divina é como uma grande e harmoniosa orquestra, que, atenta aos seus componentes, cuida carinhosamente para que todos mantenham os seus instrumentos afinados com a música excelsa, para que a sinfonia sublime, os cânticos entoados pelos tons suaves da fraternidade, da compaixão, do respeito, da caridade, do perdão, levem ao Pai o nosso preito de gratidão, esperança e fé.



12. Mensagem divina: a base da postura cristã



Simone bateu levemente na porta do quarto de Risoleta – havia estranhado não encontrá-la no jardim fazendo suas orações diárias. A paciente demorou um pouquinho para atender ao chamado. A princípio, Simone pensou que ela não tivesse ouvido, mas não insistiu. Resolveu esperar, até porque ouviu um pequeno movimento no interior do aposento.

Risoleta abriu a porta. Estava com os olhos cheios de lágrimas e não se conteve quando viu sua orientadora, tão paciente e amiga.

– O que se passa, Risoleta? Por que as lágrimas? – inquiriu Simone.

– Ah! – exclamou a outra entre soluços. – Estou muito apreensiva. Ontem, Juselma me convidou para fazer uma visita ao José no dia de hoje e quanto mais se aproxima o momento de revê-lo mais temerosa eu me sinto. Não consigo serenar meu coração. Por outro lado, esse meu comportamento também me aflige, além de me decepcionar: estava tão segura, tão tranquila... Agora, veja você: nem eu mesma estou me reconhecendo... – comentou Risoleta, revelando na fisionomia todo o seu abatimento.

– Então – ponderou Simone, atenciosa – podemos fazer o seguinte: antes de tomarmos qualquer decisão, vamos orar. A prece tem o poder de nos acalmar, de serenar os sentimentos e dar luz aos pensamentos. A prece alimenta a alma de serenidade, e as questões que antes nos pareciam tão confusas clareiam de tal forma que ficamos emocionados... Vamos aproveitar o momento de oração para lhe aplicarmos um passe, que, com certeza, será um auxiliar precioso na recuperação do seu equilíbrio interior.

Risoleta aquiesceu com o coraçãozinho cheio de bom ânimo. “Realmente, preciso mesmo desse auxílio”, pensou. E, sem mais demora, ajeitou-se na poltrona

que ficava próxima à janela, recebendo da linda manhã os eflúvios de luz que eram distribuídos abundantemente pelos raios de sol que, deslumbrante naquela hora do dia, iluminava e aquecia toda a Colônia Resplendor.

Simone, amorosamente, pediu à amiga que abrisse O Evangelho segundo o Espiritismo que estava sobre a mesinha próxima da poltrona, o que Risoleta fez com graciosa disposição íntima.

– Capítulo XII, Amai os vossos inimigos – leu Simone, respeitosamente. – Item 1. Ouvistes o que foi dito: Amareis o vosso próximo e odiareis os vossos inimigos...¹¹

Risoleta ouvia tudo com singular interesse. O tema era muito oportuno: ainda que não guardasse sentimentos de ódio e raiva pelo ex-esposo, entendia que deveria ter para com ele uma postura fraternal, mantendo presentes em seu coração o esquecimento das ofensas, a compaixão e o perdão, os quais, diluídos nas boas atitudes, permitiriam que se adiantasse na caminhada com Jesus.

Simone, sem demora, orou com profunda sinceridade, rogando ao Mestre que derramasse Suas vigorosas bênçãos de luz sobre todos, mas que a irmãzinha que ali se encontrava recebesse de Seu formoso coração o alento, o amparo, o conforto e a coragem para conseguir cumprir seus compromissos com firmeza e perseverança.

As mãos da jovem assistente se iluminaram, concentrando as vibrações azuláceas que seu centro cardíaco emanava e com elas envolvendo carinhosamente a paciente que à sua frente resplandecia sua fé e sua confiança na assistência que recebia através daquela dedicada companheira.

Simone terminou o passe sentindo também um indescritível reconforto íntimo.

– Bem – considerou. – A esta hora, José deve estar aguardando sua visita, porque provavelmente Juselma o preveniu que você iria ao encontro dele. Então, sugerimos que você apenas o veja de longe e o cumprimente com um aceno de mão. No momento oportuno, quando se sentir mais fortalecida, aí, sim, poderá estabelecer com ele um diálogo amigável.

– Em absoluto! – redarguiu Risoleta decidida, depois de ser agraciada com tão sublime assistência. – Não posso esmorecer! Sinto-me refeita, e se por um

segundo me sentir assaltada pelo medo de fracassar, encontrarei em mim mesma força para não fraquejar. Jesus está comigo! Por outro lado – continuou, cheia de bom ânimo – imagino que José também esteja vivendo sentimentos semelhantes aos meus.

Em seguida, colocando-se de pé, dirigiu-se para a porta, acompanhada de Simone, que, sorridente, aprovava sua postura confiante e pensava: “Sem dúvida, Jesus está conosco! Está com todos nós!”

José estava acomodado numa cadeira próxima à sua cama. Era visível o seu abatimento, pois ainda guardava os sintomas da doença que levara à sua desencarnação e que, vez por outra, parecia assombrá-lo.

Risoleta assustou-se com a aparência do ex-esposo e dirigiu o olhar indagativo ao enfermeiro que o assistia, como a pedir-lhe explicações. O jovem compreendeu a surpresa de Risoleta e não tardou a esclarecer:

– Quando José recebeu o diagnóstico da doença, acreditou que fosse um castigo de Deus, porque a consciência culpada lhe cobrava os desatinos do passado. Sozinho, mergulhado em cismas infundáveis, criou para si mesmo um mundo de infelicidades e dor. A medicação lhe causava um desconforto enorme e não conseguia atender às expectativas dos médicos. “É inexplicável!” – diziam alguns. Nada conseguia amenizar suas dores, seu mal-estar era infundável. E ele, não conseguindo se perdoar, não acreditava que Deus pudesse fazê-lo. Por sua vez, aquela que o acompanhava na condição de esposa não era uma pessoa de fé e, por isso, não tinha como compreender suas aflições e ajudá-lo na sua dor maior – a da consciência. Foi de amigos e familiares distantes que recebeu orações. Muitos intercederam por ele com extremado carinho. Ainda hoje, aquela que ele deixou no campo material como viúva o questiona com algumas doses de rancor e mágoa devido à condição financeira que herdou – completou o jovem cuidador, revelando no tom de sua voz o pesar que estava em sua alma.

Risoleta, sentindo-se também profundamente pesarosa com tudo aquilo que ouvira, refletia: “Realmente, somos herdeiros de nós mesmos... tudo que fazemos nos espera no futuro e não podemos culpar ninguém pelas nossas lágrimas, pela nossa infelicidade...”

José não demonstrava ter visto Risoleta chegar: com o olhar perdido no tempo, parecia ausente dali. Ela se aproximou devagarinho, e um sentimento de profunda gratidão a Deus inundou seu coração por jamais haver entrado em conflito com o ex-esposo. José a infelicitou com suas atitudes, suas palavras agressivas e ameaçadoras, mas ela sempre soube se conter – jamais revidou. E, naquele momento, agradeceu profundamente a Deus por ter conseguido se manter em silêncio nos momentos em que ele a afrontava.

Um sentimento doce tomou conta de todo o seu ser e, vendo o estado daquele que tentara impor sua autoridade à força, sentiu-se imensamente compadecida da sua dor, do seu sofrimento. Ela sofreu muito: a dor do descaso, a dor do desprezo, a dor do abandono afetivo... Mas, agora, ali, tudo o que viveu com ele perdeu o valor. Parecia, mesmo, que tudo havia ficado no passado, mas num passado muito distante...

Um passarinho que pousou na janela cantarolando trouxe José “de volta”, e foi com grande emoção que ele deparou com Risoleta na sua frente. Embora tivesse sido preparado por Juselma, não escondeu sua surpresa e, entre aflito e envergonhado, teve ímpetos de se ajoelhar diante da ex-companheira. Percebendo sua intenção, o jovem enfermeiro se apressou em contê-lo, fazendo-o desistir da ideia. Embaraçadíssimo, José não sabia o que dizer, o que fazer... Foi Risoleta quem, segurando as mãos dele entre as suas e olhando-o nos olhos, começou a falar, dando início a um diálogo.

Simone fez um sinal para que o rapaz os deixasse sozinhos e ambos se afastaram do quarto: José e Risoleta precisavam conversar e melhor seria que o fizessem sem outra testemunha que não fosse Jesus Cristo.

A formosa mensagem divina, se vivida e sentida pelo coração de boa vontade, verdadeiramente abraçado à postura cristã, regenera a alma, promovendo seu adiantamento moral. Por se encontrar sob o comando da lei sublime de justiça, que estabelece que toda causa demandará um efeito, o homem deverá, obrigatoriamente, assumir as consequências de seus atos: se viveu segundo as ordenações de Deus e da sociedade, certamente deparará com um futuro de paz e

alegrias infindáveis, por trazer a consciência tranquila. Por outro lado, se semeou discórdia, se foi dissoluto em suas posturas, indiferente aos ensinamentos morais, colherá indiscutivelmente o resultado infeliz da sua conduta, e a dor, o sofrimento serão os seus mestres, auxiliares preciosos da Lei Maior, que o reconduzirão ao verdadeiro caminho, traçado, vivido, exemplificado, pelo nosso digníssimo Senhor Jesus Cristo.

Somos todos dotados de livre-arbítrio e, no momento de optar pela senda do bem, na maioria das vezes, nos deixamos conduzir pelo egoísmo e pelo orgulho, que comprometem gravemente a nossa jornada espiritual. Mas Deus, amoroso, cheio de bondade e misericórdia, aguarda que Seus filhos despertem para o cumprimento de Suas leis, não só ofertando a cada um incontáveis recursos, como também acompanhando sua jornada evolutiva e cercando-os de ternos e pacientes servidores de Sua seara.

José e Risoleta já vinham de passadas existências trabalhando o perdão para que a amizade e a confiança estruturassem uma relação fraterna e carinhosa. José, espírito rebelde e recalcitrante, duro, exigente, vivia longe dos valores morais e vinha, ao longo de vidas anteriores, negando-se a conquistá-los. Risoleta, presa a ele no primeiro momento pelos laços do remorso, conseguiu superar os sentimentos inferiores que alimentava em si mesma e, nessa última encarnação, em que tiveram a oportunidade de estar juntos na condição de marido e mulher, conseguiu, com muito esforço, sem dúvida, conviver com o companheiro, cumprindo fielmente o seu papel, não só perante as leis divinas como também perante as leis dos homens. Foi o companheiro que, em seus desatinos, não conseguiu corresponder ao programa previamente estabelecido.

Agora, ali, diante do ex-esposo, Risoleta não escondia seu pesar, ao constatar o lamentável estado em que ele se encontrava, ao mesmo tempo que, por mais paradoxal que lhe parecesse, sentia uma alegria imensa, uma enorme gratidão invadir seu coração por ter conseguido resistir aos chamamentos do seu mundo inferior, mantendo-se sempre ligada ao Pai e a Jesus e se conduzindo em conformidade com Suas sublimes orientações.

Ver José, naquela hora, tão abatido e pensar que nada havia feito que pudesse ter concorrido para as suas dores, para os seus sofrimentos, reacendeu a paz em

seu coração. Assim, ao mesmo tempo que tentava consolá-lo com palavras de bom ânimo e esperança, agradecia ao Cristo de Deus e a Seus auxiliares pela ajuda que recebeu para conseguir vencer as intempéries da sua última encarnação.

Ainda que ele tentasse, repetidas vezes, Risoleta não permitiu que José voltasse ao passado e rememorasse os seus desatinos. Antes, tentou incentivá-lo a recomeçar uma vida nova, renovando sua estrutura interior com bons sentimentos e bons pensamentos.

“Sem dúvida esta é a minha Risoleta”, pensou José e, sorrindo, prometeu a ela, prometendo a si mesmo, que logo, logo, ficaria bom e, renovado, a acompanharia nos seus trabalhos de auxílio aos irmãos em dificuldades maiores que as suas.

Risoleta sorriu, feliz. Sentia-se recompensada: todo o esforço, todo o empenho, toda a dedicação, realmente haviam valido a pena. Despediu-se de José afetuosamente e, vasculhando cuidadosamente o seu coração, aí não mais encontrou resquício algum de mágoa e de rancor. Realmente, sentia-se leve, livre daquelas algemas que a prendiam a situações aflitivas e angustiosas.

Encontrou Simone e a abraçou carinhosamente... Esta, por sua vez, também sorriu, feliz. Novo tempo... sentimentos de luz o anunciavam...



13. *Recuperação com Jesus*



Fábio Henrique passeava pelo jardim da Colônia, procurando Augusto e Nilton com o olhar: não tivera oportunidade de reencontrar Augusto desde que o apresentara a Nilton. Passou por alguns pacientes concentrados na leitura de obras que falavam dos ensinamentos de Jesus, por outros que, num cantinho mais afastado, soletravam os versos de uma música que iriam cantar na “hora do ângelus”, e por outros mais, que ouviam com notável interesse os comentários de Nilo a respeito de uma passagem do evangelho de João sobre o perdão.

Fábio Henrique sentia a beleza da natureza, resplandecente, cheia de gratidão pelas bênçãos que, sem dúvida, desciam do Alto sobre Resplendor. “Por que Resplendor? Sempre me perguntam os recém-chegados... Por isso tudo que agora posso apreciar com o coração pleno de gratidão... Aqui, a natureza parece falar de Deus, de Sua perfeição, de Sua bondade, de Seu infinito amor por Seus filhos... Aqui, existe uma atmosfera de paz, que não se consegue explicar. Todos que aqui chegam se sentem enlevados... O respeito, o afeto, a ternura são os primeiros medicamentos ofertados aos pacientes... E muitos são os que reconhecem ter suas dores e suas aflições serenadas. As lágrimas que antes pareciam lhes queimar a face, descem amenizadas pelo desejo sincero, real, de recuperação com Jesus, por Jesus...”

Fábio Henrique continuou refletindo: “É... aqui reunimos servidores que seguem a máxima de Jesus Cristo: ‘fazer ao outro o que gostaria que o outro vos fizesse’...¹² E que revelam, no exercício da caridade, sua boa vontade, sua fraternidade, seu amor sincero aos que aqui chegam sequiosos de reconquistar a saúde, segundo os moldes que ainda trazem impressos em sua consciência, não como a entendemos – a saúde integral. Aqui, a maioria dos que chegam conhecem

verdadeiramente Jesus Cristo e Sua mensagem e, com esforço sincero, tudo fazem para interiorizar esses ensinamentos, porque se conscientizam de que só assim poderão recuperar a saúde...”

O som alegre das crianças que brincavam do outro lado do jardim chamou a atenção de Fábio Henrique, interrompendo o curso dos seus pensamentos. Embalado pela alegria que se espargia pelo ar, deixou-se conduzir quase que hipnoticamente para aquele local do jardim, atraído pelo alarido infantil.

Realmente, sob a assistência afetuosa da preceptora, algumas crianças brincavam em torno de Bruna. Como Fábio Henrique veio a saber depois, a mocinha chegara à Colônia havia algum tempo, acometida de uma moléstia incurável que se instalara em seus rins e, não lhe dando muita chance de sobreviver, a afastara do convívio familiar quando estava entrando na adolescência.

– O que está me deixando surpreso – comentou Fábio com a enfermeira assistente – é que já tem algum tempo que ela chegou aqui, como você me relatou, e ainda não se recuperou da enfermidade que culminou com o seu desenlace...

– Ah, prezado irmão... – respondeu a acompanhante das crianças. – Os pais da jovem estão inconformados. Não aceitam o passamento da filha. Dirigem-se a Deus com um palavreado agressivo, quase entrando em litígio com o Pai. Detentores de algum recurso material, não dão sossego ao médico que acompanhou a juvenzinha, ameaçando-o com a instalação de processos que podem encerrar sua carreira. E, para completar quadro tão lamentável, esqueceram-se por completo dos outros filhos, ignorando mesmo as necessidades básicas de cada um – continuou a auxiliar, imprimindo na voz todo o seu pesar. – Se não fosse o carinho da ajudante dos serviços domésticos para com os irmãos de Bruna, não duvide que eles estariam passando fome, com a despensa cheia de alimentos. Consequentemente, os juvenzinhos passaram a odiar a irmã... O sentimento deles foi do amor ao ódio como uma flecha: se referem à irmãzinha com palavras de reprovação, revelando toda a raiva que carregam no coração... Com tudo isso, Fábio Henrique – permita-me chamá-lo assim –, Bruna não tem encontrado forças para se reerguer: além da saudade que sente de casa, dos pais e dos irmãos, que ama muito, tem de lutar contra as vibrações tão danosas que deles

recebe. Temos usado todos os recursos que o momento nos facultava para ajudá-la, mas não tem sido fácil. Simone e Juselma têm lhe aplicado passes, dia sim, dia não, com o propósito de dispersar as vibrações que a tomam de assalto, vindas do seu lar, e também auxiliar o seu refazimento interior. A leitura do Evangelho tem sido sempre feita ao alcance do seu entendimento e com a intenção de modificar a tônica dos seus pensamentos. Uma das crianças do grupo compôs para ela uma musiquinha cujos versos revelam os feitos de Jesus Cristo menino – uma verdadeira obra de arte... comovente... Bruna gostou muito e canta sempre com os novos amigos, mas não tem sido o suficiente – lamentou a preceptora mais uma vez, condoída com a situação da juvenzinha.

E, não se dando por satisfeita, completou:

– Não são poucas as crianças que aqui chegam e permanecem por um bom tempo nesse estado tão triste. Os pais, as famílias deveriam se conscientizar de que, do nosso lado, a vida continua intensa, real, e que o alimento que o espírito necessita de forma tão premente como o arroz, o feijão, os legumes e as verduras, quando encarnado, é o amor dos pais, dos familiares, mas na estrutura firme do entendimento de que a saudade existe, sim, é revelação de amor, de ternura, de afeto, mas o equilíbrio, a serenidade, a fé no Pai Criador devem ser sentimentos guias da vida para amenizar as dores da separação. O desequilíbrio, o desajuste emocional dos que ficam, como interferem no bem-estar dos que partem, dificultando sua readaptação à casa de origem!

Fábio Henrique ouvia tudo isso sem tirar os olhos de Bruna. Imensamente compadecido da situação da menina, aproximou-se do local onde ela estava, num banco debaixo de frondosa árvore, e pediu licença para sentar-se a seu lado. A mocinha simplesmente balançou a cabeça, indiferente, sem sequer olhar para o afetuoso mentor. Fábio tinha a intenção de abordá-la, pois guardava o desejo de estabelecer com ela um diálogo amigo e amoroso, ainda que breve. E foi com a ajuda de uma criança que, em sua espontaneidade, o convidou para brincar, oferecendo-lhe uma flor, que encontrou ensejo para dar início à conversação, estendendo o convite à juvenzinha.

Bruna balbuciou algumas desculpas. Suas palavras eram quase inaudíveis, mas suficientemente perceptíveis para que Fábio compreendesse sua recusa. Sem mais

demora, perguntou o seu nome, na tentativa clara de se aproximar, e sem se deixar levar pela indiferença da jovem, a convidou para dar uma volta nos jardins da Colônia e ver as flores – as rosas, as violetas, os jasmims, as margaridas lindas que enfeitavam o ambiente com suavidade e muita harmonia. Na tentativa de convencê-la a aceitar seu convite, falou que muitas perfumavam os canteiros de uma forma encantadora...

Bruna o olhou demoradamente, indecisa. Fábio aguardou com paciência que ela resolvesse e, qual não foi sua surpresa, quando a viu levantar-se e segurar na sua mão, sinal de que aceitava o convite para fazer uma excursão pelos jardins da Colônia. A pequenina da rosa, sem hesitar, deu igualmente a mãozinha ao mentor e foram os três passear, acompanhados pelos olhares infantis que logo, logo, se distraíram com as pequenas travessuras da hora.

Nesse momento, Simone aproximou-se do grupo e, ao tomar conhecimento do convite de Fábio Henrique, sentiu-se muito feliz: confiando na assistência do querido mentor, guardou a certeza de que ele ajudaria Bruna a sair daquele triste estado em que se instalara.

Maria, a pequenina da flor, esfuziante, não perguntou o nome de Fábio e, com toda desenvoltura, passou a chamá-lo de tio. O estranhamento de Bruna era perceptível: sentindo ligeira falta de ar e alguma dificuldade para andar, não conseguia acompanhar a brejeirice de Maria.

Naquela hora, a brisa brincava suave entre os canteiros, parecendo beijar as flores com uma respeitável suavidade – mesmo aos olhares mais distraídos, elas pareciam brincar com seus admiradores, que passeavam por ali encantados com suas cores brilhantes e o seu delicado perfume.

Bruna olhava a natureza à sua volta sem manifestar sentimento algum, parecendo, mesmo, estar desinteressada de tudo aquilo. Essa atitude da juvenzinha não passou despercebida pelo mentor que, ante aquela postura, resolveu sentar-se com elas debaixo de um frondoso ipê, que parecia florir o ano todo: exuberante por seu porte elegante e suas flores rosáceas, encantava o visitante mais distraído.

Maria falava o tempo todo, indiferente ao mutismo de Bruna, que, por sua vez, parecia se aproveitar da tagarelice da outra para se manter em silêncio. Fábio Henrique notou que Bruna ficara cansada e ofegante, o que o levou a permanecer

por ali mais algum tempo. Alguns pacientes iam e vinham conversando, uns mais bem dispostos, outros demonstrando claramente suas dificuldades íntimas, e outros ainda que, em silêncio, pareciam estar falando com Deus...

Estavam os três descansando, bem acomodados no banco todo coberto pela sombra agradável da hora, quando Simone veio na direção deles para comunicar à Bruna que Cibele, sua tia e madrinha, que voltara ao plano dos espíritos havia algum tempo, viria visitá-la. Cibele havia sido diretora de uma creche quando encarnada e era muito querida por todos. Ocupava o cargo de diretora, mas fazia de tudo, caso precisassem dela: faltava a servidora da limpeza, lá estava ela com o balde e a vassoura na mão; faltava a cozinheira, lá estava ela envolvida com a preparação do cardápio do dia. Sempre sorridente e bem disposta, atendia a todos com muita boa vontade, tentando resolver o problema de cada um. Por tudo isso, era muito respeitada também. Desencarnou vítima de um acidente de trânsito, dando cumprimento à lei de causa e efeito. Seu passamento comoveu toda a cidade, e não foram poucas as homenagens que recebeu. Despertou no plano espiritual e logo se integrou ao grupo de voluntários: lúcida, consciente dos seus deveres para com Deus e para com o próximo, reequilibrou-se rapidamente e colocou “mãos à obra do Senhor”, como costumava dizer sempre.

Sabia que a querida sobrinha e afilhada desencarnara, e já havia algum tempo programara visitá-la, mas só agora havia recebido autorização para reencontrá-la.

No primeiro instante, Bruna pareceu não reconhecer a madrinha, que, assim que chegou, logo a abraçou calorosamente, dizendo-lhe palavras extremamente carinhosas, sem se constranger com a atitude da garota.

Maria, Simone e Fábio Henrique, estáticos, ansiavam pela manifestação de Bruna, que, até então, parecia alheia a tudo e a todos. De repente, soltando um gemido profundo, que parecia revelar toda a angústia que experimentava, a mocinha desmaiou. Simone, rapidamente, chamou os enfermeiros do posto de auxílio médico da Colônia, que conduziram a menina numa maca, com muito carinho. Cibele e Simone acompanharam Bruna, enquanto Fábio Henrique levava Maria de volta, para que ela pudesse se reunir ao grupo das crianças.

– Tio, por que você acha que Bruna ficou doente assim? – perguntou e, em seguida, ela mesma respondeu:

– Sabe, tio, quando eu estava arrumando as minhas coisas pra vir pra cá... Bem... quem me ajudou a arrumar tudo foi minha mãe, porque eu fui ficando muito fraquinha, sem força mesmo... Então a minha mãe falava pra eu não ter medo, que eu ia encontrar com Jesus. Ela me disse que eu ia encontrar com Ele, se bem que... com Ele mesmo ainda não me encontrei. Mas a tia Simone me disse que todos aqui trabalham pra Ele, e que é quase a mesma coisa... Fiquei boa logo... pra encontrar Jesus, conforme a mamãe falou. Outro dia eu estive com ela e ela quase não conseguiu falar porque estava chorando muito, mas me disse que eu não precisava ficar preocupada e que estava tudo bem: o papai estava bem, os meus irmãos estavam bem, só com muitas saudades. Eu falei que estava bem, também com saudades... que ainda não me encontrei com Jesus, mas quem cuidava de mim falava Dele quase o tempo todo... e eu sentia Ele pertinho de mim...

Maria falava, falava... parecia nem respirar. O amoroso mentor sorria, acompanhando a pequena com toda atenção.

– Quem sabe, tio, a gente fala com a Bruna que ela vai encontrar Jesus... E também a gente manda dizer pra mãe e pro pai dela a mesma coisa e que eles podem ficar sossegados que aqui todos são bons, e a gente é muito bem cuidada...

O mentor se preparou para responder, mas antes que começasse a falar, Maria completou:

– Acho que só assim a Bruna vai ficar boa de vez...

Já haviam chegado. Maria soltou a mão de Fábio Henrique, agradeceu o passeio com um beijinho no seu rosto e correu na direção das outras crianças.



14. Ao encontro de Jesus



Bruna foi instalada numa cama muito confortável, próxima a uma janela que oferecia uma linda vista do jardim. Os enfermeiros do posto que a atenderam fizeram uma imposição de mãos sobre o seu centro coronário e seu centro cardíaco, após a leitura de um trecho do capítulo VI de O Evangelho segundo o Espiritismo, O Cristo Consolador. Tia Cibele e Simone tudo acompanharam, contritas, velando pela recuperação da juvenzinha.

Terminado o atendimento, trouxeram um caldo fortificante, que a enferma deveria tomar lentamente e que a auxiliaria em sua recuperação. Passados alguns instantes, a menina abriu os olhinhos. Os enfermeiros, então, deixaram o quarto, recomendando que ela ficasse ali de repouso até o final do dia e dizendo que, se precisassem de algo mais, poderiam chamá-los. Informaram que o caldo tinha um sabor muito agradável e que seria muito importante que ela o tomasse todo.

Fechada a porta, Bruna olhou para as duas acompanhantes e chorou, chorou muito. Simone fez sinal para Cibele: que não interferisse, deixasse a mocinha extravasar a sua angústia. Ficaram, assim, as duas ali, silenciosamente, aguardando que Bruna se acalmasse. Não demorou muito, ambas ajudaram a paciente a sentar-se no leito, recostando-a para que pudesse ingerir o caldo fortificante. Depois conversariam, explicou carinhosamente Simone. Bruna, lentamente, tomou tudo, sentindo-se realmente revigorada.

Simone, carinhosamente, ofereceu-se para ler para a enferma uma história muito linda do livro que estava a seu lado, apoiado na cabeceira da cama, e que contava a vida de Jesus menino. Cibele antecipou a resposta da jovem e se dispôs a ler, ao mesmo tempo que dispensava a presença de Simone, alegando que esta deveria ter muito o que fazer. Garantiu à assistente que ficariam muito bem e que,

se precisassem de alguma coisa, tocariam a campainha e a chamariam. Simone aquiesceu feliz, compreendendo que deixar as duas sozinhas, falando de si mesmas, da família, poderia ajudar Bruna. Assim, despediu-se com um afetuoso beijo na face da menina, que mal teve tempo para agradecer.

Tia Cibele pegou o livro sem demora e começou a ler. Bruna fechou os olhos, como fazia em sua casa, “para ouvir melhor”, quando seus pais liam para ela e seus irmãos. Cibele sabia desse jeitinho dela e não se incomodou. Ao contrário, muito empolgada, deu asas às suas palavras e às suas emoções, enfeitando a história com entonação de voz das mais variadas formas. Em alguns momentos, Bruna até chegou a sorrir da forma inusitada da tia querida contar os fatos. Outras vezes, eram lágrimas que escorriam silenciosas, molhando o travesseiro. Cibele acompanhava, atenciosamente, todas as reações de Bruna e, assim, as horas passaram com rapidez. Quando terminou de contar a história, a amorosa madrinha começou a falar de Jesus – do Seu amor, das curas que Ele fez e que fazia quando os enfermos batiam às portas do Seu coração generoso, pedindo ajuda.

Bruna ouvia tudo com muita atenção: ouvir falar de Jesus, conhecer a Sua história, estava lhe fazendo muito bem. Assim ficaram as duas, agora conversando sobre Jesus Cristo e sobre a Sua missão, sem se darem conta que já havia escurecido lá fora e que as estrelas enfeitavam o manto escuro da noite com inigualável beleza.

O diálogo das duas foi interrompido pela chegada de Simone, que, admirada com a aparência da jovencinha, não pôde deixar de comentar:

– Bruna, você está ótima! O que foi que tia Cibele fez com você? Acho que devemos contratá-la para nos ajudar na sua recuperação...

E sem esperar resposta, continuou:

– Você está muito bem! Desde que chegou aqui, tem estado tristonha e sem ânimo para brincar com seus novos amigos...

Bruna, com seu jeitinho acanhado, respondeu, olhando sorridente para tia Cibele, como a pedir sua aprovação:

– Ah! Hoje conheci Jesus! Conheci Jesus de verdade...

– Como assim? – indagou Simone, fingindo-se surpresa com aquela declaração.

– Depois que tia Cibele terminou de contar a história do livro pra mim, ela me falou tudo o que sabia de Jesus, e eu fiquei muito emocionada com o que ela me contou. A história de Jesus me fez sentir melhor e falar Dele me fez muito bem...

E dirigindo-se à tia, Bruna continuou:

– Sabe, tia Cibele? Enquanto ouvia você, pensei que seria muito bom, muito bom mesmo, que a mamãe, o papai e os meus irmãos também conhecessem Jesus, mas... – a menina parou, pensativa. – Quem é que pode contar pra eles a história de Jesus, falar da vida Dele, de tanta bondade?

Simone e Cibele sorriram, felizes. A reflexão da garota recebeu de ambas um caloroso aplauso.

– Muito bem! Muito bem! – disseram as duas ao mesmo tempo. – Ah... mas quem poderá nos ajudar? – indagou Cibele.

Foi Simone quem respondeu:

– Bruna, há um Centro Espírita perto da casa de sua família. Nós vamos conhecer o trabalho que é realizado lá e, se nosso querido mentor Fábio Henrique permitir, vamos organizar um plano de ação para encaminhar sua família até lá. Vamos providenciar isso imediatamente.

– Eu mesma posso falar com o tio Fábio – disse a jovencinha, animada, revelando a sua boa disposição.

Simone e Cibele ficaram impressionadas com o entusiasmo da menina.

– É... realmente Jesus lhe fez muito bem, Bruna! Nós ficamos muito felizes com isso. Só de falarmos o nome Dele em nossos momentos de dor, milhares de mensageiros se mobilizam para nos auxiliar. Jesus é o nosso Mestre, Jesus é o nosso médico, médico que tem sempre para oferecer a cada um de nós o medicamento certo para as nossas enfermidades. O que é triste, lamentável mesmo, é que a maioria das pessoas ainda recusa esses medicamentos, escolhendo permanecer na aflição ao invés de caminhar com Jesus... E com Jesus o fardo é leve e o jugo é suave...

Bruna ouvia Simone com muita atenção. Não sabia explicar direito o que lhe havia acontecido, mas podia garantir que era agora outra pessoa: aquele aperto no coração, a vontade de chorar que não conseguia explicar, as dores no corpo, como as que sentia quando estava na sua cama, no seu quarto, perto da mãe... Tudo

aquilo que tanto a incomodava, sentia agora que havia acabado e, por isso, não escondia sua alegria.

Simone e Cibele também se encantaram com a melhora dela. Enquanto Simone foi buscar o responsável pelo posto de saúde, para pedirem a liberação da mocinha, Cibele a ajudou a se arrumar, e foi com alegria imensa que percebeu a jovencinha diante da janela, curiosa com o belo espetáculo da natureza, ajeitando os cabelos e comentando sobre as flores que enfeitavam, com o seu colorido, os canteiros próximos à entrada do posto de atendimento.

Simone voltou com Fábio Henrique, sensibilizado que havia ficado com a notícia da recuperação de Bruna. Sorridente, o mentor cumprimentou-a, prometendo a ela que tomaria todas as providências para que sua família conhecesse Jesus como ela agora O conhecia. Bruna agradeceu, muito feliz, e disse que, daquele dia em diante, quando visse uma pessoa triste, infeliz, iria falar de Jesus Cristo para ela e, pegando o livro que estava na cabeceira da cama, perguntou, cheia de expectativa:

– Posso ficar com este livro pra mim?

Fábio Henrique abraçou-a carinhosamente, e lhe disse:

– Vamos levar você, depois, a uma sala cheia de livros, que também contam a história de Jesus. Temos certeza de que você vai se encantar. Este agora é seu, pode ficar com ele.

Bruna sorriu, muito feliz e, segurando o livro entre as mãozinhas, agradeceu ao mentor com um afetuoso beijo em seu rosto.

Simone relatou ao mentor, rapidamente, a boa disposição da menina. Agora, ambos iam estruturar um planejamento para encaminhar os familiares dela a uma Casa Espírita, onde encontrariam apoio e orientação para o momento que estavam vivendo.

– Na verdade – comentou o nobre mentor –, o homem precisa conhecer melhor Deus e Suas lições de amor; conhecer Jesus e Sua passagem pela Terra com o único objetivo de ensinar às criaturas o caminho que leva ao reino dos céus; instruir-se sobre a continuidade da vida que se estende ao infinito; as muitas moradas que existem na casa do Pai; a imortalidade da alma e sua responsabilidade quanto às consequências de seus atos... A grandiosidade da vida

que se movimenta nos dois planos da matéria – o da matéria densa e o da matéria sutil –, abrigando as almas, estejam encarnadas ou desencarnadas, é bênção do Criador, que, amorosamente, oferta a Seus filhos oportunidades redentoras. Cabe ao espírito o trabalho de se transformar, mas, para que isso aconteça, é fundamental que promova um encontro consigo mesmo, amparado pela compaixão e pelo perdão, para que não se afaste do caminho apresentado por Jesus e enverede por atalhos, deixando-se levar pela culpa e pelo remorso – sentimentos que poderá abraçar ao averiguar a extensão de suas necessidades de se reabilitar moralmente.

Fábio Henrique, dirigindo o olhar amoroso às suas interlocutoras, continuou:

– Não se pode esquecer, em tempo algum, que a lei divina é lei de amor e que o Pai jamais pune Seus filhos ou os castiga; muito antes, os conduz para “as escolas de redenção”, onde deverão, através do esforço diário, renovar-se, aplicando em si mesmos as dúcidas lições de caridade ensinadas pelo Mestre dos Mestres. Entretanto, ensimesmado no atendimento de seus interesses particulares, que passam a ser o único objeto da sua encarnação, o espírito concentra suas energias na conquista das coisas materiais, acreditando, assim, usufruir da felicidade sem mesclas. O que acontece, então, é que mais dia menos dia, sente-se invadido por uma angustiada sensação de vazio e, infeliz, constata que tudo aquilo que construiu para o seu gozo, tornou-se, na verdade, objeto da sua inquietude. Por trazer em sua essência a herança divina, começa a buscar algo que o alimente, que lhe renove as forças interiores, que o anime e, por não ter estabelecido consigo mesmo este autoconhecimento, se voltará para as ilusões e fantasias oferecidas pelo mundo material, mais uma vez distanciando-se dos seus compromissos com Deus. O ideal é que o indivíduo trabalhe incansavelmente por sua reforma moral, sem se esquivar das orientações do Mestre Jesus, adiando interminavelmente o seu processo de verticalização perante Deus. Dotado de livre-arbítrio, o homem faz suas escolhas, muitas vezes sem se dar conta das consequências que advirão daquele seu comportamento: se suas atitudes forem positivas, naturalmente estará se libertando, libertando-se do seu passado, consequência óbvia de seu agir no bem pelo bem, mas, ao contrário, se insiste em repetir os mesmos hábitos viciosos que arrasta consigo, provenientes de seu passado infeliz, estará, inevitavelmente, se aprisionando às consequências da sua

insanidade. Assegura-nos o Mestre Jesus que “a cada um será dado de acordo com as suas obras”,¹³ revelando, desse modo, a gravidade do compromisso que o espírito tem consigo mesmo, com o seu próximo e com a vida que pulsa delirante em seu entorno. Em virtude dessa realidade inquestionável, o homem traz o dever de se cuidar espiritualmente e moralmente, zelando por sua aparência interior, que o mundo material não pode ver, longe que está de avaliar sua estrutura evolutiva, por não dispor dos parâmetros usados pelos mensageiros do bem. Leis regem a relação entre os homens para que seja pacífica sua convivência, mas são muito poucos os que se dispõem a dar cumprimento a essas orientações: a grande maioria se rebela diante dessas leis, revelando sua realidade interior, e não é diferente quanto aos mandamentos de Deus, que promovem a criatura e orientam-na para que usufrua da verdadeira felicidade.

Após breve pausa, concluiu o bondoso orientador:

– Asseveram os benfeitores da Vida Maior que o homem pode gozar de relativa felicidade na Terra, bastando para isso que cumpra seus deveres, suas obrigações como filho do Altíssimo, “que faz se levante o sol para os bons e para os maus e que chova sobre os justos e os injustos”.¹⁴ Até mesmo porque todos os homens trazem impressas na consciência as leis de Deus e jamais, em tempo algum, poderá negar conhecê-las. O adoecimento da criatura advém da sua rebeldia, da sua indiferença às leis do Pai. Agindo desastrosamente, palmilhará sua estrada de melhoria íntima entre angústias e lágrimas, que poderão lhe parecer intermináveis, mas nada que seja superior à sua capacidade de superá-las, trabalhando sempre seus sentimentos e seus pensamentos com o claro propósito de resgatar sua saúde física, mental e espiritual, laborando pela integralidade do ser eterno que é. Lamentavelmente, muitos espíritos, irredutíveis, expiam por séculos e séculos seus comportamentos infelizes, defendendo seus pontos de vista egoístas, hasteando bandeiras do narcisismo com o olhar voltado somente para seu mundo, movimentando-se na existência com o único fito de se satisfazer. As doenças que ferem o corpo físico revelam que os sentimentos e os pensamentos daquela alma precisam urgentemente de cuidados terapêuticos, mas os recursos oferecidos pela matéria não são suficientes para promoverem sua cura. Urgente se faz que recorra a Jesus Cristo, Médico dos Médicos, que, em Sua bondade e Misericórdia, prescreve receitas eficientíssimas para o ser trabalhar sua renovação

interior e alcançar sua recuperação física e, conseqüentemente, seu adiantamento moral.

Cibele, Bruna e Simone ouviam o mentor com singular interesse. A jovenzinha parecia compreender tudo o que estava sendo dito.

– Bem, bem... – disse Fábio Henrique – prossigamos com nossas tarefas. O tempo não espera. Na verdade, temos muito o que fazer!

Despediu-se afetuosamente o mentor, já desenhando em sua mente o projeto que deveria abraçar a partir de agora: auxiliar os pais de Bruna por meio dos ensinamentos da Doutrina Espírita.



15. *Reconstruindo a amizade*



Fábio Henrique estava concentrado em seus pensamentos, já elaborando o projeto de encaminhamento dos pais de Bruna até uma Casa Espírita para receberem o consolo e o esclarecimento necessários a seus corações angustiados e sofridos em virtude da desencarnação da filha tão amada, quando ouviu seu nome:

– Fábio! Fábio Henrique!

Virou-se na direção de onde parecia vir o chamado e deparou com Augusto, sorridente, trajando um macacão verde todo sujo de terra, ao lado de Nilton, que, agachado a seu lado, continuava remexendo a terra do canteiro onde os dois estavam trabalhando.

Agradavelmente surpreso, o mentor atendeu ao chamado de Augusto e foi até ele, abraçando-o afetuosamente. A aparência do ex-empresário e sua disposição para o trabalho revelavam sua transformação íntima, e, ao constatar isso, Fábio sentiu-se muito emocionado.

Na verdade, Augusto demonstrava uma nova disposição para a vida: sentia-se realmente modificado e confessou ao mentor amigo que aquele trabalho estava lhe fazendo muito bem. O contato com a terra, a beleza da natureza, desde a sementinha minúscula até a flor tão perfumada, tudo o encantava e tudo observava com um deslumbramento novo, pois em momento algum de sua última encarnação tivera oportunidade de viver experiência tão enriquecedora. Augusto sentia-se realmente revigorado e dizia que foi o trabalho o único responsável por sua nova disposição íntima.

Nilton, a seu lado, tudo ouvia, sem interferir, apenas sorria diante do entusiasmo infantil do seu companheiro de trabalho. Lembrou que já havia vivido

aquelas mesmas emoções e reconhecia que, verdadeiramente, aquela tarefa, que desempenhava com tanto amor, fazia parte da sua vida. Chegara ali abatido, sentindo-se um derrotado, profundamente infeliz por não ter conseguido cuidar da família como havia planejado... Tinha um emprego muito bom, mas em razão de sua indisciplina e negligência foi dispensado... e ao constatar o quanto havia negligenciado suas responsabilidades profissionais e familiares mergulhou numa profunda depressão. Após um ataque cardíaco fulminante, voltou ao mundo dos espíritos, debatendo-se em suas infelicidades, até que, socorrido pelos samaritanos da caridade, foi levado para aquela Colônia, onde foi recebido com extremado amor. Ao se perceber em melhores condições emocionais, pediu muito que lhe dessem a oportunidade de trabalhar, e foi entre as plantas e as sementes, no seio da natureza, que reencontrou seu equilíbrio... lembrando, também, que, muitas vezes, regou com suas lágrimas sentidas as sementinhas que ensaiavam germinar. Nilton tornou-se um exímio jardineiro, e todos apreciavam os jardins da Colônia, que agora estavam sob a sua supervisão.

Naquele momento, ouvindo Augusto falar das suas emoções, dos seus sentimentos, Nilton parecia ouvir, em muitos momentos, a sua própria história: “Ah... como somos parecidos uns com os outros...” – pensava, entre uma reflexão e outra.

Augusto continuava relatando para o mentor seu bom ânimo e sua perplexidade diante de uma situação que lhe parecia extraordinária: Nilton havia sido funcionário da sua empresa! Diante desse fato inusitado, Fábio Henrique sentiu-se profundamente emocionado: a graciosidade do movimento da vida em favor das criaturas enchia o seu coração de um encantamento indescritível, era obrigado a confessar...

Patrão e empregado reuniram-se do outro lado da vida, sob as bênçãos amorosas do Senhor da Criação, que possibilitava a ambos experiências novas e educativas por excelência. Para Augusto, homem prático, objetivo, cada dia era visto como oportunidade para o aprendizado de lições preciosíssimas, que acatava com verdadeira volúpia, no propósito de se tornar uma pessoa melhor. Dizia incansavelmente que sentia sede dos conhecimentos que estava tendo condições de acessar e sempre demonstrava seu reconhecimento pela misericordiosa

presença de Deus em tudo e em todos, nem de longe lembrando o homem materialista que fora:

– Disciplina, perseverança e força de trabalho nunca me faltaram. Acho até que isso está no meu sangue... – dizia entre uma conversa e outra.

Em outros momentos, comentava, reflexivo:

– Talvez por ser tão determinado, desenvolvi uma superconfiança em mim mesmo, na minha capacidade de trabalho e, lamentavelmente, passei a me sentir um deus... Quanto mais homenagens eu recebia, mais e mais queria fazer para merecer os louros e as glórias próprias do mundo. Soube até de um ligeiro movimento feito por alguns funcionários “mais fiéis”, que queriam mudar o nome da praça onde está a fábrica para me fazerem uma homenagem póstuma. Não fossem as dificuldades que encontraram, eu estaria “na boca do povo” todos os dias, sendo exaltado e me enchendo de mais orgulho e vaidade... Agradeço sempre por eles não terem conseguido: para mim não teria sido bom...

Augusto costumava falar, falar... Parecia falar para si mesmo...

Fábio Henrique o abraçou ternamente ao despedir-se. Nesse momento, Nilton se levantou e também o saudou carinhosamente: o reencontro com Augusto lhe havia feito muito bem. Durante muito tempo havia atribuído a ele a sua desdita, condenando-o com palavras ásperas e desagradáveis. E como, quase sempre, era censurado por aqueles que o ouviam, pior se sentia e mais empenhado ficava em comprometer a integridade moral do ex-patrão.

Quando se reencontraram, Nilton, de início, não o reconheceu. Assim, conversavam estritamente sobre o assunto de interesse geral, relacionado ao momento que viviam: questionavam a religião que abraçaram quando encarnados, pois jamais haviam sido esclarecidos sobre a continuidade da vida e a verdadeira posição de cada um após a morte, “sempre de acordo com a soma dos valores morais adquiridos na vida, pensamento lógico e claro para quem trabalha na área do conhecimento intelectual como eu”, conforme concluía Nilton, sempre dando ênfase às suas palavras.

Nilton ainda não se perdoara totalmente e, vez por outra, sentia-se profundamente triste por ter desperdiçado sua saúde e sua inteligência, alimentado sua preguiça, perdido a oportunidade de convívio com a esposa e os

filhos. Ah... isso para ele voltava como um ferro que, em brasa, lhe queimasse o coração... E embora já houvesse passado muito tempo desde a sua desencarnação, voltava a sentir os mesmos sintomas do infarto que havia encerrado sua existência na Terra. Também sofria muito com essas crises porque, como se justificava, “sei de tudo, sei de tudo... está tudo aqui, está tudo aqui...”, falava, batendo na cabeça. Muitas vezes, chorava copiosamente, cheio de saudades de casa, saudades acrescidas de um sentimento de arrependimento, de profundo arrependimento pela oportunidade da vida que deixou escapar pelos “dedos preguiçosos” da sua mão...

Quando, entre um diálogo e outro, Nilton e Augusto tiveram oportunidade de relembrar alguns acontecimentos da vida de encarnados, comentaram sobre o lado profissional de ambos. Nilton teve um choque: os sentimentos que acreditava estarem sepultados em seu coração voltaram à tona com a força de um vulcão em erupção. Como assim? Estava diante do responsável pela sua desdita? Estava dividindo seu trabalho ali com aquele que havia causado sua morte? Nilton tentava se manter firme: sabia... já sabia, porque havia aprendido, e acreditava que realmente compreendera muito bem, que seu patrão não havia sido o responsável por sua demissão, que ele, ele sim, havia sido o único responsável por todas as consequências da sua negligência, do seu desprezo pelas oportunidades que a vida lhe havia oferecido... Mas não conseguia se equilibrar e, quando se deu conta, o ar lhe faltava, a dor no peito voltara, tudo girava ao seu redor... desmaiou...

Augusto jamais poderia imaginar o que se passara no íntimo do “novo amigo”. Chamou imediatamente o socorro, e logo, logo, os enfermeiros vieram e conduziram Nilton ao posto de atendimento médico. Tomadas as devidas providências, Nilton recobrou os sentidos, recebendo a recomendação de que ficasse ali durante algumas horas para se recompor totalmente. Augusto, extremamente prestativo, se colocou ao lado dele, prontificando-se a servi-lo no que fosse necessário.

Nilton, recomposto de seu mal-estar, observava o ex-patrão com uma curiosidade imensa: nada, nada em sua postura demonstrava que tivesse sido ele o causador – causador “involuntário”, corrigiu rapidamente – daquele episódio todo. Como se habituara a buscar sempre O Evangelho segundo o Espiritismo para se orientar quanto ao seu processo de renovação interior, até mesmo porque já havia

aprendido que Jesus Cristo era, indiscutivelmente, o médico dos homens e das almas, pediu ao novo amigo que lhe passasse o exemplar do Evangelho que estava na mesinha ao lado da cama, comentando:

– Gostaria de saber, “Senhor” Augusto, qual a receita que o médico Jesus me aviará neste momento em que O procuro, ansioso, para receber do Seu terno coração a orientação que, tenho certeza, será determinante para a minha recuperação.

Augusto lhe passou o Evangelho, estranhando um pouco a maneira como Nilton havia se referido a ele: “senhor?” Ficou pensativo: “na hora certa, vou questionar isso... Talvez agora não seja uma boa hora, mas quero saber por que mudou comigo...”

Nilton recebeu o Evangelho, abriu-o imediatamente “ao acaso” e, surpreso, leu: capítulo XVII, Sede perfeitos, item 1: “Amai os vossos inimigos; fazei o bem...” Sua voz ficou presa na garganta, lágrimas desceram por suas faces... Augusto permaneceu em respeitoso silêncio. Não fazia ideia do que se passava com o amigo enfermo e, assim, esperou pacientemente até que o outro se recompusesse.

Passados alguns minutos, Nilton sentou-se na cama, retomou a leitura do trecho do Evangelho, fez uma oração sentida, revelando tudo o que lhe ia na alma para, em seguida, contar a Augusto por que havia tido aquela crise: falou, falou...

Augusto não cabia em si de tanta perplexidade: ouvia o relato de Nilton até mesmo com algum assombro, compreendendo por que ele o havia chamado de “senhor”.

Quando Nilton se calou, Augusto o abraçou com um sentimento de verdadeira amizade, confessando que, realmente, jamais poderia suspeitar que se achasse envolvido naquela situação. Propôs uma mudança de sentimento e de atitude, seguindo com empenho “a receita enviada pelo médico Jesus Cristo”.

Sorrindo, refeito, Nilton concordou: sentia mesmo que necessitava se libertar desses sentimentos aos quais havia se algemado por sua revolta e inconformação.

Assim, já no dia seguinte, os dois se encontravam a postos: o trabalho não podia esperar...

Fábio Henrique sabia que Nilton era um homem de poucas palavras, mas percebeu, pelo brilho dos seus olhos e por seu sorriso espontâneo que ele estava

bem, em harmonia com seus sentimentos e pensamentos. “Assim é melhor” – pensou. “Na verdade, se sofremos é porque ainda não compreendemos, realmente, a mensagem de amor ensinada por Jesus... Se não O compreendemos, não O vivenciamos... e se não O vivenciamos, não nos adiantamos como precisa ser...”

Despedindo-se, o mentor se afastou para dar continuidade às suas tarefas do dia.



16. Amparo espiritual



Fábio Henrique marcou uma reunião com Simone. Com os dados que já tinham da família, desejava planejar uma visita à casa dos pais de Bruna, para, então, estabelecer uma maneira de ajudá-los a encontrar consolo para a desencarnação da filhinha. Simone atendeu ao chamado do mentor com muita presteza e, sem demora, combinaram visitá-los na noite seguinte após as onze e meia, quando todos já deveriam ter se recolhido para o descanso noturno.

Assim fizeram: após orarem, rogando as bênçãos do Alto, partiram ambos na direção do bairro onde residiam o casal e seus dois outros filhos. O movimento nas ruas principais do centro da cidade era infinitamente menor do que no meio do dia – apenas um veículo ou outro transitava silenciosamente pelas vias pouco iluminadas; apenas um ou outro pedestre seguia apressado, parecendo rumar para casa.

Em compensação, do outro lado da vida, grupos de espíritos desordeiros perambulavam de um lado para outro. Iam e vinham ininterruptamente, buscando mentes encarnadas desavisadas para com elas estabelecerem um conluio que atendesse aos seus despropósitos. Entre suas gargalhadas estridentes e seus gritos lançados a esmo, ouvia-se o choro angustiado de um e outro sem rumo, perdido de si mesmo. Bondosos irmãos tentavam demovê-los de seu intento, sem êxito algum, pois até mesmo aqueles que davam a impressão de pedirem auxílio para suas dores corriam apavorados quando abordados pela equipe do bem.

Fábio Henrique e Simone interromperam momentaneamente sua missão para abraçarem calorosamente o irmão Deodoro, que fazia parte da equipe que incansavelmente trabalhava naquela região da cidade.

Deodoro viveu uma experiência muito dolorosa com o filho mais velho, que se envolveu, nos primeiros anos da mocidade, com um grupo de usuários de droga. O jovem afastou-se de casa em muitas ocasiões, para tristeza da família, e veio a falecer de *overdose*. Foi profundo o sofrimento de todos. Menino bom, respeitador, inteligente, bom aluno, não conseguiu resistir ao envolvimento tão pernicioso de alguns colegas da escola. O amor dos pais e o amparo da família conseguiram ajudá-lo em muitas ocasiões, mas não o suficiente para impedir uma dose excessiva numa festa de final de semana. Alguns amigos mais próximos contaram à família que foi proposital, pois ele se sentia profundamente infeliz pelo desgosto que causava aos pais, a quem dizia amar profundamente, mas não encontrava forças para deixar o vício. Tal esclarecimento, contudo, em nada ajudou... A família “perdeu o brilho”, a alegria de viver.

Deodoro recebeu a assistência de bondosos amigos, que lhe contaram que sua mãezinha, que já se encontrava no plano dos espíritos, tornara-se tutora do seu filho querido. A partir daí, dedicou-se ao estudo da Doutrina Espírita, no que foi acompanhado por toda a família, sempre rogando ao mais Alto que quando regressasse à verdadeira pátria lhe fosse dada a oportunidade de participar da equipe de trabalhadores que atendem os irmãozinhos desencarnados em situação tão trágica como a do seu filho.

Foi assim que Deodoro, tão logo retornou à pátria espiritual, ingressou na tarefa que tanto havia pedido a Deus. Ali estava ele, com um semblante iluminado pelo reencontro com os amigos. Trocadas as primeiras impressões, Deodoro revelou, com visível pesar, a profunda infelicidade acarretada pelas drogas: o desespero, a confusão mental, os prejuízos de toda natureza causados à alma do usuário. A linguagem humana é insuficiente para retratar tanta dor, tamanho sofrimento.

Fábio Henrique e Simone abraçaram carinhosamente o amigo, solidarizando-se com seu pesar e inspirando-lhe um profundo desejo de orar. Imediatamente, Simone tirou do bolso do seu avental um exemplar de O Evangelho segundo o Espiritismo, e Deodoro convidou uns amigos que estavam próximos para acompanhá-los. A turba do outro lado da vida parecia ensandecida: ninguém se entendia com ninguém... Simone, serenamente, abriu o Evangelho ao acaso e, com todo o amor do seu coração, começou a ler pausadamente: “capítulo VI, O

Cristo Consolador. Vinde a mim...” O pequeno livro começou a se iluminar: raios minúsculos de luz saltavam no ar, clareando a noite escura. A multidão, surpreendentemente, emudeceu. Alguns corriam apavorados, outros caíam de joelhos no chão, outros desmaiaram... Imediatamente, veículos que guardavam algumas semelhanças com as ambulâncias da Terra foram se aproximando e recolhendo os homens, mulheres e juvenzinhos que, exaustos, estendiam as mãos carcomidas pela indigência moral, pedindo auxílio. Muitos foram assistidos, mas muitos, também, fugiram apavorados e agora, afastados, faziam ameaças, dizendo impropérios de toda sorte.

Simone terminou a leitura secundada por sentida prece. Deodoro e os amigos acompanharam tudo com indizível emoção. Terminaram o encontro com afetuosas despedidas e a promessa de, futuramente, receberem Deodoro e a equipe para uma visita à Colônia.

Fábio Henrique e Simone partiram para a casa da família de Bruna. Do jardim já se ouviam os soluços de uma mulher que parecia ser sua mãezinha. Logo na entrada, encontraram Josias e Sandra, os mentores responsáveis por aquele lar, aos quais se apresentaram e revelaram o objetivo que os levava até ali. Sandra e Josias sorriram, demonstrando a eles imensa gratidão pelo auxílio que estavam recebendo. Ambos relataram aos recém-chegados o sofrimento da mãezinha inconformada, revoltada com Deus, o que alimentava em seu angustiado coração um sentimento de culpa que não lhe dava tréguas. Consequentemente, os dois irmãos de Bruna passaram a nutrir pela irmãzinha falecida um sentimento de raiva profunda, que se aliava à saudade e à falta que sentiam dela, por não saberem verbalizar o “esquecimento” dos pais, que, agora, só falavam de Bruna, chorando por ela, sem se darem conta deles.

Simone relatou que tomara conhecimento de que uma amiga da mãezinha de Bruna frequentava a Casa Espírita próxima da residência da família e já havia convidado os pais da menina a acompanhá-la a uma reunião pública em que se estuda o evangelho de Jesus Cristo à luz da Doutrina Espírita. Os pais de Bruna não aceitaram, receosos, porque abraçavam outro segmento religioso, mas ela acreditava agora que, se conseguissem demovê-los dessa ideia, eles poderiam acompanhar a amiga.

Josias convidou-os a entrarem na residência e orarem junto da mãezinha chorosa, na tentativa de acalmá-la. Se ela adormecesse, e possível fosse, tentariam orientá-la a procurar a amiga para que ela os levasse à Casa Espírita.

Já adormecida, a mãezinha de Bruna desprendeuse do corpo físico, mas permaneceu muito próxima dele devido a seus sentimentos. Insegura, temerosa, percebeu a aproximação de Sandra, Simone e Josias e, acreditando que eram anjos, tentou ajoelhar-se, mas não conseguiu porque pensamentos desconhecidos invadiram sua mente já tão conturbada pelos sentimentos que guardava em seu coração. Os mentores, percebendo as dificuldades da jovem senhora, limitaram-se a fazer uma prece para confortá-la, a fim de que pudesse voltar a dormir sossegadamente. E foi o que aconteceu.

Fábio Henrique e Simone despediram-se dos amigos, deixando combinado que voltariam na noite seguinte para darem prosseguimento ao plano elaborado.

Ao despertar, a mãezinha de Bruna contou ao esposo e aos filhos o sonho que tivera e que não conseguia compreender. A resposta surpreendente do seu filhinho menor fez toda a diferença:

– Quem sabe foi a Bruna que veio visitar a gente, e a senhora não viu?

Sandra e Josias, que acompanhavam a família no café da manhã, sorriram discretamente. O pai e a mãe da garotinha desencarnada ficaram perplexos com a resposta do garoto.

– Será? – falaram os dois ao mesmo tempo.

– Quem poderá nos ajudar a esclarecer isso é a Solange... – observou a jovem mãe. – Tantas e tantas vezes ela me convidou para ir ao Centro Espírita com ela e eu não quis... Acho que a hora é agora!

E sem dar tempo para que alguém mais se manifestasse, ligou para a amiga, contando a ela todo o seu enigmático sonho, enquanto o esposo e os filhos aguardavam seu retorno à mesa. O café estava esfriando, mas eles pareciam não estar mais com fome...

Solange combinou que passaria à noite para levá-los à Casa Espírita, onde ouviriam os estudos e seriam recebidos para um atendimento fraterno, enquanto as crianças participassem da evangelização infantil. Uma doce e suave brisa parecia chegar do jardim... Intimamente, todos sorriam animados.

Josias e Sandra estavam profundamente agradecidos a Jesus pelo desenrolar dos acontecimentos e, com uma sentida prece, renovaram os votos de que aquela família encontrasse consolo nos esclarecimentos oferecidos pela Doutrina Espírita.

As horas do dia passaram rapidamente. Muitas eram as tarefas e os compromissos que os membros daquela família tinham para cumprir: os meninos deveriam ir mais cedo para a escola, pois era dia de natação antes das aulas e, no final do período, tinham aula de música. Os pais, atarefados, cada um atendendo à rotina do dia, não descansaram o pensamento momento algum, só lembrando do encontro com Solange, ao mesmo tempo que milhões de questionamentos assaltavam-lhes o coração. Na hora combinada, a campainha tocou... Solange encontrou a família pronta para acompanhá-la, notando, na fisionomia dos pais de Bruna, uma grande expectativa. Até chegarem à Casa Espírita, a amiga foi bombardeada com muitas perguntas, mas, pacientemente, tentou responder a todas com sincero desejo de acalmar-lhes o coração.

Josias e Sandra acompanharam seus tutelados e, já durante o percurso, inspiraram Solange a presentear os pais de Bruna com O Livro dos Espíritos e O Evangelho segundo o Espiritismo – inspiração que a tarefeira de Jesus acolheu com muito entusiasmo.



17. *Buscando o roteiro para a evolução*



O movimento na Casa Espírita era intenso, a começar pela chegada dos participantes da reunião pública. Os grupos entravam conversando animados e eram recebidos com alegria e carinho pelos trabalhadores da instituição que, no hall, atuavam como recepcionistas. Imediatamente, os que chegavam para a reunião adentravam o salão onde seria proferida a palestra, já quase completamente lotado àquela hora. Uma música suave e agradável convidava todos ao silêncio e à meditação.

Os pais de Bruna não escondiam sua surpresa – a harmonia e a paz do ambiente tocavam profundamente aqueles corações, e eles não podiam negar o bem-estar que estavam sentindo. Uma jovem sorridente veio convidar os irmãos de Bruna a acompanhá-la e informou que os conduziria à sala de aula da evangelização infantil. Os meninos, entre surpresos e encantados, não opuseram resistência alguma.

O coordenador das tarefas da noite abriu os trabalhos com uma prece muito amorosa e, em seguida, convidou o palestrante a dar início ao estudo programado para a reunião, que teria como tema “Justiça das aflições”, título do item 3 do capítulo V de *O Evangelho segundo o Espiritismo*, Bem-aventurados os aflitos.

Os pais de Bruna ficaram emocionados, pois sentiram – como contaram posteriormente – que a palestra havia sido feita única e exclusivamente para eles. Após o estudo, todos foram convidados a tomar passe, e os trabalhos da noite se encerraram com muito júbilo. Júbilo que também foi sentido no plano dos espíritos, pois os mentores tiveram certeza de que o consolo proporcionado àqueles corações que ali chegaram tão angustiados os levaria ao estudo e ao

entendimento da Doutrina Espírita, amenizando, assim, suas dores pela morte da filhinha amada, em tão tenra idade.

Solange comprometeu-se a acompanhá-los sempre, até porque desejava muito apresentar-lhes um grupo de pais que desenvolvia uma tarefa nobilíssima numa creche que ficava num bairro distante, na periferia da cidade.

Fábio Henrique, Simone, Josias e Sandra rendiam graças ao Senhor pelas bênçãos derramadas sobre aquela família. Não tinham mais dúvidas: a partir daquela data, todos os envolvidos naquela situação de dor legítima iriam renovar seus sentimentos e, no bem, refariam seu projeto de vida, agora mais serenos e confiantes.

A natureza, mantenedora da vida no planeta em todos os níveis onde esta pulsa exuberante, e cuja beleza se renova constantemente, é de causar admiração ao mais indiferente indivíduo que se possa imaginar. Assim, distraído das horas que passavam rapidamente, Leonardo apreciava o conjunto de cores das flores que enfeitavam o canteiro junto do qual se encontrava sentado. Havia horas acomodara-se naquele banco – gostava de ficar ali, quieto, a meditar – e confessava a si mesmo, até na tentativa de se penitenciar, que não compreendia como nunca havia prestado atenção à natureza... Quando estava “vivo”, via sua mãezinha muito amada cuidando dos canteiros do jardim de sua casa, toda “paramentada”, como costumava falar, brincando com ela, mas não parava para ajudá-la... nunca... tampouco para apreciar seu trabalho cuidadoso, meticuloso, trabalho que ela fazia com muita alegria e invejável disposição. “Aliás, tudo o que a minha doce Nitinha (como costumava chamá-la carinhosamente) fazia... ou faz? era sempre... ou é? com uma disposição invejável...” – pensava ele com muita saudade no coração.

Agora, ali, observando o conjunto de cores das flores daquele canteiro, tinha a nítida, a clara ideia da grandiosidade de Deus. “Sei... sinto... estou aprendendo... o que todos devemos ter no coração... mas ainda preciso de muita ajuda para aceitar também outras verdades que hoje me são reveladas e não consigo interiorizar... – continuava refletindo.

Foi Juselma quem o tirou daquela cisma toda: Leonardo estava atrasado para receber o tratamento. Embora ainda sentisse alguns sintomas da enfermidade que o levou a óbito, o jovem estava sempre distraído e, frequentemente, “perdia a hora” do procedimento terapêutico. Juselma, abraçando-o calorosamente na tentativa de infundir-lhe bom ânimo, levou-o para o departamento de reabilitação. Vez por outra, Leonardo caía em profundo estado de angústia: a inconformação de dona Anita, sua mãezinha, que chegava às raias da revolta com Deus, aumentava os sintomas da sua enfermidade, que mais se agravava pela dificuldade dele em aceitar sua desencarnação.

Juselma e Irmão José decidiram, então, consultar seus superiores para saber se seria prudente ou não relatarem a Leonardo a razão de ter voltado ao plano espiritual tão jovem e com uma enfermidade que interrompeu sua existência na matéria num curto espaço de tempo.

– O mais sensato por hora é que ele não saiba – disse um dos mentores que acompanhava o tratamento de Leonardo. – O suicídio é um ato de violência gravíssimo que o homem comete contra as leis de Deus. E se ainda hoje ele não se recuperou da enfermidade que culminou com sua desencarnação, não é prudente que acesse esse conhecimento de uma vivência passada. Acreditamos que isso em nada iria auxiliá-lo. Muitos indivíduos anseiam por conhecer seu passado, descumprindo as ordens de Deus, e muitos caem no vazio, na desilusão, por nada descobrirem que acrescente valor à sua atual existência. Outros, por sua vez, acessam informações que fazem parte das suas criações mentais. Acreditam que tais informações estavam em seus arquivos, mas, de fato, não são vivências reais.

O mentor, refletindo as suas preocupações íntimas naquela hora em que tentavam buscar outros implementos para auxiliar na recuperação de Leonardo, continuou:

– O homem está longe, muito longe de conhecer a mente e seus mecanismos de manifestação, e, ainda assim, se atira, arrojado, a experiências que quase nada ou nada acrescentam a seu processo de autoaprimoramento. Sem contar que muitos profissionais que realizam essa tarefa não se encontram habilitados para tal e se perdem também diante das situações inusitadas que se lhes apresentam, exigindo atenção e justa solução. Muitos irmãos que se propõem a trabalhar no

campo da mente deveriam colocar junto dos seus livros técnicos O Evangelho segundo o Espiritismo, que oferece um roteiro perfeito, irretocável, para a evolução do espírito, seu amadurecimento e para que seu processo de iluminação aconteça alicerçado na rocha, como disse Jesus Cristo ao discípulo Pedro, ao se referir a ele, Pedro, como a pedra onde alicerçaria Sua igreja. Muitos são os que almejam alcançar a felicidade sem precisar fazer esforço algum. São os que aguardam que desçam dos céus os recursos de que necessitam para terem seus problemas resolvidos. E não são poucos os que fazem exigências descabidas...

Juselma e Irmão José acompanhavam o atencioso mentor com singular interesse.

– É... – disse Irmão José. – Muitas vezes, nossos irmãos na Terra acreditam que somos como máquinas, que tudo fazemos no automático, como se bastasse acionar um botão “liga e desliga”... Poucos sabem o quanto também sofremos quando acompanhamos a dor daquele que dispõe de tudo para se recuperar e, indiferente, nega peremptoriamente a assistência que lhe é ofertada, porque o orgulho, a vaidade, o egoísmo dominam seu coração, engessando sua mente. Respeitando o livre-arbítrio de cada um, devemos aguardar até que, exausto de sofrer, busque as orientações de Jesus Cristo para ter sanadas suas aflições, e movido, então, pelo desejo sincero de mudar, dê início a seu projeto de transformação, modificando sua conduta, a partir dos seus pensamentos e sentimentos.

– E não tem mágica, não tem milagre mesmo... – completou Juselma, dando azo também a seus pensamentos. – Quantos e quantos irmãos aqui aportam acreditando que serão recepcionados por nosso amado Mestre Jesus Cristo, porque “pagaram” para isso... Pagaram... muitas vezes não com moeda corrente, mas se comprometendo a fazer tal ou tal coisa, como cuidar de um familiar enfermo, suportar um relacionamento difícil ou sujeitar-se a um trabalho sacrificial, com o único fito de ser recebido pelo Mestre e passar a gozar, então, das blandícias do reino de Deus. Ah! Como sofrem esses irmãos... como sofrem ao tomar conhecimento da verdade. Ah! Como sofrem... Decepcionados, passam à revolta e à indignação de uma só vez, e meses, anos, décadas vivem mergulhados no desespero causado pela triste realidade. Sentem-se ultrajados, traídos pelas ideias que eles mesmos teceram para si.

Irmão José, profundamente compadecido, lembrou-se do sucedido com sua adorável irmã, que recebeu como filho um desafeto do passado, de um passado distante... Sabendo da dificuldade de ambos, o Alto os preparou durante séculos para que pudessem se aproximar. Esse filho nasceu com problemas de toda natureza e era surdo-mudo para que não se perdesse na comunicação. Essas dificuldades, além de serem necessidades dele, tinham também o propósito de fazer a mãezinha se compadecer daquele ser com tantas limitações físicas. Nos primeiros anos, ela conseguiu tratar do filho com extremado cuidado, mas, com o passar do tempo, parecia tê-lo reconhecido e, desejosa de deixá-lo numa instituição que cuidasse dele devidamente, ouviu da supervisora responsável pela casa que aquele filho lhe havia sido dado por Deus para que ela pudesse entrar no céu. Depois de muito refletir, sua irmã resolveu “pagar o preço do seu ingresso no céu” e, assim, cuidava para que nada faltasse ao juvenzinho, mas não lhe dava amor, afeto, carinho. Na verdade, tratava-o como se fosse um estranho. O pobrezinho morreu do coração em tenra idade, como já estava programado, e a mãe, extremamente aliviada, já tinha como certa a condição em que estaria após sua própria morte. Mas, ao voltar ao plano dos espíritos, ainda que gozasse de algum mérito por ter cuidado com zelo do filho, o fato de não despertar “no céu” a deixou profundamente indignada e, sentindo-se ludibriada, mergulhou no desespero da revolta. Irmão José, emocionado, enxugava as lágrimas, lembrando que sua irmãzinha tão querida levou décadas para recuperar o equilíbrio íntimo.

Juselma notou que as horas corriam céleres e que era necessário interromper aquele encontro fraterno.

– O dever nos chama. Precisamos ir: temos muito por fazer...

Todos concordaram e, após afetuosos abraços, partiram ao encontro dos trabalhadores que os aguardavam.

– Jesus conosco sempre! – despediu-se Irmão José, carinhoso.

– Assim seja! – respondeu, sorridente, o mentor.



18. *Compartilhando experiências*



Simone encontrou Felícia no jardim. A jovem tinha o olhar distante e estampava na feição toda a tristeza que trazia no coração. Sem alterar sua expressão de desencanto e desalento, recebeu Simone e, continuando impassível, mal balbuciou um cumprimento.

Simone pediu licença para pegar o livro que estava aberto no colo da jovem, na tentativa de se aproximar dela por meio do diálogo fraterno, e logo reconheceu O Evangelho segundo o Espiritismo, que se encontrava aberto no capítulo XII, Amai os vossos inimigos, mais precisamente no item 4. Mas Felícia pareceu não perceber o gesto da orientadora.

Simone, intentando tirá-la daquele marasmo, deu início a uma conversação, sem se constranger com a indiferença da moça:

– Que manhã linda, hem, Felícia? Vejo que você está lendo o Evangelho... Excelente! Ficamos muito felizes por você estar se encontrando com Jesus por meio desses ensinamentos. Realmente, só assim conseguimos nos fortalecer para realizar o trabalho de renovação interior...

Simone falava... falava... para si mesma, refletindo “com seus botões”, uma vez que Felícia parecia mumificada. Mas a jovem orientadora, não se dando por vencida, continuou:

– Hoje, muitas vezes, me pego a imaginar como pude viver toda a minha existência pregressa sem conhecer Jesus Cristo. Quando cheguei a este lado, décadas e décadas atrás, mergulhei num mar de sombras, pelo desespero que trazia em meu coração: meu namorado me trocou por outra... Ah! E eu... eu quase enlouqueci... Acho que enlouqueci... ele era para mim como o ar que

respiramos... o sol que dá vida à vida... Mas, depois de algum tempo, reconheci que a convivência comigo era quase insuportável...

Simone sorriu, tentando amenizar a tristeza que, por um instante, assaltou seu coração e continuou:

– Insuportável... Eu não aceitava um “não”: vaidosa, inteligente, tudo tinha de ser do meu jeito... Se não fosse... Ah... o mundo vinha abaixo... Acredito que ele me amava muito também e, hoje, sei que ele fez tudo para “me aguentar”... Mas não aguentou. Sofri muito e, no meu despautério, no meu desatino, sofri um acidente de carro e voltei para este plano, onde os espíritos vivem a verdadeira vida, antes da hora e em profundo desequilíbrio. Não tinha estabelecido, quando na matéria, nenhuma relação com Deus. Com Jesus Cristo? Nem pensar! Totalmente alheia às questões ligadas à religião: assim cheguei aqui, deste lado.

Felícia, vez por outra, se ajeitava no banco. Simone prosseguiu:

– Ah! Não queria saber de nenhum tipo de ajuda. O socorro sempre me era oferecido, mas todas as vezes que isso acontecia eu ficava indignada com tudo e com todos. Veja você quanto orgulho, quanta prepotência!

Simone disse isso dirigindo-se à jovem ao seu lado e continuou, sem esperar resposta.

– Foram décadas e décadas mergulhada no meu sofrimento, acreditando ser uma vítima do mundo, até que, certa vez, quando a Equipe do Socorro Bendito foi me visitar – assim era chamado aquele grupo – e eu, novamente, o maltratei, vovó Luzia entrou no recinto onde eu estava. Eu não acreditei no que estava vendo... de um salto, abracei vovó com tanto amor, tanta saudade! Nem eu mesma sabia que estava sentindo tudo aquilo... Todos os outros saíram, nos deixando sozinhas... Não sei quanto tempo ficamos ali, abraçadas... Vovó Luzia se ajeitou no chão úmido e mal cheiroso e eu me deitei pertinho dela, colocando a cabeça no seu colo. Ela falou muito: me contou que meu namorado sofreu muito com a minha morte e não se interessou por mais ninguém; que se tornou professor de faculdade, muito dedicado, e era adorado pelos alunos; que vivia com sua mãezinha, cuidando dela com um carinho imenso. Disse que meus pais sofreram muito, muito, mas logo foram encaminhados por uns amigos a uma Casa Espírita num bairro próximo onde moravam, e, a partir daí, conseguiram conquistar a paz

e a serenidade interior. E contou, também, que meus irmãos me culpavam pela tristeza dos nossos pais... Ah, Felícia! Chorei, chorei muito... Tinha muitas lembranças boas da minha família... E o meu namorado... Ah, meu Deus! Naquela hora, parecia que o ar ia me faltar, tamanho o meu desespero e o meu remorso... Vovó Luzia, percebendo toda a minha dor, me convidou para rezar, e eu, até hoje, não sei como fiz aquilo: me coloquei de joelhos diante dela e, segurando uma de suas mãos, repetia tudo o que ela dizia com toda a força da minha alma. Quando ela terminou... não sei... perdi os sentidos... Acordei mais tarde, num quarto lindo... azul e rosa clarinho... limpo como nunca tinha visto igual...

Simone, visivelmente emocionada, continuou seu relato:

– Estava sozinha... Aos poucos, fui me lembrando de tudo o que me havia acontecido... Estava morta e estava viva... Chorei, chorei muito... As lágrimas molhavam o travesseiro. Tentei me levantar, mas não consegui: estava muito fraca. Voltei a dormir – parece que por semanas... Quando acordei, vovó Luzia estava ao meu lado e, sorridente, me convidou a sentar na cama. Me senti melhor. Ela me ofereceu um caldo quente, que tomei com muita alegria – sentia fome. A partir daquele dia, fui só melhorando e encontrei no trabalho uma fonte indescritível de boas energias: queria ajudar, queria servir as pessoas, queria conhecer Jesus Cristo, queria melhorar por dentro... Hoje estou aqui, graças a Deus, graças a Jesus Cristo... sempre! Mas se eu não tivesse feito a minha parte...

Felícia acompanhava a história de Simone, agora com outra disposição, pois as palavras da amiga a tocavam muito. Simone prosseguiu com seu relato:

– E ainda não acabou tudo, Felícia... Outro dia, vovó Luzia veio me visitar e me contou que meu namorado está se preparando para voltar à Terra – não mencionei isso antes, mas ele retornou a este plano há alguns anos – e, segundo o planejamento superior, eu deverei reencarnar como sua filha. Provavelmente, com alguma lesão cerebral que vai me tornar muito dependente dele. E tem mais: com alguma dificuldade na fala, porque eu disse muita bobagem...

Simone sorriu, tristonha, mas sabia, sentia que tudo isso seria o melhor que lhe poderia acontecer. Ainda amava muito o antigo namorado. Vovó Luzia havia lhe contado que era amor antigo, mas não quis entrar em detalhes. Disse apenas

que, naquele momento, não era importante saber disso. As lembranças dele agora enchiam o seu coração de alegria e também lhe davam confiança para enfrentar a programação de sua próxima existência. Simone suspirou fundo...

Felícia segurou forte na sua mão e disse resoluta:

– Quero trabalhar, quero servir, quero ajudar, quero conhecer Jesus Cristo!

Simone a abraçou muito feliz e, apontando uma certa direção, lhe disse:

– Vamos começar por ali.

Ambas deixaram o jardim, sem mais demora. Felícia, demonstrando novo ânimo, cumprimentava as pessoas com as quais iam cruzando no percurso até a porta de entrada do pavilhão onde estavam internados os espíritos que se encontravam em convalescença.

Uma música agradável era ouvida em todos os cantos. Diversas espreguiçadeiras, muito semelhantes às encontradas na Terra, estavam posicionadas junto das grandes e largas janelas que davam para o jardim, especialmente para uma fonte que enfeitava a paisagem com repuxos que faziam malabarismos extraordinários, encantando e distraindo os pacientes. Homens que pareciam ter meia idade, e mulheres, algumas jovens, outras nem tanto, ocupavam todo o recinto. Cada um, ainda voltado para si mesmo, recebia tratamento para restabelecimento de sua condição íntima: alguns ligados a aparelhos muito parecidos com os utilizados na Terra, outros conectados a equipamentos totalmente diferentes dos conhecidos por aqui. Junto a quase todos os pacientes havia uma cadeira, sugerindo que poderiam receber visitas ou estavam em condições de ouvir por algum tempo as orientações do responsável por sua recuperação.

– Aqueles outros que se encontram protegidos por biombos ainda não têm condição de interagir com o grupo, mas, por outro lado, precisam estar aqui para iniciar o processo de integração com a vida – explicou Simone para Felícia, que não escondia sua perplexidade diante do que seus olhos podiam apreciar.

Simone aguardou uns segundos e continuou explicando:

– Este primeiro pavilhão é só para uma das várias etapas do tratamento que estes irmãos recebem. Existe um pavilhão semiaberto e outro onde os pacientes ficam em quartos reservados, sozinhos ou em dupla, não mais que isso. Milhões e

milhões de pessoas desencarnam todos os dias, e o número de necessitados é imenso. Raros são os irmãos que retornam a este plano em boas condições... Raros são os que cumprem com fidelidade seu programa evolutivo. Sabemos que na Terra muitos pensam que ficamos aqui “contando nuvens” para o tempo passar, por termos pouco o que fazer. Quanto desconhecimento! Trabalhamos dias e dias sem descanso, procurando atender a todos que aqui chegam, trazidos por seus desvarios, por sua rebeldia ante as leis de Deus.

Felícia sorriu sem graça e confessou:

– Eu mesma pensava assim... No pouco tempo em que parava minhas tarefas para pensar em Deus, nos Seus Santos e nos Seus anjos, imaginava todos num banquete interminável, ao som de uma música agradável...

Simone balançou a cabeça, como se dissesse “pobres homens... se soubessem o que aqui se passa, levariam a vida exatamente como Jesus Cristo ensinou...”

Aproximando-se do leito de uma paciente que aparentava ter entre trinta e cinco e quarenta anos, Felícia parou e, lentamente, foi chegando mais perto. A moça parecia dormir. Sua fisionomia estava serena, tinha cabelos curtos, sobrancelhas espessas, longos cílios e estava ligada a um equipamento que lembrava o suporte alto usado na Terra para administração de soro, só que este parecia ter também um sensor que, vez por outra, emitia sons que se alternavam em tonalidade e altura.

Simone acompanhou Felícia e, notando seu interesse pela paciente, consultou seu protocolo para saber de quem se tratava. A jovem havia retornado ao plano espiritual vitimada por uma enfermidade no cérebro, diagnosticada em virtude de dores de cabeça que foram ficando tão frequentes que a impediam de realizar suas obrigações. Seus compromissos começaram a ficar atrasados, e ela percebeu que precisava se tratar. Não pôde mais adiar: as dores ficaram insuportáveis. Seu nome era Jandira e contava exatamente trinta e seis anos.

Felícia sentou-se: ligeiro mal-estar tirava seu equilíbrio. Simone notou a indisposição e providenciou imediatamente um copo com água, mas cuja textura parecia diferente. Felícia aceitou o líquido e o tomou lentamente, enquanto refletia: “essa fisionomia não me é estranha... esses traços me lembram uma pessoa... quem é, meu Deus?”

Simone, ao seu lado, permanecia serena. Já havia vivido aquela experiência antes e poderia afirmar que se tratava de um reencontro. De fato, Felícia, refeita, perguntou a Simone se era possível obter mais dados daquela paciente, pois seria capaz de afirmar que ela havia sido sua contemporânea na primeira escola que frequentara.

Simone ficou sensibilizada com o pedido de Felícia e, dizendo-lhe que aguardasse uns instantes, afastou-se, dando a impressão de que ia buscar mais informações sobre a paciente.

Enquanto isso, Felícia permaneceu sentada ao lado da jovem, observando sua fisionomia com especial atenção. De repente, foi como se uma luz se acendesse em sua memória: conhecia, sim, aquela moça. Seu nome era mesmo Jandira, e haviam convivido por um período no colégio em que ambas estudaram. Muitas, muitas lembranças vieram à sua mente e, pela primeira vez desde que ali chegara, um sentimento bom, muito bom, vibrou em seu coração. “Ah, meus Deus! Será que vou poder ajudar um pouquinho a Jandira? Será que vou conseguir dar a ela algum alento?” Extremamente emocionada, nem percebeu que lágrimas silenciosas desciam dos seus olhos.

Simone voltou daí a algum tempo e, antes que dissesse alguma coisa, Felícia se adiantou, revelando em sua face uma expressão já conhecida pela dedicada acompanhante:

– Jandira! Sim! Jandira! É ela mesma! Fomos contemporâneas na primeira escola em que estudei. Inteligente, bonita, fez parte do time de vôlei do colégio – desde sempre, acho, ela sobressaiu entre as demais meninas.

Simone sorriu, feliz. Emocionada, agradeceu silenciosamente a Deus pela oportunidade daquele reencontro, que, certamente, seria muito bom para as duas jovens.

Enquanto Felícia falava, a paciente se mexeu levemente no leito, dando a impressão de que iria despertar. Ambas ficaram estáticas, aguardando que ela abrisse os olhos, mas não... nada...

Irmão José chegou vagarosamente e, aproximando-se das duas, revelou:

– Nossa irmãzinha deverá despertar apenas nas primeiras horas de amanhã. Está recebendo um medicamento numa posologia especial para o seu caso, e,

como ele deverá terminar de madrugada, acreditamos que horas depois ela vai despertar.

Da mesma forma como chegou, o mentor saiu, despedindo-se com um leve aceno de mão.



19. *Reencontro de corações*



Felícia pediu a Simone consentimento para estar ao lado de Jandira quando esta acordasse, confessando que guardava no coração um grande desejo de ajudar a amiga. Afirmou que se sentia em condições de colaborar com seu tratamento, falando com tanta veemência e firmeza que Simone não teve como negar. A orientadora sentiu que não deveria impedi-la de acolher a recém-chegada. Afinal de contas, havia conduzido Felícia ao pavilhão em missão, com o propósito, justamente, de lhe dar condição de servir ao outro, abrindo, assim, um caminho novo para a sua recuperação. Pedido feito, consentimento dado.

Combinados os detalhes, as duas terminaram a visita ao pavilhão, acertando o retorno de Felícia para as primeiras horas da manhã do dia seguinte. Era visível a expectativa da jovem. Simone sentiu-se feliz: havia tomado a decisão mais acertada. Antes de se despedirem, Felícia sugeriu a Simone que fizessem juntas uma oração: queria agradecer a Jesus Cristo a oportunidade que estava recebendo do Seu coração bondoso. Sentia-se rejuvenescer “por dentro” e um sentimento de bom ânimo tomava seu coração. Simone aquiesceu, muito grata, também, pelo rumo dos últimos acontecimentos. Felícia e Simone despediram-se na entrada do pavilhão, ambas guardando agradáveis expectativas.

A vida, na beleza do seu movimento, oferece ao homem incontáveis oportunidades de se transformar. Como uma orquestra regida harmoniosamente pela batuta divina, estende com suavidade e doçura seus convites de aprimoramento às criaturas de tal forma que, cedo ou tarde, ao som da sublime melodia celestial, vão se mobilizando, lentamente ou não, abandonando a inércia moral onde se instalaram confortavelmente.

Mais tarde, Irmão José e Fábio Henrique procuraram Simone para comunicarlhe que em breve iniciariam o processo de reencarnação de Felícia: João Tomaz, que havia sido noivo da jovem, planejava consorciar-se com Elaine, uma ex-colega de escola, e, de acordo com o programa estabelecido, Felícia retornará ao seu coração como filha, que vai exigir dele atenção e cuidados, em virtude da sequela de uma provável enfermidade que contrairá na infância. Nilo e Juselma irão acompanhá-la de perto nessa etapa, considerando que, em breve tempo, também Simone deverá voltar ao campo da matéria física.

Esses esclarecimentos causaram na jovem assistente profunda inquietação. Sabia que mais cedo ou mais tarde deveria reencarnar, mas falar desse assunto ainda lhe trazia uma grande insegurança. De toda forma, era uma situação que não podia mais adiar...

– Felícia precisa aproveitar bem esta oportunidade que terá, de auxiliar sua amiga Jandira – completou o coordenador da Colônia. – Podemos dizer que será uma ocasião preciosa, em que aprenderá a esquecer de si mesma para ajudar o seu próximo. Tudo o que passou, tudo o que viveu fez com que se fechasse em si mesma, criando um mundo só seu, em que vive mergulhada no vitimismo, na mágoa e no rancor. Esperamos que agora ela se desvincule dessas lembranças e abrace sentimentos positivos, que venham abrir um caminho novo que ela possa trilhar, buscando, no seu íntimo, o seu melhor.

Fábio Henrique falava cheio de confiança, acompanhado por Irmão José e Simone, que tomava para si mesma aquelas observações...

As horas sucedem às horas de um tempo que não espera, e muitas são as pessoas que se movimentam, tentando estabelecer com esse relógio uma relação amistosa para que tudo o que é programado seja realizado no bem, com respeito, afeto, compaixão...

Nas primeiras horas da manhã, Felícia, como combinado, estava sentada ao lado da cama de Jandira. Sua fisionomia refletia seu estado d'alma: guardava uma grande expectativa quanto ao despertar da amiga.

A alteração no ritmo dos sons emitidos pelos aparelhos aos quais estava ligada a recém-chegada ao plano espiritual prenunciou uma mudança no seu estado.

Provavelmente estava próximo o seu despertar. E foi realmente o que aconteceu: com movimentos muito lentos, a moça parecia querer se ajeitar na cama. Algumas palavras quase inaudíveis e sons balbuciados sem nexos alertaram Felícia: Jandira estava despertando. Felícia colocou-se de pé junto à cama e viu a amiga se movimentar no leito e lentamente abrir os olhos. O processo de reconhecimento foi demorado. Jandira ficou um longo tempo passeando o olhar pelo teto do pavilhão até onde lhe era possível alcançar, enquanto tentava concatenar as ideias e os pensamentos com o quadro à sua frente.

Felícia continuava ao seu lado em absoluto silêncio, e a moça, aparentemente sem reação, também permanecia muda. Lágrimas silenciosas começaram a brotar dos seus olhos, chegando até o travesseiro. Sua face permanecia inalterada, sem expressão alguma, mas as lágrimas continuavam a escorrer, agora molhando os lençóis.

Sem saber exatamente o que fazer, Felícia começou a orar. No princípio, com um sussurro para, em seguida, aumentar o tom de voz, ao mesmo tempo que também aumentava o seu desejo de auxiliar verdadeiramente a amiga. Vibrações doces e fraternais envolviam as jovens e inundavam o recinto com um agradável aroma. Felícia sentiu que a enferma recebia os eflúvios luminosos da prece e se renovava lentamente: as lágrimas cessaram e seu olhar, antes inquieto, revelando insegurança e medo, pareceu se acalmar. Felícia segurou com imenso carinho a mão de Jandira, que apertou levemente a sua. Mais um tempo se passou e, finalmente, a recém-chegada perguntou:

– Onde estou?

– No hospital – respondeu Felícia, sorrindo.

– Onde? – questionou a outra, já com o cenho franzido.

– Na Colônia Resplendor.

Jandira demonstrou não entender a resposta, mas Felícia preferiu não entrar em detalhes, até mesmo porque não se sentia capacitada para dar maiores explicações.

– Eu conheço você de algum lugar... – falou a jovem acamada. – Você me lembra uma amiga que tive na escola, mas... – continuou com um tom de voz que revelava certa hesitação – pelo que me consta, ela morreu...

Felícia sentiu o coração disparar, não sabia o que responder. E o olhar indagador da jovem não deixava dúvidas quanto à sua perplexidade... “E agora? O que devo... o que posso dizer?” – pensava a acompanhante, aflita.

Nesse momento, chega Nilo, já orientado pelo mentor Fábio sobre a tarefa que deveria desempenhar junto a Felícia, relativa a seu breve retorno ao corpo físico. Segundo a instrução do mentor, Nilo deveria se aproximar de Felícia para, aos poucos, auxiliá-la em sua preparação.

Assim que viu Nilo, Felícia respirou aliviada: certamente, ele teria todos os recursos para responder às indagações da enferma, sem ferir seu coração, sem causar-lhe constrangimento. Nilo aproximou-se da cama, sorridente. Parecia perceber o embaraço de Felícia e, sem mais demora, apresentou-se a Jandira, colocando-se à disposição para auxiliá-la no que fosse preciso...

– Sim, preciso saber onde estou e como cheguei aqui – falou Jandira, sem se fazer de rogada.

Nilo exteriorizava na face a paz e a tranquilidade que iam em seu coração. Posicionando-se de forma que a jovem pudesse vê-lo e ouvi-lo bem de frente, respondeu:

– Há algum tempo você foi acometida por uma grave enfermidade e, apesar de ser tratada durante anos e anos, o veículo físico que lhe servia como instrumento de contato com a vida material se esgotou. Suas forças se esgotaram, e você voltou à sua pátria de origem.

No primeiro momento, Jandira não compreendeu o que Nilo lhe havia dito: seu olhar parecia pedir melhor esclarecimento da situação. Felícia, ao seu lado, permanecia em silêncio, enquanto a jovem enferma, também em silêncio, demonstrava não ter entendido o que Nilo lhe dissera.

Compreendendo o estado íntimo da jovem, Nilo procurou as melhores palavras para induzir Jandira a entender onde se encontrava, mas nem foi preciso muito esforço, pois naquele momento o pai da jovem adentrou no quarto. Ele havia desencarnado há um decênio e, emocionado e feliz, dirigiu-se até ela, segurou as mãos da filhinha querida entre as suas e chorou lágrimas de gratidão a Deus por tê-la reencontrado. Jandira, exclamando a Jesus sua surpresa, sua perplexidade, abraçou amorosamente aquele que havia sido seu pai e de quem

sentia tanta saudade. Muitas vezes, a jovem dissera a si mesma que sentia sua enfermidade piorar, tanta era a falta que seu amado pai lhe fazia.

Felícia e Nilo também se emocionaram diante daquele reencontro de corações, que revelavam o amor que lhes ia n' alma. Com um aceno de cabeça, Nilo convidou Felícia a acompanhá-lo. O melhor, mesmo, seria deixar pai e filha sozinhos: com certeza, teriam muito o que conversar.

Conduzindo Felícia delicadamente pelo jardim, Nilo lhe falou pela primeira vez do projeto da sua volta ao corpo físico. Entre feliz e insegura, Felícia ouviu Nilo revelar os planos que deveriam atender às suas necessidades futuras de alinhamento às leis divinas. Sem dúvida alguma, o programa traçado por seus superiores seria levado ao seu conhecimento para que pudesse apresentar os comentários que sentisse necessidade de fazer e acrescentasse ou eliminasse alguns acontecimentos. Nilo comentou com a jovem que fariam também um estudo minucioso do seu futuro corpo de carne e que tudo ela deveria acompanhar, consciente das lições que precisava aprender na sua próxima existência.

Profundamente emocionada, Felícia falou de sua surpresa com a proximidade do seu retorno ao plano material:

– Parecia estar tão distante... Simone já havia me prevenido que eu deveria retornar, e junto daqueles que foram meus amores, para que pudéssemos desenvolver virtudes que se encontram em nosso coração... mas, diante da constatação de que voltarei em breve, me sinto temerosa e insegura...

Enquanto falava, lágrimas discretas escorriam por suas faces. Nilo, compreendendo o estado íntimo da jovem, tentou infundir-lhe esperança e bom ânimo com palavras positivas e expressões de fé sincera. Felícia percebeu a intenção do mentor e agradeceu, comovida. Mas, em seguida, comentou:

– Concordo com todos os argumentos que você me apresentou. Já aprendi aqui que vamos e voltamos ao plano físico quantas vezes precisarmos para que se dê nosso amadurecimento moral. Mas algo me incomoda muito: se você me permite dizer, não concordo com o esquecimento em que mergulhamos quando estamos encarnados...

Felícia revelava em suas palavras certa indignação, o que levou Nilo a fitá-la, sorrindo. Entendendo o sentimento da jovem, o mentor esclareceu, com segurança:

– Você já pensou como seria difícil voltar ao convívio de pessoas que ferimos no passado, que magoamos e desprezamos com nossa empáfia, que ofendemos com nossa arrogância, de posse desse conhecimento? E se formarmos com elas a família, o grupo de trabalho e, mesmo, o círculo de amigos, como iríamos nos comportar? Sem considerar que, também pela reencarnação, iremos conviver com o que tripudiou sobre os nossos sonhos e esperanças, causando-nos muita dor e não menor sofrimento. Como iríamos nos sentir, chamando de pai, rogando não só amparo material, mas também afeto e amizade àquele que ontem nos roubou a vida?

As palavras de Nilo, ditas com tanta firmeza, deixaram Felícia sem argumentos para retrucar. Ele prosseguiu enfático:

– Deus não erra, jamais... Embora a maioria dos homens atribua a Deus a culpa por suas dores e lágrimas, sabemos bem que somos os únicos responsáveis pelos males que nos acometem. Negligenciamos nossas responsabilidades conosco, como espíritos eternos, como filhos de um Pai amorosíssimo, que nos mostra o caminho da felicidade, mas nós, por nossa vez... –Nilo silenciou, reflexivo.

Felícia suspirou fundo e completou:

– Sei, sinto que para mim não será fácil... Desde que cheguei aqui, só fiz alimentar minha desdita... Me fiz de vítima da vida, de Deus... Reconheço tudo isso que você comentou, e me sinto obrigada a admitir um desejo sincero de ser verdadeira comigo mesma. Não posso me negar a oportunidade de recomeçar, de curar as feridas que causei aos outros e a mim mesma com minhas atitudes. Peço a Deus e a vocês que me ajudem. Minha vontade é pedir que adiem meu retorno à carne, mas, por outro lado, confesso que aprendi a confiar em vocês e, se elaboraram a minha volta para breve, é porque assim deve ser.

Felícia falava do que estava em seu coração...

Nilo, então, retomando a palavra, informou:

– Sim, seu ex-noivo vai se consorciar e você retornará aos braços dele, como filha.

Felícia parou, estática, e assim permaneceu por alguns minutos: tentava encontrar palavras para expressar tamanha surpresa ...

Nilo aguardava pacientemente que a moça assimilasse tão importante informação, quando Simone os chamou à tarefa:

– Felícia, Jandira gostaria de conversar com você.



20. *Angustiosas expectativas*



Felícia parecia não ouvir Simone – permanecia imóvel. Tentando saber o que estava se passando, Simone procurou Nilo com um olhar indagador, como a pedir um esclarecimento. Ele, então, convidou as moças a se acomodarem num banco próximo ao local em que se encontravam e, sem demora, pediu a assistência do Alto. Suas palavras sentidas revelaram o que lhe ia no coração:

– Mestre Amado de todos nós, nesta hora em que aqui nos encontramos reunidos em Vosso nome, temos a certeza da Vossa presença no meio de nós, pois fostes Vós que nos asseverastes: onde se achem dois ou três reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles.¹⁵ Assim sendo, Senhor, rogamos a Vossa misericordiosa intervenção em favor da serenidade e da confiança desta querida irmã, que, neste momento, dá seus primeiros passos na reestruturação do seu processo reencarnatório. Sabemos bem, digníssimo Mestre, que é o cumprimento desta lei que nos faculta a renovação do nosso mundo interior, ainda tão preso aos sentimentos negativos, aos impulsos inferiores. Sabemos que só renascendo no campo material, com um corpo físico que atenda às nossas necessidades de aprendizagem, junto daqueles com quem precisamos conviver, segundo os ensinamentos que recebemos do Pai Celestial, por Vosso intermédio, conseguiremos avançar na escalada evolutiva. Entendemos que sem o esforço sincero, a coragem e o querer nada conseguiremos. Dessa forma, se temos livre-arbítrio para escolher, o bom senso nos diz que o melhor é escolhermos seguir os Vossos ensinamentos, espelhando-nos em Vossos exemplos de profundo amor!

Simone tomou para si a doçura e a suavidade que emanavam daquelas palavras, ditas com tanto carinho. “Sim, não posso recuar! Se o momento se tornou propício para a minha volta à luta no campo material, não devo

retroceder...” – refletia consigo mesma. Discretamente, enxugava as lágrimas de emoção e gratidão, que revelavam seu empenho e sua responsabilidade consigo e com as orientações sábias e irrevogáveis de Jesus Cristo: “amar ao próximo como a si mesmo”.¹⁶ A hora havia chegado... Sentia-se confiante, determinada.

Felícia, por sua vez, parecia não ouvir as palavras amorosas do jovem orientador. Enquanto Simone deixava transparecer suas emoções na face rosada, Felícia, ao seu lado, continuava imóvel. O olhar parado, o rosto sem expressão alguma diziam da sua aparente alienação. Nilo, discretamente, segurou uma de suas mãos, na tentativa de infundir-lhe energias de bom ânimo e fé. Simone, compreendendo a delicadeza do momento, fez o mesmo e, tomando entre as suas a mão da jovem amiga, acompanhou com imensa gratidão as palavras ricas de luz com que Nilo encerrou sua oração:

– Muito obrigado, Senhor! Gratos e profundamente reconhecidos pela Vossa proteção e pela Vossa bondade, renovamos os nossos propósitos de seguir os Vossos passos, seguindo a Vossa sábia orientação: “eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai, senão por mim”.¹⁷ Que assim seja!

Nilo e Simone aguardaram que Felícia se manifestasse e, após alguns instantes, foi com profunda expressão de tristeza no olhar que ela procurou se esclarecer:

– Na verdade – começou, quase sussurrando –, jamais havia pensado sequer na possibilidade de encontrar meu ex-noivo, a quem atribuí todas as minhas desditas, inclusive a minha morte... E agora... ele vai ser meu futuro pai? Ele vai me receber em seu colo como filha? Se eu ainda não consegui perdoá-lo, se ainda guardo mágoas em meu coração por tudo que, acredito, ele me fez, como posso aceitá-lo como meu pai, a quem devo honrar e obedecer?

Enquanto falava, Felícia deixava transparecer sua angustiada perplexidade e seu desespero. Nilo, amorosamente, beijou sua testa, com um gesto carinhoso, e, ainda segurando sua mão, tentou lhe explicar a misericordiosa intervenção divina, que, permitindo que ela voltasse à convivência com João Tomaz, lhe dava a oportunidade de desenvolver por ele novos e positivos sentimentos, ao mesmo tempo que, notando o esforço dele em lhe proporcionar boas condições de vida, teria condição de desfazer as energias deletérias que cultivou em seu coração e que provavelmente resultariam em algum desequilíbrio no seu metabolismo físico.

Felícia ouviu Nilo atentamente e disse:

– Não quero mais voltar àquele estado de inanição em que fiquei até pouco tempo atrás. Quero auxiliar Jandira no que eu puder. Sei que posso muito pouco, mas, desde a primeira vez em que entrei no pavilhão onde minha ex-colega me aguarda, senti como se houvesse perdido um tempo precioso no estado em que me coloquei, e lamento profundamente por isso. Sei que não terei mais muito tempo aqui – disse isso apertando com força a mão dos amigos. – Reconheço que preciso de força e coragem e peço a vocês que, por favor, me ajudem. Preciso muito de vocês! Não posso mais me comportar como me comportei até agora. Por favor, me ajudem, me ajudem!

Demoradamente, Felícia abraçou Nilo e depois abraçou Simone: era visível a sua vontade de cumprir as determinações para a sua próxima volta à Terra. Sem dúvida, sentia-se intimamente abatida: a notícia que havia recebido a abalara muito, mas não podia retroceder.

Despedindo-se de Nilo, Felícia pediu a Simone que a levasse ao pavilhão onde Jandira se encontrava e, apoiando-se em seu braço, foi conduzida pela amiga até lá. Fizeram o percurso em silêncio. A jovem assistente compartilhava dos sentimentos de angústia de Felícia, pois também havia iniciado o seu projeto reencarnatório, com vovó Luzia à frente de tudo. Por isso, sabia muito bem o que Felícia estava sentindo e, também como ela, sabia que não deveria retroceder... jamais! A oportunidade era imperdível... Mergulhada em suas reflexões, permaneceu em silêncio, ao mesmo tempo que deixava a futura reencarnante meditar sobre seu próprio “amanhã”.

Passados alguns minutos, as moças entraram no amplo salão do pavilhão e foram direto ao quarto de Jandira, que parecia mesmo aguardá-las. A paciente estava recostada na cabeceira da cama, mas permanecia ligada aos aparelhos, agora com um foco de luz azulácea sobre o seu abdômen. Era evidente que se encontrava sob cuidados médicos.

Felícia a cumprimentou com visível esforço – ainda estava sob o efeito da revelação de que tomara conhecimento– e não se interessou muito pelo tratamento que a recém-chegada recebia.

Simone, por sua vez, cumprindo suas funções, pediu a Jandira que relatasse como estava se sentindo. A enferma ficou com os olhos rasos de lágrimas e confessou que estava fazendo um esforço enorme para se conter, conter sua dor pela desencarnação.

– Ao mesmo tempo que me sinto surpresa e grata a Deus por tudo que encontrei aqui e, posso dizer, é mesmo fantástico, eu não queria morrer, não pensava em morrer... para mim está sendo muito difícil...

Jandira não conseguiu continuar: chorou... chorou... Simone e Felícia permaneceram em silêncio, esperando que ela se acalmasse, e, quando pareceu mais serena, foi Felícia quem lhe dirigiu a palavra:

– Amiga, querida amiga... sei que não sou um bom exemplo, mas peço a você que, por favor, me ouça. Quando cheguei aqui...

E Felícia falou... falou... Falou dos seus sentimentos, contou das suas dores, da sua indignação e relatou o mais importante de todo o seu depoimento: o quanto a sua conduta irreverente lhe foi prejudicial, o longo tempo que perdeu, alimentando-se com seu egoísmo e, naturalmente, com ele se intoxicando. Jandira ouvia tudo atentamente. Simone, a seu turno, admirava-se com a postura renovada de Felícia, que continuou:

– Lamento muito, Jandira, o fato de vivermos na Terra sem consciência alguma do que se passa depois da morte. Eu nunca pensei nela. Quando adoeci e ouvia minha mãe orando com certa impaciência, me perguntava: para que tudo isso? Era claro que eu ia ficar boa... Me sentia fraca, mas só pensava na minha recuperação imediata... Não tive tempo para pensar em Deus...

Enquanto Felícia falava, seu olhar passeava no vazio do seu coração. Simone acompanhava o depoimento da jovem com certa preocupação, temendo que ela voltasse àquele estado depressivo no qual ficou mergulhada por tanto tempo. “Um retrocesso agora seria muito prejudicial para o seu processo reencarnatório...” – pensou a assistente e, na tentativa de interromper as reflexões da futura reencarnante, convidou Jandira a se pronunciar sobre seus sentimentos.

Felícia, compreendendo as intenções de Simone, pediu que aguardassem um pouco e, com firmeza, continuou:

– Quando comecei a notar o afastamento do meu noivo, fui assaltada por uma tristeza profunda: sentia-me rejeitada, preterida, abandonada... E, decepcionada, não encontrei forças dentro de mim mesma para reagir. Confesso que no princípio até tentei. Queria revidar: meu orgulho estava ferido, meu amor próprio, então, nem falar...

Após breve pausa, Felícia, parecendo dialogar consigo mesma, prosseguiu:

– Aqui cheguei me sentindo derrotada, vítima de uma armadilha preparada para mim pela vida, que eu não soube viver segundo os padrões determinados por ela. Mas que padrões eram esses? Desconhecia a razão que havia me trazido de volta para cá e atribuía minha morte única e exclusivamente a João Tomaz. Foram dias muito difíceis, de muita dor e muito sofrimento. Só não me tornei algoz do meu noivo porque as orações que minha mãezinha fazia para mim acalmavam o meu coração e me faziam refletir um pouco sobre essa atitude insana, que prejudicaria a mim mesma. E, com o auxílio, com a assistência, com os cuidados que aqui recebi destes que se fazem servos incansáveis de Jesus Cristo, consegui me reerguer. Consegui compreender que o orgulho é um sentimento muito negativo e que o “amor próprio” é sua manifestação, nos levando a fazer exigências ridículas, sem cabimento algum. Falamos em amor próprio totalmente enredados nas teias escuras da arrogância e da prepotência. Ouvimos falar no amor ao próximo, mas como ainda nos encontramos com os ouvidos obstruídos pela cera da irreverência, da preguiça moral e da irresponsabilidade, desvirtuamos os ensinamentos que Jesus Cristo nos deixou, formulando apelos para atendimento de nossas demandas mesquinhas, pois nos deixamos contaminar pelas ilusões e fantasiosas propostas de felicidade ofertadas por uma sociedade, ou melhor, grande parte de uma sociedade vazia de valores morais.

Jandira ouvia tudo com muita atenção: o depoimento da amiga calava suas indagações pois respondia muitas das perguntas que gostaria de fazer às duas moças. Assim, somente quando Felícia terminou seu relato, comentando a respeito dos seus futuros planos, foi que ela tomou da palavra, desejosa de saber em quanto tempo poderia voltar à convivência com sua família.

Foi a vez de Simone responder, e o fez com visível carinho:

– Jandira, ainda é muito cedo para pensarmos nisso... Você “acabou de chegar” a este lado da vida. Primeiro, precisa ficar boa, se fortalecer... Os sintomas da enfermidade que trouxe você ainda estão muito presentes... Você precisa se cuidar, aceitando, com boa vontade e confiança, o tratamento que lhe está sendo oferecido. Tão logo se sinta em condições, vai fazer pequenas caminhadas pelos jardins da Colônia até que, completamente restabelecida, possa compreender alguns fatos ocorridos nesta sua última existência.

– Mas quanto tempo isso tudo vai levar? – perguntou a jovem com a voz embargada pela emoção. – Sinto, ouço a minha mãe me chamando, revoltada com a “vontade de Deus”, e isso tem me feito muito mal. Sinto uma angústia imensa quando a percebo nesse desequilíbrio todo. O que faço para evitar isso? Amo muito os meus pais... sinto uma saudade da minha mãe que parece querer me sufocar, mas quando ela pensa em mim nesses momentos de desespero, me sinto muito mal – completou a jovem, desconsolada.

Simone aproximou-se mais um pouquinho dela e, falando ao seu coração, convidou-a a orar por eles e sempre agir assim quando se sentisse envolvida nessa onda sombria de inconformação e de revolta.



21. *Esquecimento do passado: misericórdia divina*



Nilo chegou no final da oração e entendeu a intenção da prece. Saudando as jovens afetuosamente, ponderou:

– Se aqueles que permanecem na carne sentissem, um pouquinho só, o mal-estar que seus sentimentos de inconformação causam aos entes amados que partiram... Ah! Logo, logo tentariam se recompor, acolhendo no coração, com resignação e fé, o movimento da vida: morrer, nascer, tornar a morrer e tornar a nascer, sob as bênçãos amorosíssimas de Deus Pai – Pai de Amor e de bondade infinita, que assim proporciona a Seus filhos a oportunidade de se tornarem melhores a cada dia. Mas o que acontece com os homens? Uns levam a existência física como se Deus não existisse; outros apenas cumprem os rituais que a si mesmos impõem para se desobrigarem dos “seus compromissos com Ele”... Quanto engano! Quanta infelicidade os homens que assim agem estão criando para si mesmos... Deus é amor, e negar esse amor é negar a si mesmo o acesso à verdadeira paz, que a todos é oferecida, mas à qual só têm acesso aqueles que cumprem os mandamentos do Pai, Suas leis...

As moças ouviam Nilo, embevecidas. O magnetismo de suas palavras impregnadas de sabedoria tocava-lhes o coração.

O jovem mentor continuou:

– Somente com a certeza da continuidade da vida, do reencontro com aqueles que lhe são caros ao coração; somente com a certeza de que é possível se comunicar com seus familiares e receber deles palavras de bom ânimo; somente com a certeza de que a Lei Maior é a Lei de Amor, que jamais estabelece punição, castigo, represália, retaliação ou vingança, os homens vão conseguir haurir força interior para acompanhar a desencarnação dos seus entes queridos, qualquer que

seja a faixa etária em que eles se encontrem ou a razão do seu retorno à pátria espiritual. E mais: podemos aprofundar que, quando o homem se compenetrar verdadeiramente das suas responsabilidades, como filho de Deus que é, e abraçar essas responsabilidades com gratidão e esperança, terá o coração inundado de luz. Então, esses momentos em que a passagem para a pátria do espírito acontece cheia de dor, desespero, revolta, não mais serão vivenciados, pois o homem se sentirá mais forte pela resignação, pela fé, pela compreensão de que a separação será apenas temporária e, de uma forma ou de outra, reencontrará seus afetos. Todo esse conhecimento é fundamental para que o homem consiga passar pelas vicissitudes da sua existência na matéria com a vontade firme no bem, abrindo, assim, possibilidades infindáveis para que seu processo de adiantamento moral aconteça sob o amoroso olhar de Jesus Cristo.

Nilo parecia envolto numa doce e agradável vibração – o tom de sua voz lembrava as melodias suaves que acalmam o coração nos momentos em que este se sente assaltado por estranhas emoções. As moças nem piscavam. Envolvidas, também, nas vibrações benfazejas que pairavam no ambiente, davam a impressão de estarem hipnotizadas. Sem que as jovens percebessem, as explicações de Nilo alcançaram outros corações: tanto os enfermos quanto aqueles que os acompanhavam ou assistiam calaram-se para ouvir tão bela explicação. Muitos foram os que se sentiram tocados, muitos os que se sentiram reconfortados. A esperança de poder reencontrar seus queridos, a certeza absoluta de que “o nada” após a morte não existe chegavam a ruborizar a face de muitos. Olhares tristes, ensombreados pela dor pungente do “adeus... nunca mais...” recebiam da “verdade divina” cores delicadas, aformoseadas pela alegria insuperável do “até breve!” Muitos, sem se dar conta, estavam em lágrimas, lágrimas que poderiam ser traduzidas como um sentimento de profunda gratidão a Deus, Pai de infinita bondade e incomensurável misericórdia!

– Ah! – continuou Nilo, revelando a beleza dos sentimentos que lhe iam n’alma. – Quando Jesus Cristo nos convida a irmos até Ele para nos sentirmos consolados em nossos momentos de dor e aflição, o amável Mestre nos convida, igualmente, a sermos venturosos, se brandos e pacíficos; a vivermos como os pobres de espírito, exalando o perfume da misericórdia para que a pureza do

nosso coração assegure nossa presença no banquete oferecido pelo Senhor da vinha, trajando a túnica da renovação.

O ambiente estava nimbado de luz. A comoção era geral. Nilo sentia-se igualmente tocado pelas bênçãos que desciam do Alto sobre todo o pavilhão. Reverenciando o Pai de infinita magnitude, orou, orou com todas as forças do seu sincero coração:

– Pai Nosso! Pai Nosso que estais nos céus, na abóboda infinita e no céu de nosso mundo interior, santificado seja o Vosso nome e que a Vossa vontade soberana seja feita aqui na Terra, na terra do nosso coração e na terra dos infinitos sóis que povoam o universo. Perdoai, Pai amado, as nossas ofensas... No nosso propósito firme de sermos sinceros Convosco, buscamos o Vosso perdão e nos comprometemos a perdoar verdadeiramente aqueles que nos magoaram, nos feriram, nos caluniaram, nos agrediram com posturas e palavras. Fortalecei-nos, Pai amado, para que consigamos resistir às tentações que fluem da nossa inferioridade e, assim renovados no bem, consigamos seguir na Vossa direção. Que assim seja!

Contrito, Nilo estava mergulhado em lágrimas, que lhe escorriam pela face como pedrinhas de brilhante. A comoção era geral. Reinava absoluto silêncio no pavilhão. Todos se sentiam envolvidos nas argêntas vibrações que desciam do Alto. Uma suave melodia podia ser percebida ao longe. Decorridos alguns minutos, um ou outro ruído era ouvido aqui... acolá...

Felícia olhava para Nilo, simplesmente encantada... nunca havia notado a beleza extraordinária que aquele jovem guardava em si mesmo. Mais uma vez percebeu o quanto estava fechada em seus problemas, mais uma vez sentiu vergonha do quanto estava sendo egoísta. Compreendeu com nitidez que precisava se renovar, que a oportunidade de voltar ao convívio familiar não deveria ser prorrogada. Energias agradabilíssimas de bom ânimo, gratidão e esperança inundaram seu coração – sentia-se renovar.

Por seu turno, Jandira não escondia a sua perplexidade diante dos acontecimentos: sempre se considerou uma pessoa boa, justa, cumpridora dos seus deveres – e talvez por tudo isso estivesse ali –, mas, diante daquela manifestação de amor, sentia-se “uma folhinha” no jardim da eternidade.

Nilo, compreendendo os sentimentos que assaltavam o coração da recém-chegada e receoso de que pudessem comprometer sua recuperação, seu equilíbrio, tomou entre as suas a mão da enferma e, afetuosamente, convidou-a para dar uma volta nos jardins próximos ao pavilhão. Jandira aceitou o convite com um sorriso nos lábios e no olhar. Seus olhinhos, entretanto, revelavam a insegurança que lhe ia n'álma... Calmamente, o jovem orientador desligou os aparelhos que ainda estavam referenciando as condições gerais da moça e ajudou-a a se colocar de pé. Jandira estendeu a mãozinha trêmula para Felícia, como a lhe pedir apoio e, vagarosamente, os três deixaram o recinto, enquanto a vida no pavilhão voltava ao normal.

O ambiente no jardim estava muito acolhedor. Os jovens passeavam entre as árvores, apreciando o arranjo dos canteiros, verdadeiramente encantados com o colorido das flores. Nilo dizia que nunca se cansava de apreciar a beleza da natureza, a delicadeza de sua manifestação, realmente reveladora do divino amor. Felícia sentia um misto de gratidão e felicidade, e não conseguia explicar o que se passava em seu coração: estava morta para o mundo – o que poderia ser uma infelicidade, mas, na verdade, a deixava simplesmente encantada – e estava viva, muito viva, e iria voltar à matéria para conviver com seus familiares, graças à bondade e à misericórdia de Deus. “Tudo isso é incrível! Simplesmente incrível! Pena que vou me esquecer de tudo...” – refletiu pesarosa. Olhou para a amiga recém-chegada. As faces de Jandira estavam rosadas, seu sorriso mais espontâneo e seu olhar inquieto revelava seu espanto com tudo o que via e ouvia. Enchendo-se de coragem, Felícia perguntou ao instrutor:

– Se já vivemos muitas e muitas vidas, se morremos, nascemos, retornamos centenas de vezes ao plano espiritual, onde agora estamos, por que esquecemos, por que tememos a morte, por que sofremos tanto com essa separação se, na verdade, não existe separação? Pelo que entendi, sempre reencarnamos junto àqueles com quem convivemos e por quem nutrimos algum sentimento, não é isso?

Nilo, sorridente, convidou as jovens a se sentarem debaixo de uma frondosa árvore, que lhes oferecia uma agradável sombra. Após certificar-se de que as moças estavam devidamente acomodadas, o mentor disse:

– Uma pergunta de cada vez: todos nós, com exceção dos missionários do Senhor Jesus Cristo, que vêm até nós com o intuito de nos ensinar e nos orientar com seus exemplos, estamos mais ou menos no mesmo patamar evolutivo e, como herdeiros de nós mesmos, temos muito o que modificar em nós. Os homens, em sua maioria, vivem completamente alheios à sua condição de espíritos eternos e imortais. Nasceram e morrem quase como autômatos: passam a existência repetindo os mesmos comportamentos, revelando sua condição interior em sua postura, em seu jeito de levar a vida. Jesus Cristo, para a maior parte das pessoas, é um ser inatingível, distante, muito distante, não presente em sua vida. Assim, passam séculos e séculos, até que, pela força das circunstâncias, começam a se voltar para o Senhor, a se interessar por Seus ensinamentos, Sua mensagem. Só assim começam a sentir alívio em suas angústias, em suas dores. Mas o processo é lento e gradativo, e é fundamental que o indivíduo queira. O sofrimento funciona como um convite para que atente para a sua conduta irresponsável, irreverente, em que nega sua paternidade divina, plenificada pelo amor excelso. Consequentemente, o homem vivencia essas idas e vindas do processo de encarnação e desencarnação sem reunir, na atualidade, condições morais para recordar sua caminhada evolucionar, considerando que a lembrança dos seus desmandos, da sua conduta infeliz poderia lhe causar graves desequilíbrios. Por infinita misericórdia, Deus nos concede, por muito nos amar, a bênção do esquecimento. Allan Kardec, o codificador do Espiritismo, faz uma alusão a esse tema no capítulo V de O Evangelho segundo o Espiritismo, Bem-aventurados os aflitos, especificamente no item 11: Esquecimento do passado. Na primeira oportunidade que o tempo nos oferecer, contarei a vocês quem foi Allan Kardec, rapidamente, para que em outra ocasião vocês mesmas possam pesquisar sobre ele.

Imediatamente, Felícia pensou: “não posso me esquecer, até mesmo porque, desde já, assumo comigo mesma o compromisso de me tornar espírita no meu retorno ao corpo de carne”.

Nilo, acompanhando o pensamento da jovem, beijou-lhe gentilmente a fronte e prosseguiu:

– Assim sendo, não nos lembramos de nada, e como pouco, pouquíssimo fizemos em nosso próprio benefício, no que tange ao nosso desenvolvimento

moral, somos muito apegados à matéria quando encarnados: a maioria deposita no ter e ter a sua felicidade. Quanta ilusão! A matéria densa é passageira, temporal, e o encarnado passa quase toda a sua encarnação trabalhando para usufruir dos recursos materiais. Quanto mais tem, mais quer ter. Com justificativas vazias, afasta-se da família, muitas vezes faz inimigos e adocece gravemente. O tempo passa célere e o traz aqui, de volta: triste, revoltado, infeliz. Mergulhado no mundo de iniquidades que criou para si mesmo, sofre dores dilacerantes. Ainda que intente culpar os outros pelas suas desditas, é o único responsável pelo seu sofrimento. Elegeu como suas companhias o egoísmo e o orgulho e, esquecido da humildade e da caridade, levou a vida como se fosse o seu deus. Senhor de si mesmo, se escravizou a situações que vão lhe exigir futura reparação.

As moças ouviam tudo com singular interesse. Vez por outra, Jandira secava uma lágrima indiscreta, levada pela emoção que aquelas sábias lições suscitavam em seu meigo coração.

Um jovem que descansava nas proximidades se juntou ao grupo, tocado pelas palavras do mentor. Os passarinhos orquestravam uma melodia graciosa, concorrendo para o bem-estar que envolvia aqueles corações.



22. *Convocação à responsabilidade*



Romeu, como se dizia chamar o jovem rapaz, cumprimentou o grupo respeitosamente e se ajeitou próximo a Jandira, com muito cuidado. Depois de fazer as apresentações, Nilo pediu a Romeu que falasse um pouquinho de si mesmo: como foi sua desencarnação, como estava se sentindo...

Romeu, aparentemente, ainda trazia as marcas da enfermidade que o havia levado de volta ao plano dos espíritos: estava abatido, pálido, bem magro... Mas não se fez de rogado e logo começou a contar sua história: ainda bem jovem, começou a sentir fortes dores de cabeça. No início, se tratou com alguns “medicamentos caseiros”, mas, com o passar do tempo, as dores ficaram dilacerantes e exigiram cuidados mais intensos. Feitos os exames, constataram um “elemento intruso” no seu lobo frontal e um tratamento intensivo lhe foi indicado para conter a invasão desse elemento e permitir que ele levasse uma vida normal. O tratamento foi feito, exigindo, em algumas ocasiões, o seu afastamento das atividades escolares e sociais. Depois de muitas idas e vindas, ficou bom e voltou para os estudos com ânimo total, chegando a se formar em Medicina. Entretanto, algumas dores aqui e ali indicaram que o “intruso” estava de volta e atacava sem trégua...

O rapaz respirou fundo e prosseguiu em seu relato:

– O tratamento foi rigoroso, mas consegui concluí-lo com êxito. Entretanto, na fase final, reconhecidamente mais enfraquecido, tive uma pneumonia e não resisti... E aqui estou... de volta... Quem me recebeu foi Fábio Henrique. Estava acompanhado de minha vizinha Laíde. Vovó sempre foi para mim a referência do verdadeiro amor. Desencarnou quando eu fiz quinze anos. Sofri muito porque eu era muito ligado a ela... Quando compreendi verdadeiramente que eu estava

morrendo, chamei muito por ela... Confesso a vocês que não me lembrei de Deus nem de Jesus, muito embora, nos últimos anos de minha vida de encarnado, recebesse, semanalmente, a visita de um grupo de pessoas, todas muito bondosas, que iam me aplicar passes e fazer orações. Nessas ocasiões, eu me sentia muito bem e, algumas vezes, eu vi vovó com o grupo, mas como estava muito fraco não dei grande importância ao fato. Depois vim a saber por ela mesma que nessas oportunidades ela também me visitava. Quando acordei aqui e a vi, me senti mais seguro. A presença dela me faz muito bem...

Demonstrando ligeiro cansaço, Romeu silenciou por alguns instantes. Nilo, Jandira e Felícia permaneceram em silêncio. As pessoas iam e vinham, passando pelo grupo sem se deterem – a movimentação na Colônia era intensa.

Refeito, sentindo-se melhor, o jovem retomou a sua narrativa:

– Reconhecidamente, não tem sido fácil para mim. Sinto muita saudade da minha vida na Terra, mas o pior é sentir a revolta que meu pai ainda traz no coração. Infelizmente, isso tem me feito muito mal... Sinto sua indignação como pequenas alfinetadas. Chegou ao cúmulo de me culpar por ter adoecido! Ele diz coisas absurdas... indaga como posso ter feito isso com ele, adoecido e morrido... com ele, que sempre me deu tudo... Sinto em mim sua infelicidade, especialmente porque ainda estou fraco... Vez por outra, os sintomas da enfermidade voltam e eu retorno também ao repouso dos primeiros dias. Minha mãe, desde a época do meu tratamento, começou a participar do grupo espírita que me aplicava passes em casa. Conhecer a Doutrina Espírita, estudar, compreender os ensinamentos de Jesus Cristo, meditar sobre os esclarecimentos que o Espiritismo traz, fez e faz muito bem a ela, é de grande auxílio neste momento. Ela chora, sinto que sofre, mas é diferente: está sempre me incentivando a me cuidar e me diz constantemente o quanto me ama e como faço falta para ela. Isso me faz bem... me acalma e me dá um ânimo novo – me sinto “vivo”, bem “vivo”!

A chegada de Fábio Henrique interrompeu o diálogo dos jovens.

– Precisamos retornar ao tratamento, Romeu. Hoje faremos uma revisão do seu estado geral.

Fábio Henrique, cumprimentando Felícia, Jandira e Nilo, pediu licença para levar o “novo amigo”, que se despediu carinhosamente dos três, combinando uma nova oportunidade para se reencontrarem. Acertados os detalhes, ambos partiram na direção oposta ao pavilhão.

Jandira, alegando cansaço, pediu para voltar ao seu aposento, no que foi imediatamente atendida por Felícia e Nilo. Retornando ao tratamento, a jovem pediu para ficar só: agradecia imensamente o cuidado dos irmãos, mas sentia necessidade de refletir sobre tudo o que estava vivendo. Felícia e Nilo se retiraram, depois de se despedirem da moça com muita ternura.

Do lado de fora do pavilhão, Nilo lembrou à Felícia o seu compromisso:

– Deveremos, a partir de agora, iniciar o seu processo de retorno ao corpo físico. Temos algumas etapas a seguir e a sua participação é fundamental.

Felícia parou por alguns instantes e, dirigindo ao mentor um olhar muito angustiado, lhe disse:

– Como devo fazer para não fraquejar? Sei... reconheço que não posso negar a mim mesma essa oportunidade... mas confesso a você que me sinto insegura e temerosa... Como devo proceder? Por favor, me ajude! Sinto que preciso me fortalecer...

Nilo abraçou a jovem com muito carinho e se encaminhou com ela para a sala de atendimento, onde a acomodou numa poltrona confortável, para, em seguida, convidá-la a orar. Com O Evangelho segundo o Espiritismo nas mãos, abriu no capítulo VI, O Cristo Consolador, e, pausadamente, leu os itens 1 e 2. Em seguida, aplicou um passe na jovem, que, sentada à sua frente, buscava com muita fé a assistência do Alto para se fortalecer e atender condignamente ao seu programa de evoluir.

Assim que Nilo terminou de aplicar o passe, ele e Felícia começaram a tratar dos assuntos ligados à reencarnação da jovem e sobre isso conversaram até serem interrompidos pela chegada de Simone, que foi logo dizendo:

– Amigos, a partir de agora deixo de ser colaboradora da Colônia para participar do programa que irá definir a minha reencarnação. Meus futuros pais também estão sendo preparados para me receber e entendi, pelo que me disse nosso orientador Fábio Henrique, que não temos mais tempo a perder. Vovó

Luzia vai me acompanhar de perto, me auxiliando com o seu amor. Farei um breve mergulho numa existência pregressa para compreender com mais clareza a necessidade de viver uma enfermidade que vai me aliviar, e muito, de alguns sentimentos angustiantes que trago em meu coração.

Simone falava sem dar a Nilo e a Felícia a oportunidade de fazerem qualquer observação.

– Vocês não sabem – continuou –, mas vivi de uma maneira muito irresponsável em épocas passadas e, com minha conduta irreverente, contaminei o meu corpo físico e abreviei em muito a minha existência. Cheguei a este lado como suicida. Sofri muito... Por anos, mergulhada em meus sentimentos, persisti alimentando pensamentos de revolta, que aumentavam a minha aflição e me causavam sofrimentos imensos. Ainda assim, resisti a toda ajuda que me foi oferecida, indignadíssima com Deus. Pacientemente, meus cuidadores aguardaram que eu esgotasse essas energias tão adensadas pelos meus sentimentos infelizes... Até que chegou a ocasião em que, cansada de tanto sofrer, verdadeiramente extenuada, quedei diante da realidade: Deus é Pai de amor e bondade e eu não podia culpar ninguém pelas minhas insânias. Desde então, venho trabalhando com imensa gratidão o meu refazimento moral, mas sem atender especificamente a essa situação. Hoje, sinto necessidade de resgatar esse passado que, vez ou outra, me traz impressões de dor e angústia. Fábio Henrique irá rever comigo parte dessa minha existência para que eu me compenetre realmente da importância de viver uma situação que poderá parecer injusta ou improcedente aos olhos do mundo e, até mesmo, gerar indignação naqueles que estarão próximos a mim. Sem dúvida alguma, precisarei estar tranquila, serena, confiante, vivendo os acontecimentos com a certeza de que todos estamos cumprindo a lei de justiça divina, que é lei de amor, indiscutivelmente.

Simone silenciou, visivelmente emocionada. Nilo e Felícia acompanhavam a narrativa da amiga com imenso carinho. Tentando não demonstrar seus sentimentos, Simone prosseguiu:

– Quem sabe, Felícia, você e eu não iremos nos reencontrar pelas avenidas da nossa futura existência e nos reconheceremos pela amizade que hoje cultivamos?

Felícia levantou-se sorridente e abraçou a jovem, que também tentava animá-la quanto ao seu futuro corpo físico. Nilo sorriu, enquanto refletia: “é... realmente poderão ser grandes amigas, se tiverem oportunidade de se reencontrar. Deus é assim... Soberano Senhor da Vida, trabalha, silenciosamente, não poupando recursos para auxiliar Seus filhos em seu programa de amadurecimento moral”.

Vibrações doces e delicadas envolviam as jovens, em razão dos sentimentos sinceros vertidos daqueles corações, que, conscientes de suas obrigações com a Vida Maior, se preparavam com visível esforço e gratidão para vivê-las dignamente.

A chegada de Fábio Henrique interrompeu o colóquio dos moços: Simone deveria acompanhá-lo, enquanto Felícia seguiria com Nilo, a fim de definirem o seu biótipo, com o compromisso de se reunirem mais tarde. Pelas necessidades já discutidas e acertadas, Felícia iria apresentar dificuldades respiratórias logo nos primeiros anos de vida e, conseqüentemente, exigiria um cuidadoso acompanhamento dos pais, especialmente do pai, que, devido à sua falta de respeito e responsabilidade para com a ex-noiva, apressou sua desencarnação. Sua futura mãe também estava comprometida com a jovem, em virtude de sua leviandade: sabia que o rapaz tinha uma noiva e que a moça se encontrava muito enferma. Mesmo assim, não se conteve e, usando com habilidade a arte da sedução, estimulou-o a se afastar de seus compromissos.

De acordo com a programação reencarnatória de Felícia, somente mais tarde, já na idade adulta, esses sintomas serão minimizados e poderão desaparecer, se, frequentando a Casa Espírita localizada no bairro onde a família irá residir, a jovem reformar sua conduta.

Muitos outros pontos foram vistos e revistos, analisados e ponderados, sempre se considerando a liberdade de ação dos envolvidos, que, sem dúvida alguma, estarão cercados de todo o amparo do Alto, o que, entretanto, não os eximirá do cumprimento dos seus compromissos.

Felícia e Nilo não viram o passar das horas: o movimento no departamento que define as futuras encarnações era incessante e, a todo instante, chegavam reencarnantes acompanhados de seus responsáveis, com algum tipo de indagação sobre o programa que deveriam cumprir em sua próxima existência.

Felícia e Simone perceberam logo a delicadeza de todo o processo de reencarnação e a responsabilidade que cada um, na condição de autor de sua obra de remissão, precisava assumir quanto à sua conduta, imprimindo nas consequências de seus atos o compromisso de voltar para refazê-los, caso não tenham guardado conformidade com as sagradas leis.

Alguns reencarnantes, visivelmente transtornados diante das futuras vivências, tinham de retornar ao tratamento de fortalecimento, aguardando, então, outra ocasião em que possam vestir o corpo de carne sem grande sofrimento.

Diante de uma situação que acompanharam, de uma senhora que, já bem esclarecida quanto aos seus desatinos do passado, estava sofrendo tremendamente, pois deveria voltar com a filha que havia maltratado muito e receava repetir o mesmo comportamento de outrora, Nilo comentou com os amigos:

– Nesta nossa Colônia, raríssimos são os casos de reencarnação compulsória.

Como Simone lhe endereçasse um olhar indagador, ele explicou:

– É a reencarnação em que o espírito não tem condição alguma de definir sua futura existência. Então, seus mentores, seus protetores, se reúnem e decidem o melhor que pode ser oferecido a ele, ainda que aos “olhos do mundo” não tenha esse aspecto, mas a sociedade, de um modo geral, confunde os valores da verdadeira educação. Desejosos de terem seus anelos atendidos, o objeto dos seus sonhos alcançado, muitos homens não se contêm e, desrespeitosos, atropelam aqueles que, na sua frente, são pedras de tropeço para que não atinjam seus desejos malsãos.

Felícia ouvia tudo. Nilo, atenciosamente, continuou:

– Muitos irmãos demoram muito a voltar ao plano físico, receosos de “não resistirem às tentações”. Para estes, a assistência e o esclarecimento são intensificados, pois, como disse nosso amado Mestre: “ninguém pode ver o Reino de Deus se não nascer de novo”.¹⁸



23. *Tarefa cumprida*



Juselma e Irmão José foram convocados pelos servidores da Colônia a acompanharem um acidente que estava na iminência de acontecer em importante rodovia daquela região: um motorista inconsequente e irresponsável com relação à sua vida e a de outros, usuário de drogas inibidoras do sono, conduzia uma carreta em alta velocidade e, visivelmente, havia perdido o controle do veículo. Sem noção alguma de perigo e na condição de suicida inconsciente, não ouvia os apelos afetuosos de seu pai, que, sentado na cabine a seu lado, tentava exaustivamente alertá-lo quanto às imprudências que estava cometendo na estrada.

Em sua última existência, Seu Lair também foi caminhoneiro. Naquele tempo tempo, apesar da precariedade das vias e das máquinas, que nem se comparam com as dos dias de hoje, trabalhar como motorista de caminhão era uma profissão que ele desempenhava com muita dedicação. Às vezes, o caminhão enguiçava e ficava dias na estrada, sem recurso algum, esperando socorro, mas ele lembrava, feliz: havia muita solidariedade, os motoristas eram amigos... Uma vez, recordava com emoção, levava uma carga de madeira para o norte do país quando o motor parou. Não tinha nada para comer, nem como pedir socorro, porque não podia deixar o caminhão sozinho. Aí parou um, parou outro, parou o terceiro... Três caminhões pararam para ajudá-lo! Um levava tomate, um carregava banana, um transportava laranja... Fizeram juntos um piquenique, num clima de muito companheirismo, e os quatro homens se tornaram amigos...

Um estrondo tirou Seu Lair das suas lembranças, trazendo-o de volta à realidade: Miguel não conseguiu fazer a curva na estrada, atravessou o canteiro

central e abalroou tragicamente o transporte de uma casa de saúde do interior do Estado – todos estavam mortos.

Quando Irmão José e Juselma chegaram ao local, as equipes socorristas responsáveis pelo acidente já estavam a postos, preparadas para o atendimento, e dispunham de três ou quatro veículos semelhantes às ambulâncias da Terra para recolher os feridos. Enquanto isso, no plano físico, um intenso movimento já se fazia em torno dos acidentados. O trânsito nas duas faixas da rodovia havia sido interrompido e uma viatura com encarregados da segurança da via já estava se aproximando do local para organizar o atendimento e o tráfego dos veículos.

– Miguel! Miguel! – chamava o pai, em pranto.

Miguel estava estendido debaixo de uma árvore, a muitos metros do local do acidente: seu corpo havia sido projetado do veículo com violência. Seu Lair estava muito triste... Notando a aproximação de alguns espíritos andarilhos, e temeroso de que algo acontecesse a seu filho, sentou-se na relva, colocou a cabeça dele em seu colo e orou a Deus Pai, rogando amparo, proteção, socorro para aquele espírito rebelde. Seu Lair estava profundamente pesaroso com o acontecido, pois sabia muito bem das consequências do ato do “seu” Miguel. Lamentava muito o que lhe adviria, mas, fervoroso, confiou à misericórdia divina aquela alma que amava muito e, rogando ao Pai Celestial atenção para aquele seu filho transviado, pediu permissão para acompanhá-lo até quando fosse possível.

Ainda com lágrimas nos olhos, Seu Lair viu se aproximarem dois simpáticos enfermeiros, que depositaram na relva a maca que traziam, enquanto um deles lhe adiantava:

– O jovem será conduzido agora para a Colônia Resplendor, mas, posteriormente, será transferido para o posto de atendimento mais adequado às suas necessidades de recuperação.

Seu Lair aquiesceu com o olhar, ao mesmo tempo que perguntava aos trabalhadores se poderia acompanhá-los.

– Sim, o Senhor poderá vir conosco – respondeu aquele que parecia ser responsável pela equipe.

Miguel encontrava-se totalmente desacordado.

Juselma e Irmão José trocavam impressões com os companheiros responsáveis pela segurança daquela região. Irmão Carlos, que parecia ser o coordenador do grupo, esclareceu aos representantes da Colônia Resplendor que os irmãos reunidos no veículo de transporte da casa de saúde viveram uma experiência libertadora: segundo explicou, eles haviam programado, de comum acordo, o retorno ao plano do espírito e, embora os encarnados atribuísem o infeliz acontecimento ao acaso, poderia afirmar que todos os detalhes foram cuidadosamente planejados. Antes, diria que “o escândalo é necessário, mas aí daquele que o cometer”.¹⁹ Referia-se ao motorista invigilante que deu causa àquela situação.

– Ele – Irmão Carlos continuava referindo-se a Miguel – poderia ter feito outras opções, mas, não resistindo às tentações, desafiou a vida e a ordem divina. Será muito bem amparado, mas não estará isento do aprendizado de que necessitará para a sua recuperação.

Irmão Carlos falava com encantadora serenidade, enquanto, no plano da matéria, a perplexidade e o desespero assaltavam alguns corações. A verdade é que poucos, muito poucos, se lembravam de orar, contritos, confiantes na assistência bondosa de Deus Pai.

Os ditos “mortos”, conforme o entendimento dos encarnados, fizeram parte, no passado, de um grupo de salteadores, muitos dos quais, sem o menor escrúpulo quanto ao tipo de vítima a atacar, não respeitavam mulheres e jovens. Alguns, revelando um estado íntimo de total desequilíbrio moral, não respeitavam nem mesmo as crianças: cruéis, se compraziam com seus atos insanos. Importância alguma davam ao objeto de seus assaltos. Animalizados, buscavam apenas a satisfação de seus instintos.

Deus, misericordioso, abundante em sua compaixão, acompanha cada um dos Seus filhos, providenciando sempre recursos para o seu soerguimento moral. Séculos e séculos se passaram nos relógios do tempo até que, na atual reencarnação, sob o olhar bondoso do Pai, os componentes do grupo se reuniram, atraídos pelo compromisso da remissão, e vivenciaram a desencarnação por eles programada, rompendo, assim, de uma vez, com os desatinos do pretérito e libertando-se definitivamente da culpa e do remorso que lhes atormentavam o

coração. Agora, quando estiverem em condições, saudarão com sentida gratidão as ocorrências, trágicas aos olhos do mundo, mas de valor incomensurável, pela calma que imprimiram nas consciências, antes atormentadas e aflitas.

Irmão Carlos prosseguia com seus esclarecimentos, revelando com sua palavra doce e terna sua condição evolutiva:

– Vivemos num mundo em que a dor se tornou a mestra maior. Os homens, em sua maioria, trazem a consciência obliterada por desejos insanos. Sem critério moral algum, trabalham vigorosamente com o único objetivo de atender a seus interesses. Corrompem, furtam, enganam, convencidos de que ficarão impunes a tantas iniquidades... Então, quando voltam ao plano onde o espírito imortal vive realmente a sua vida, sem condições de fugir a essa verdade, mergulham em lamentáveis estados de angústia, aflição, desespero... Alguns, dementados, levam séculos para se recuperar, livrando a consciência das iniquidades que cometeram.

Enquanto Juselma e Irmão José conversavam com Irmão Carlos, os assistentes do programa de socorro nas estradas acomodaram todos os irmãos nos veículos que os levariam à Colônia Resplendor. Cada um dos desencarnados havia sido atendido com muito cuidado pelos técnicos responsáveis pelo desligamento do corpo físico, que revelaram extremada ternura.

Irmão Carlos ainda esclareceu:

– Os laços que prendem o perísprito ao corpo de carne, no caso específico desses nossos irmãos, já estavam muito tênues, culminando, aqui, agora, com o desfecho final. Como estavam cumprindo um programa que previa que seu retorno ao plano espiritual aconteceria em breve, tivemos a oportunidade de convidar os familiares de alguns deles para acompanharem todo o processo. E eles vão seguir junto aos recém-chegados para acolhê-los quando despertarem. Acreditamos que, assim, o despertar desses irmãos será muito tranquilo.

Como a movimentação dos dois lados da vida era intensa, Irmão José pediu licença para ver se estavam precisando da sua colaboração, no que foi acompanhado por Juselma. Por sua vez, Irmão Carlos foi verificar os detalhes finais da tarefa.

No plano material, a ocorrência estava causando um imenso alarido, e os palpiteiros de plantão faziam discursos inflamados, na tentativa de defenderem

seus pontos de vista quanto às causas da tragédia. Alguns irmãos da equipe socorrista acompanhavam o recolhimento dos despojos materiais dos falecidos, para que fossem respeitados em sua integralidade. O atendimento já estava finalizando no plano espiritual. Os dedicados assistentes, trabalhando silenciosamente, demonstravam a competência com que agiam: respeitosos, gentis, atentos a todos os detalhes, movimentavam-se com espantosa leveza e suavidade.

Irmão Carlos, depois de verificar que os trabalhos estavam terminando e que todos estavam cuidadosamente acomodados, convocou todo o grupo para orar, porquanto impressões de toda ordem haviam sido dispersadas na região e poderiam ficar ali imantadas, trazendo repercussões comprometedoras para os que viviam na redondeza e, até mesmo, para a natureza.

Irmão José sabia que esse procedimento era comum e, mesmo sem ser convidado, se ofereceu para fazer a oração. Irmão Carlos consentiu com um sorriso nos lábios, postou-se imediatamente ao lado do irmão e solicitou que se fizesse silêncio. Irmão José, sentindo-se tocado pelas bênçãos que do Alto estavam sendo derramadas em abundância, agradeceu ao Pai Maior a continuidade da vida:

– Senhor, Pai de bondade infinita e misericórdia sem limites, agradecemos a Vós o amparo, o socorro que nos proporcionastes neste momento. Agradecemos imensamente aos Vossos mensageiros, operários do bem que, em Vosso nome, em nome do Vosso Amor, acolhem esses irmãos que retornam do campo físico para darem continuidade ao seu programa de alcançar a perfeição, conforme Vós mesmos nos asseverastes, através do Vosso Filho Jesus. Muito obrigado, Pai Amado! Rogamos a Vossa compaixão para cada coração envolvido neste acontecimento: para os que retornam conosco à Colônia Resplendor, a fim de darem continuidade à sua recuperação moral, e também para os familiares desses irmãos, que permanecem na matéria, muitos, inconformados com o sucedido. E sempre sob a Vossa assistência bendita, que possamos realizar as tarefas que nos competem, glorificando-Vos. Muito obrigado, Pai de Amor e Luz! Muito obrigado!

Seu Lair chorava. Profundamente emocionado, acompanhava cada palavra dita pelo mentor. Silenciosamente, tomou lugar no veículo que os conduziria à Colônia. Outros trabalhadores fizeram o mesmo. O sol brilhava entre nuvens espessas. O tempo estava indefinido... será que ia chover?

No plano material, o movimento ainda era grande: crescia o número de pessoas que desejavam ver o acidente. Para muitos era um lamentável espetáculo. O trânsito estava parado: uns se indignavam com a incompetência das autoridades responsáveis: tinham compromissos a cumprir e, totalmente despidos de qualquer sentimento fraternal, não poupavam críticas. Outros, cheios de curiosidade, especulavam os detalhes. Alguns, indiferentes, só se preocupavam com a hora em que o trânsito seria liberado... Raríssimos estavam em oração.

Irmão Carlos despediu-se de Irmão José e Juselma, abraçando os amigos calorosamente e prometendo ir visitá-los tão logo fosse possível. Já, já, deveria coordenar a assistência a um provável acidente, não muito longe dali: lamentavelmente, um grupo de jovens desafiava a morte, dirigindo em alta velocidade – cada um no seu veículo, hipnotizado pela vaidade e pelo egoísmo, mergulhado na irresponsabilidade, provavelmente seria vítima de sua inconsequência.

Os grupos partiram em direções opostas – tinham muito trabalho pela frente...



24. *Oportunidade de reconciliação*



Irmão José e Juselma retornaram à Colônia acompanhando os irmãos que desencarnaram no acidente – alguns seriam encaminhados para outras colônias e alguns receberiam ali mesmo o tratamento adequado. Sempre que chegavam grupos de recém-desencarnados, havia um movimento diferente na Colônia: equipes de trabalhadores postavam-se em lugares previamente determinados e permaneciam em oração com o propósito de manter a harmonia da psicofera local. A preocupação da administração geral era que os pacientes não sofressem nenhuma interferência vibracional com a chegada de irmãos que haviam acabado de deixar o corpo físico.

Jandira, um pouco melhor, passeava pelos jardins da Colônia, acompanhando um irmão que conheceu na sala de recuperação respiratória. No primeiro momento, estava tão distraída na conversação que nem percebeu a passagem do comboio, mas, ao retornar a seu descanso, notou que havia um novo paciente nas acomodações que ficavam bem próximas à entrada do pavilhão. Movida pela curiosidade, aproximou-se do leito do recém-chegado e percebeu que se tratava de uma mulher de meia-idade. Aproximando-se mais um pouco, sentiu seu corpo estremecer e não teve dúvida: era a irmã mais velha do seu pai. Há muito haviam se afastado, em virtude de um grave desentendimento: seus avós haviam deixado uma fazenda como herança e “aquela pobre” tia havia tomado posse de tudo, criando, assim, uma cisão na família.

Jandira sentiu que precisava sentar-se, e o fez imediatamente. Tudo parecia girar à sua volta. Alguns sentimentos perturbadores tentavam assaltá-la. Ficou lívida. Nisso, entrou Irmão José, que, carinhosamente, segurou na sua mão e lhe perguntou, afetuoso:

– O que faz aqui, minha filha?

Jandira olhou-o com lágrimas nos olhos, revelando a aflição que lhe ia n'alma, e com perceptível dificuldade contou ao mentor por que havia entrado ali e sua triste descoberta. Com imenso pesar, relatou ao amigo o quanto haviam sofrido com a conduta da tia, não só porque ela era muito querida por todos, mas porque jamais poderiam imaginar que, sendo uma pessoa equilibrada e sensata, tivesse uma atitude como aquela, que a levou a se afastar de todos, temerosa de que os irmãos tentassem “despejá-la” da propriedade.

– Ninguém, ninguém pensou em fazer algo que pudesse constrangê-la, até mesmo porque todos tinham por ela um enorme carinho e gratidão – continuou Jandira, sem acreditar no que estava acontecendo. – Meu pai sofreu muito. Tentou de todas as maneiras se aproximar dela com o intuito de tranquilizá-la: ninguém faria nada contra ela, mas, irredutível, tia Rebeca não quis ouvi-lo. Passados alguns anos, soubemos que ela estava fazendo quimioterapia. Sofremos muito... E hoje, quando a reencontro aqui...

Jandira calou-se, muito emocionada. Irmão José, revelando profundo respeito pelo estado da jovem, sugeriu que ela fosse para o seu quarto descansar:

– Acredito, minha filha, que é o melhor a fazer. Mais tarde, quando se sentir mais forte, quem sabe você volta? – comentou o mentor, atencioso. – Talvez você até possa estar aqui quando ela despertar...

– Ah, Irmão José... – respondeu a jovem. – Como eu gostaria de dizer a meu pai que estamos juntas, que estamos bem... Ah! Tenho certeza de que ele ficaria muito reconfortado...

– Compreendemos o seu desejo, minha filha, mas essa comunicação não é tão simples assim. Precisamos nos aparelhar primeiro... Em outra oportunidade, podemos conversar sobre o assunto, está bem? Mas agora você precisa descansar – completou Irmão José.

O movimento na Colônia Resplendor é intenso: muitos vão e vêm, cumprindo suas tarefas, sempre com visível alegria e muita gratidão. A vida vibra em todos os setores daquela comunidade de amparo, de socorro, de refazimento para tantos corações combalidos.

Muitos passam meses adormecidos. Embalados por sentimentos contraditórios, temerosos de acordar para a realidade, optam por permanecer mergulhados em si mesmos e dormem, dormem... Até que, extintos esses sentimentos acordam para a verdade que os aguarda. E, lentamente, tomam consciência de onde estão e do estado em que se encontram. Então, muitos se debatem na revolta e, indignados, se recusam a aceitar sua nova condição. Outros optam por ignorar seu estado e tentam levar a vida na expectativa de que um dia possam retomar as atividades que deixaram “temporariamente”.

São homens e mulheres de bem, mas que levaram na Terra uma vida totalmente indiferente aos reais valores do espírito eterno, imortal, esquecidos de que são os únicos responsáveis por sua felicidade ou infelicidade. Pessoas que respeitam Deus, oram, muitos até dizem ter fé, mas vivem como se jamais fossem morrer, adiando interminavelmente qualquer pensamento a esse respeito. Assim, voltam ao plano do espírito sem preparo algum. A maioria ainda acredita em céu e em inferno, crença que lhes causa um profundo sofrimento quando percebem que não estão no céu... O desapontamento é imenso... E se trazem na mente de forma viva uma falta, um erro, sofrem muito, esperando pelo julgamento que os remeterá ao fogo eterno. São situações que exigem prolongados tratamentos...

Mas Deus, com Sua misericórdia infinita, acode a todos e, com Sua suprema bondade e paciência, nunca faz exigências, respeitando o tempo de cada um.

Felícia foi informada da chegada de tia Rebeca por Irmão José – ela deveria conhecer o fato novo, pois estava muito interessada em auxiliar Jandira e também porque os mentores responsáveis acreditavam que tia Rebeca poderia apresentar alguns comportamentos estranhos. Nos últimos dias de sua existência, havia sido envolvida pela angústia, e profunda aflição assaltara o seu coração: sentia saudades da convivência que tinha com os familiares antes do falecimento dos pais, mas, ao mesmo tempo que desejava procurar os irmãos, temia ser rechaçada por eles. Sofria, sofria muito com isso. As pessoas que conviveram com ela nos últimos tempos notaram sua tristeza, mas sempre que tocavam no assunto ela tentava disfarçar, alegando cansaço pelo tratamento intenso a que estava se submetendo. Foi nesse estado emocional tão conturbado que ela voltou à pátria do espírito.

Por isso, melhor seria, segundo entendiam seus cuidadores, que ela permanecesse algum tempo repousando, não só para se desprender dos sintomas de sua enfermidade como também para ter serenada a sua mente, acalmando os seus sentimentos.

Irmão José, profundo conhecedor da alma humana, acolhia todos com imensa ternura, sempre respeitando, de maneira notável, a posição evolutiva de cada um. Acompanhá-lo em suas visitas era sempre uma oportunidade de aprendizagem encantadora, que enriquecia o coração.

Felícia, que se preparava para voltar ao seio de sua família terrena, havia pedido a Irmão José, que lhe era tão caro, a oportunidade de estar sempre presente quando ele fosse atender e orientar Jandira e, agora, sua tia Rebeca. Sabia que nesses momentos estaria recebendo preciosas lições de aprimoramento para ter uma conduta coerente com os ensinamentos do Mestre Jesus Cristo quando retornasse às lutas no corpo físico.

Irmão José, carinhoso e prestativo, parecia incansável: estava invariavelmente junto aos pacientes, atendendo um e outro com palavras de bom ânimo, procurando em cada um qualidades cujo aprimoramento e desenvolvimento sempre estimulava.

Terminados os trabalhos de atendimento aos irmãos desencarnados no acidente, acomodados todos os que foram socorridos, a equipe administradora da Colônia iniciou o processo para a transferência dos pacientes recém-chegados que receberiam tratamento em outros locais, assim que se apresentassem em condições, ocasião em que irmãos residentes na Colônia também seriam encaminhados a outras instâncias de recuperação.

Jandira, a partir do instante em que reencontrou tia Rebeca, mudou quase que completamente: da condição de paciente que recebia os cuidados dos enfermeiros responsáveis por sua estabilidade íntima passou a colaboradora, pois sentia um desejo enorme de estar ao lado da tia quando ela despertasse, até mesmo porque o sentimento de tê-la ali, tão próxima, reavivou o imenso carinho que sentia por ela. E ainda que fosse muito estranho, até mesmo uma certa alegria sentiu, considerando que há muito tempo seu querido pai trazia latente no coração a vontade de reatar com a irmã os laços de afeto que durante décadas os unira.

Irmão José percebeu logo a mudança da jovem, que, mais animada, dava a impressão de estar refeita. Seus problemas pareciam ter desaparecido completamente, suas questões íntimas aparentemente não tinham mais importância, mas sabia o mentor que não era bem assim. A jovem guardava em si mesma várias questões que deveriam ser vistas e revistas, analisadas e ponderadas, e muitas, muitas seriam as reflexões que adviriam depois que ela acessasse antigas lembranças. Contudo, o respeitável mentor tinha claro entendimento de que ocasião propícia surgiria para que Jandira fosse cuidadosamente conduzida ao encontro de si mesma. E reconhecia que, sem dúvida alguma, a presença de tia Rebeca se transformara num agente motivador para o fortalecimento da sobrinha. A ideia da reconciliação, o desejo de contar ao pai o encontro com a irmã dele haviam trazido ânimo novo a Jandira. Aos poucos, com certeza, ela ocuparia o posto de “colaboradora voluntária”, mas, paralelamente, continuaria o tratamento para recompor suas energias e renovar seu campo íntimo, alicerçando sua postura nas divinas leis.

Enquanto tia Rebeca recebia atenção dos seus cuidadores, Jandira recebia também o atendimento necessário à sua recuperação.

Abordado por Felícia, que estava interessada em saber dos últimos fatos em relação à amiga, Irmão José considerou:

– Talvez Jandira não possa ficar muito próxima à tia nesses primeiros dias...

– Por quê? – questionou Felícia, interessada.

– Ah, minha filha! – respondeu Irmão José, afetuoso. – A mente registra todas, todas as vivências do ser, e nos mínimos detalhes... Nada escapa a esse “computador”, se podemos dizer assim. Quando o espírito volta ao seu mundo de origem, as lembranças de algumas dessas vivências vêm à tona sem que ele possa impedir e, lamentavelmente, emergem como juízes insensíveis, cobradores implacáveis, trazendo-lhe muito sofrimento e dor. Tia Rebeca – vamos chamá-la assim – embora tivesse uma conduta coerente com as orientações do nosso amado Mestre, quando se viu sozinha, sem os pais, apossou-se do que não era dela, causando muita dor à sua família e muito sofrimento a si mesma. Ainda não tivemos acesso a seus arquivos, ao seu planejamento reencarnatório e, por isso, não podemos afirmar, neste primeiro momento, se a enfermidade que levou à sua

desencarnação estava na sua programação ou se foi fruto de um desequilíbrio emocional provocado por sua conduta tão infeliz...

Felícia acompanhava as palavras do mentor com grande atenção. Aquelas conjecturas eram para ela de grande valia: estava aprendendo muito com os comentários do Irmão José.

– Realmente... – a jovem parecia falar para si mesma. – Não fazemos ideia das nossas responsabilidades conosco mesmo, com o nosso próximo, com Deus...

Reflexiva, Felícia continuou:

– Como podemos nos adoecer com nossos sentimentos infelizes? Como podemos nos enfermar com nossos pensamentos ruins? Meu Deus! Por favor, Irmão José! Como não nos damos conta disso quando estamos encarnados?

A chegada de uma enfermeira interrompeu o diálogo:

– Senhor, por favor, dona Rebeca está tendo um terrível pesadelo!

Irmão José pediu licença à Felícia, prometendo continuar a conversa em momento oportuno, e acompanhou a jovem.



25. *Dando seguimento à programação*



Irmão José encontrou a recém-chegada num estado de profundo desequilíbrio: tentava desvencilhar-se dos fios que a prendiam aos aparelhos, fazendo movimentos descontrolados, ao mesmo tempo que dizia palavras aparentemente sem nexos:

– Preciso que me perdoem! Confesso... confesso... roubei? Nada roubei... é meu... é meu... por direito... tudo é meu...

Suas palavras eram entrecortadas por profundos suspiros e por um choro incontrolável. Um suor intenso cobriu todo o seu corpo, molhou sua camisola e os lençóis. Um odor estranho tomou conta do ambiente...

Irmão José fez sinal para que a enfermeira fechasse a porta, a fim de não receberem visitas inesperadas. Aquele triste quadro revelava a consciência atormentada daquela irmãzinha. Lamentando profundamente a situação da enferma, o nobre mentor prestou-lhe os primeiros socorros, ministrando-lhe um passe, enquanto, em sentida prece, rogava ao Pai por paz e serenidade para aquele coração que, naquele momento, sofria as consequências de suas atitudes infelizes.

Tia Rebeca foi se acalmando lentamente... Irmão José, por meio de dispositivos existentes no quarto, solicitou que duas atendentes trouxessem roupas limpas para trocarem a senhora e o leito, ao mesmo tempo que conferia os aparelhos a ela ligados.

A paciente, aparentando relativa tranquilidade, recebeu os cuidados necessários, e Irmão José, determinando que não a deixassem só nas próximas horas, afastou-se para acompanhar outros procedimentos.

Como havia sido determinado anteriormente, Felícia compareceu ao Departamento da Reencarnação, onde seria elaborado o projeto do seu futuro corpo físico. Acompanhada de Simone, que também reencarnaria em breve, a futura reencarnante sentiu uma emoção profunda, e muitas foram as perguntas que assomaram a seu coração: voltaria à carne e não conviveria com seus pais? viveria distante dos familiares que lhe eram tão queridos? e aqueles por quem sentia profunda gratidão? não os encontraria em ocasião alguma?

Simone percebeu que a jovem encontrava-se num estado de profunda inquietação e, numa tentativa de acalmá-la, esclareceu:

– Felícia, estamos entrelaçados uns aos outros por toda a eternidade. Em determinadas ocasiões, ficamos próximos, por um período, daqueles com os quais deveremos haurir lições mais efetivas e nos distanciamos dos outros com os quais tivemos recentemente uma convivência amorosa. Nesse movimento, vamos depurando nossos sentimentos inferiores, até que consigamos desenvolver realmente em nosso coração as virtudes sagradas para, assim, formar a grande família universal.

Felícia ouvia com singular interesse as explicações da amiga, que respondiam a todas as suas perguntas. Sentia-se mais calma, mas nem por isso menos insegura, temerosa que estava de não atender a todas as experiências que estariam previstas em seu programa futuro. Simone, por sua vez, falava para si mesma, pois, embora detivesse todo aquele conhecimento que dividia com a amiga, guardava também em seu íntimo os mesmos receios.

Conduzidas à sala onde deveriam analisar a futura organização física, foram surpreendidas com a presença de José, acompanhado de Risoleta. Ele também deveria reencarnar em breve. Voltaria ao convívio dos filhos que abandonara em decorrência das suas escolhas infelizes. Risoleta, renovada e radiante, comprometera-se a acompanhá-lo a distância, para, futuramente, ser recebida em seus braços como filha dedicada.

Felícia, diante dos quadros que se descortinavam a seus olhos no Departamento da Reencarnação, sentiu uma profunda gratidão a Deus e reconheceu, mais uma vez a sabedoria do Criador, Sua onisciência, Sua onipresença, acompanhando o movimento da vida nos mínimos detalhes e

oferecendo a Seus filhos, por meio de Suas magnânimas leis, infindáveis oportunidades de aprendizagem.

Simone notou a emoção de Felícia e compreendeu seu encantamento: realmente, o encadeamento da vida, atendendo à lei de correspondência, de causa e efeito, de ação e reação, é extraordinariamente perfeito, porque, inquestionavelmente, está tudo sob o comando do sublime Senhor da Vida – nosso amantíssimo Pai.

Simone sentiu-se tocada pela emotividade da outra e, antes de estudarem suas futuras condições físicas, convidou-a e aos amigos que lá estavam para fazerem uma prece, glorificando a Deus pela oportunidade da vida, que jamais é interrompida e vibra com muita intensidade nos dois planos da matéria - no da matéria densa e no da matéria sutil. Naturalmente, cada um, naquela hora, poderia rogar ao Pai assistência e amparo para o planejamento que definiria o seu retorno à convivência com aqueles que, certamente, muito contribuiriam para o seu progresso moral.

O movimento era intenso no Departamento da Reencarnação: homens e mulheres entravam e saíam, acompanhados de seus amigos-orientadores, com os quais analisavam a programação de sua futura experiência na matéria, refletindo e ponderando, de forma a atender as necessidades de cada um.

Simone, Felícia e José ali passariam dias e dias, laborando o projeto que futuramente iria lhes proporcionar avanço moral. Teriam a assistência dos seus mentores e daqueles que se fizeram amigos – jamais estariam sós ou abandonados. Após a finalização do planejamento, realizado com a anuência de cada um, em respeito ao exercício do seu livre-arbítrio, iriam se despedir dos amigos que ali fizeram e se recolher em oração, preparando-se para a ligação definitiva com seus futuros pais.

A beleza da execução do projeto reencarnatório não encontra, no campo da matéria densa, expressões que a definam – a linguagem dos homens é inexata para retratar os sentimentos de respeito, de misericórdia, de compaixão, de afeto que envolvem os reencarnantes e seus futuros familiares. Tudo é realizado com um carinho infinito, tecendo na intimidade de cada coração ligado àquela alma que fará parte da família um sentimento doce e suave de bem querer. Por isso, nos

primeiros anos de vida na matéria, o espírito é acariciado, acolhido e cuidado por aqueles de quem ainda não conquistou a simpatia, o apreço, a consideração. Somente com o passar dos anos, a herança trazida do ontem começa a se revelar num comportamento aqui, numa indisposição ali, demonstrando, então, cada um, o seu caráter e a importância da transformação interior segundo os moldes de conduta ensinados e exemplificados por nosso Mestre Jesus Cristo. Na evolução das criaturas, ocorre um movimento sublime, em que lhe são oferecidas incontáveis oportunidades de se depurarem, alijando do coração os comportamentos viciosos que outrora vivenciaram, alimentados por sentimentos e pensamentos inferiores.

Enquanto se preparavam para renascer, Simone, Felícia, José e tantos outros teriam a oportunidade de visitar inúmeras vezes seu futuro lar terreno e estabelecer com seus futuros genitores um consórcio de vibrações afetuosas.

Mas nem sempre o processo de reencarnação acontece assim: alguns espíritos reincidentes, de coração endurecido, não apresentam condições morais e equilíbrio suficiente para participar do seu planejamento evolucionais, ficando, assim, esse projeto a cargo dos seus mentores e daqueles técnicos que amorosamente cuidam do seu retorno ao corpo de carne.

Muitos espíritos reencarnam e desencarnam sem ter exata notícia do que lhes acontece, de tal forma se encontram obliterados pelas sombras espessas do personalismo, da crueldade, do despotismo, do ódio, do rancor, da ambição. Alguns séculos atravessam em lamentáveis e degradantes condições, até que, transformando a mente, ontem tão obtusa, reconheçam a bênção que o amoroso Pai lhes concede todos os instantes da sua existência e retornem ao caminho ensinado por Jesus Cristo. Uns, cheios de boa vontade, querer real, corajosos, se empenham incansavelmente pela sua melhoria interior, mas outros se mantêm displicentes, dispersos quanto às suas obrigações e deveres como espírito eterno. Todavia, o tempo aguarda por cada um, e o Pai Maior, em Sua bondade infinita, trabalha pelo bem de todos os Seus filhos, respeitando sempre as escolhas que fazem no caminho redentor. Uns caminham mais rapidamente, outros de forma mais lenta, mas todos, a seu tempo, alcançarão os planos superiores.

Jandira sentia-se, a cada dia, mais fortalecida. Felícia, embora guardasse um enorme desejo de auxiliá-la em sua recuperação, não pôde colaborar o quanto havia planejado, em virtude das solicitações que deveria atender relativamente à sua reencarnação. Contudo, a chegada de tia Rebeca foi de grande ajuda para a recuperação de Jandira: seu desejo de auxiliar a tia e ter logo condições de acompanhá-la no seu tratamento contribuiu, e muito, para a moça ficar bem.

Irmão José, que acompanhou de perto a jovem em seus primeiros dias na Colônia, se surpreendia a cada passo com sua animação e seu bem-estar. Refletia sempre o mentor, e com indiscutível alegria, sobre a capacidade que o amor tem de renovar nas almas o bem-estar e como o propósito sincero, verdadeiro, de colaborar para o refazimento do próximo é a melhor medicação de que o ser pode dispor em seu benefício.

– Vejam – dizia com entusiasmo. – Desde o instante em que Jandira encontrou a tia, o seu quadro clínico vem melhorando, e sem retrocesso em momento algum!

Felícia, agora cumprindo os procedimentos para sua reencarnação, não se encontrava muito com a amiga, mas, quando o fazia, lhe era muito agradável constatar seu efetivo restabelecimento.

Tia Rebeca, que deveria ter sido removida para outra instância, ali permaneceu, em virtude da aproximação da sobrinha, que, segundo Irmão José, seria uma contribuição valiosa para sua recuperação. Jandira, quando tomou conhecimento dessa decisão, foi tomada por profunda gratidão a Deus, reafirmando com grande alegria o seu compromisso de proporcionar à tia todas as condições que estivessem ao seu alcance para que ela se recuperasse logo.

No movimento sublime e gracioso da vida, as leis divinas vão sendo cumpridas pelos espíritos em seu longo caminho evolucionar: cada um de acordo com seu empenho, com seu esforço, vai se alinhando aos mandamentos da Lei Maior, sobrelevando-se a seus feitos irrefletidos, irresponsáveis.

A sabedoria de Deus, Pai amorosíssimo, está presente em toda a Sua criação, e infindáveis oportunidades são oferecidas ao espírito eterno e imortal para que possa ascender a planos melhores. Redutos de luz e bondade estão espalhados nos mais diversos recantos do nosso querido planeta, com o único fito de oferecer a

seus moradores oportunidades de reverem seus feitos e refazerem suas metas e seus ideais de crescimento moral.

Sofre o espírito culpado – sua consciência atormentada cobra-lhe reparação, e, no desejo sincero de se harmonizar com a doce e suave lei de amor, roga ao Pai misericordioso que lhe faculte oportunidades para que possa refazer o que não fez de acordo com os ensinamentos de Jesus Cristo.

E com Sua infinita compaixão, Deus cerca o espírito de situações em que o trabalho redentor, realizado com sinceridade de propósitos, lealdade, fidelidade às sagradas leis, lhe conferirá a paz de consciência, diluindo, através do esforço incessante, aqueles comportamentos do passado que, muitas vezes, se fazem presentes nos dias atuais.

As leis de Deus são luzes que os homens acendem em seus caminhos quando as cumprem com responsabilidade, com boa vontade, com fé. Sofre muito a criatura em sua trajetória evolutiva por resistir a esse amor bendito; sofre por relutar, em muitas ocasiões, em se despir das roupagens do orgulho, do egoísmo, da vaidade, que lhe oferecem recursos para alcançar o que acredita ser a felicidade; sofre por se iludir com as ofertas que a matéria apresenta à sua visão obliterada pelos valores transitórios e temporais.

O despertar da consciência para a realidade da imortalidade da alma é um bálsamo para o coração amargurado pelas lutas da existência, que lhe parecem intermináveis. A certeza de que se pode recomeçar a cada instante, adotando posturas e comportamentos renovados, enche o ser de esperança, de força e de coragem para construir um futuro de situações positivadas pelo seu querer sincero de evoluir no bem, com muito amor, sempre.

Definitivamente, urge que o homem traga a sinceridade como virtude direcionadora do seu projeto de remissão, abraçando com alegria o desejo de não mais se enganar nem ao seu próximo com subterfúgios que só comprometerão seu processo de elevação espiritual. O esforço em se manter sempre alinhado ao bem, a partir dos mínimos gestos, será o corolário do processo de adiantamento da alma comprometida com a vivência do amor, seguindo os passos de Jesus Cristo, para que se cumpram os mandamentos: amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo.²⁰



Colônia Resplendor – ponto de luz no espaço



O dia amanheceu resplandecente de luz. O sol majestoso, com sua beleza esfuziante, não só cumpria seu papel de iluminar as horas do dia, como também aquecia o coraçõzinho das almas que se encontravam recolhidas na Colônia para tratamento de recuperação. E muitos, recuperando-se perante a Vida Maior, reavaliando pensamentos, sentimentos, atitudes, sentiam-se renascer nos braços amoráveis da esperança e da fé.

A Colônia Resplendor recebeu esse nome porque ali as manhãs e os dias são resplendorosos: o sol, a natureza parecem transmitir o infinito amor de Deus em todos os pontos daquela comunidade.

Seus servidores, operários do bem, incansáveis, acodem, com indiscutível carinho, todos que ali aportam. Os corações aflitos, angustiados, sentem-se reconfortados com as manifestações de afeto que os circundam, e a confiança no Pai Celestial cresce no imo daqueles que, visitados pela desesperança, acreditavam estar abandonados pelo amparo divino.

A promessa de renovação da alma combatida pelas lutas na matéria paira no ar, alcançando todos os enfermos. A presença de Jesus Cristo é sentida no perfume doce, agradável, que se esparge por toda a Colônia – as pessoas respiram o ar impregnado pela bondade desse Mestre Luz e se renovam, sem que consigam explicar. Poucos, pouquíssimos, não conseguem usufruir dessa misericordiosa intercessão divina para o bem-estar das criaturas que ali se encontram em processo de despertar moral.

As atividades já eram intensas nas primeiras horas daquela manhã, quando uma melodia agradável se fez ouvir e, logo após, Fábio Henrique convidou todos para orarem a Deus, com um sentimento de gratidão imenso: naquele dia a Colônia Resplendor comemorava mais um aniversário de fundação, mais um ano de serviço prestado com profundo amor na incomensurável seara do Nosso Senhor Jesus Cristo.

Fez-se total silêncio: imediatamente, atendendo ao afetuoso convite, todos os habitantes daquela instância de amor calaram suas questões e intimamente se uniram em pensamento e sentimento, cessando por completo a atividade que desenvolviam naquela hora. Aqueles que estavam em serviço e os pacientes em condições foram se dirigindo silenciosamente para o pátio central, onde se encontrava Fábio Henrique.

O mentor, profundamente emocionado, revelando em suas palavras a imensa gratidão que guardava em seu íntimo, dirigiu-se ao Senhor da Vida com a voz embargada pelos bons sentimentos que tomavam seu coração, orando com extrema simplicidade:

– Pai Amado, a todo instante, a cada instante, reconhecemos Vossa infinita misericórdia, Vossa bondade, Vossa sublime compaixão por nós, Vossos filhos, ainda tão afastados da Vossa luz. Apiedai-Vos de nós, amantíssimo Senhor! Auxiliai-nos com Vossa infinita piedade para que alcancemos, por meio do nosso esforço sincero, por meio da nossa vontade guiada para o bem, por meio da nossa inabalável coragem de estar Convosco sempre, níveis melhores, em que as conquistas alcançadas pelo intenso trabalho de renovação serão vividas na espontaneidade dos comportamentos alinhados às Vossas sagradas leis. Muito obrigado, Pai querido! Muito obrigado pela oportunidade que nos destes de reavaliarmos nossos feitos e, reconhecendo as iniquidades cometidas contra as Vossas determinações sábias e justas, retomarmos o caminho a nós todos ensinado pelo nosso amável irmão Jesus Cristo, abandonando, assim, os atalhos sombrios que antes buscamos, alimentados pelo personalismo pernicioso, arrogante, egoísta, narcisista. Obrigado, Senhor! Auxiliai-nos, por misericórdia! Auxiliai-nos, dando-nos forças para não retrocedermos, para permanecermos firmes nas escolhas que ora abraçamos e, renovados nas estruturas mais íntimas do nosso ser, continuarmos fiéis ao Vosso Amor, jornadaando pelas estradas

redentoras da evolução, sob o Vosso olhar dulcíssimo, leais aos ensinamentos que recebemos do nosso Mestre Jesus Cristo. Abençoai, Pai Excelso, este recanto de Amor, que se faz nosso lar e lar de muitos que aqui se abrigam após as lutas expiatórias, para que, redimidos de suas insânias, recuperados, esclarecidos e dispostos ao bem, possam retornar ao corpo de carne, dando curso ao seu processo de adiantamento moral. Hoje, sem dúvida, é uma data que tem para todos nós um significado especial: estamos comemorando a consolidação desta Instituição bendita que o Vosso Sublime Amor colocou no caminho da redenção de todos nós. Que a cada dia ela seja efetivamente, Pai de Infinita Bondade, uma fortaleza de luz a amparar todos os corações sofridos que aqui aportarem. Muito obrigado, Pai! Infinitamente obrigado! Que não nos falem jamais o bom ânimo e o anelo de estarmos Convosco, abraçando com imenso afeto e respeito todos os irmãos que aqui recebemos. E que, com o firme propósito de ajudá-los, depositemos em Vosso sublime coração os nossos feitos, seguindo sempre os exemplos ternos e afetuosos do nosso querido irmão Jesus Cristo! Que assim seja!

Com os olhos marejados de lágrimas, muito emocionado, Fábio Henrique encerrou a sentida prece.

Vibrações luminosas, multicoloridas e suavemente perfumadas desciam do Alto, inundando de esperança e fé toda a Colônia. A alegria era geral, a satisfação estava estampada em todos os semblantes, o contentamento era sentido na atmosfera impregnada por sublime manifestação do amor de Deus. Ao longe, uma suave melodia revelava a manifestação da ternura, da esperança e da fé tão bem retratadas nas amorosas palavras do querido mentor.

As pessoas permaneciam quietas em seus lugares, receosas de interromperem aquele momento, em que a “magia do céu” era sentida com tanto encantamento. Aos pouquinhos, a suave brisa que envolvia a atmosfera do pátio, tocando com cuidado os presentes, foi despertando um a um para as obrigações do dia. Calmamente, silenciosamente, a vida na Colônia foi voltando ao seu ritmo normal, mas, durante algum tempo, todos os seus habitantes permaneceram imersos nas bênçãos agradabilíssimas que receberam do Alto naquele momento de oração.

Fábio Henrique, cercado de seus companheiros de atividade, lembrou-lhes que nas primeiras horas do entardecer deveriam reunir-se em seu escritório para fazerem uma análise criteriosa dos pacientes, reverem os relatórios, apontarem as experiências que vinham sendo acompanhadas, relativas ao processo de reencarnação de alguns, enfim, discutirem o andamento dos atendimentos sob a responsabilidade daquele grupo de tarefeiros de Jesus.

Dispersado o grupo, Fábio Henrique permaneceu por ali, no jardim da Colônia, cumprimentando cada um que se aproximou com o intuito de trocar algumas palavras com o nobre mentor. Abraçando todos com notável sentimento de fraternidade, atendeu-os com digna atenção, incansável. Com palavras de bom ânimo, fé e esperança tocou o coração dos irmãozinhos, enchendo-os de vivacidade e confiança.

Quando todos já haviam voltado, uns às suas atividades, outros às suas acomodações, Fábio Henrique retornou aos seus afazeres: a vida continuava, sublime e grandiosa, com sua mensagem redentora.

A Colônia Resplendor, como um ponto de luz no espaço infinito, vibra incansavelmente o amor do Criador por Sua criação, oferecendo aos seus habitantes, com imensa alegria – a alegria da fé, da esperança, da gratidão –, a oportunidade de recomeçar, recomeçar com Jesus Cristo, sempre!

Scheilla



- 1 Mateus, 5: 16.
- 2 João, 14: 6.
- * Nota do Editor: Todas as citações de O Evangelho segundo o Espiritismo foram retiradas da edição traduzida por Evandro Noleto Bezerra, publicada pela FEB em 2011.
- 3 O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. V, item 18.
- 4 Mateus, 13: 16.
- 5 Centro cardíaco - expressão utilizada e definida por André Luiz ao tratar dos “centros vitais” no livro Evolução em Dois Mundos, psicografado por Francisco Cândido Xavier e publicado pela FEB, 10ª obra da coleção A Vida no Mundo Espiritual.
- 6 O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. I, item 1. Mateus, 5: 18.
- 7 Parábola da Ovelha Perdida - Mateus, 18: 12-14 e Lucas, 15: 3-7.
- 8 O Livro dos Espíritos. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 2ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 2011.
- 9 O Livro dos Espíritos – questões 919 e 919-a.
- 10 O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. XV, item 8.
- 11 Mateus, 5:43 a 47.
- 12 Mateus, 7:12.
O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. XI, item 2.
- 13 Mateus, 16: 27.
- 14 Mateus, 5: 45.
- 15 Mateus, 18: 20.
- 16 Mateus, 22: 39.
O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. XI, item 1.
- 17 João, 14: 6.
- 18 O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. IV, itens 5 e 6.
- 19 Mateus, 18:7.
O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. VIII, item 11.
- 20 Mateus, 22: 37, 38 e 39.

Outros livros psicografados por **Alda Maria** e publicados pelo **Centro
Espírita
Manoel Felipe Santiago**

O Perfume da Rosa
de Scheilla

Pedi e Obtereis,
do Espírito Netinho



Volume composto por 46 preces ricas em ensinamentos cristãos, que auxiliarão o leitor a se conectar com o Alto, fortalecendo-se moral e espiritualmente.



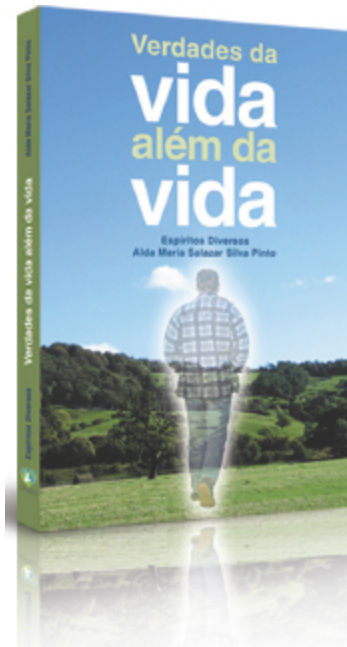
Lar, escola de almas
de Yvonne do Amaral Pereira



Obra sobre tema dos mais relevantes: a família, seus conflitos e dificuldades. A autora espiritual, conduzindo a narrativa com segurança e serenidade, mostra claramente que o lar é a escola onde almas se reúnem para o aprendizado e os necessários ajustes, ao mesmo tempo que apresenta ao leitor carinhoso convite à reflexão sobre o papel de cada um no grupo familiar, especialmente sobre a responsabilidade que envolve pais e filhos.



Verdades da Vida Além da Vida,
de Espíritos Diversos



Narrativas de Espíritos que se surpreenderam ao encontrar um outro plano de existência após o que consideravam ser o “fim” da vida, algumas das quais acompanhadas de comentários esclarecedores da equipe espiritual coordenadora do trabalho.



Páginas Edificantes *de Miramez*



Coletânea de mensagens ricas em ensinamentos, conselhos e advertências, em que o autor espiritual, abordando questões do cotidiano, propõe ao leitor um verdadeiro programa de edificação.



Verdadeiro buquê de mensagens oferecido pela autora espiritual, que num tom ao mesmo tempo doce e firme indica ao leitor as atitudes e os sentimentos que o ajudarão a se elevar moral e espiritualmente.



Sementes do Amor Divino,
de Irmã Tereza e Equipe



Narrativa leve e envolvente, sobre a história de Izabel, jovem abastada, que fica órfã e se vê diante de grandes desafios. A nobreza dos sentimentos e as grandes transformações por que passam os personagens proporcionam ao leitor momentos de muita ternura e emoção.



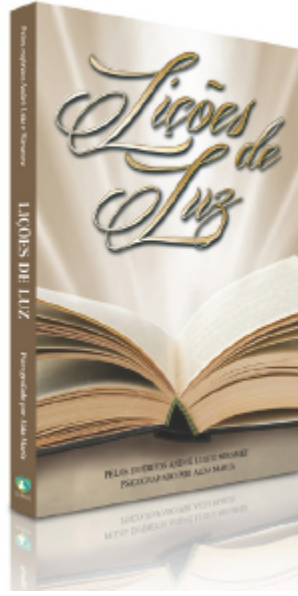
Verdades da Vida Além da Vida II,
de Espíritos Diversos



Sob a coordenação de Irmã Tereza, essa obra apresenta 25 narrativas sobre pessoas muito semelhantes a nós, que vivenciam situações inusitadas e aparentemente inexplicáveis, mas que são facilmente esclarecidas pelos mentores que acompanham os acontecimentos e personagens, mostrando a relação entre os fatos imprevistos e indesejados do presente e as ações do passado e nos alertando, assim, para nossa responsabilidade na construção do futuro.



Lições de Luz,
dos Espíritos André Luiz e Miramez



Coletânea de mensagens sobre questões essenciais na vivência das criaturas, como fé, moral, liberdade, morte, felicidade – verdadeiras lições de luz a indicar o roteiro seguro para a elevação moral e espiritual do homem.



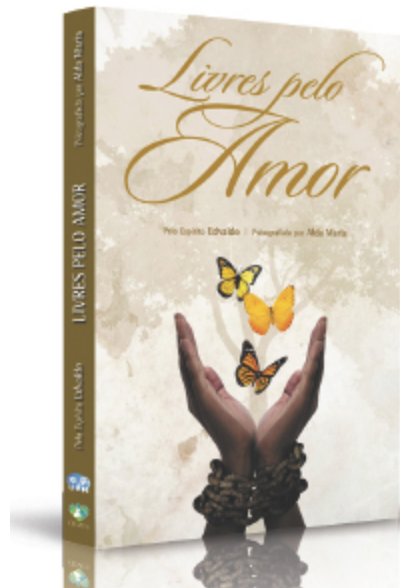
Estudando o Evangelho com
Bezerra de Menezes,
do Espírito Bezerra de Menezes



Volume composto por 76 lições sobre passagens de O Evangelho segundo o Espiritismo, em que o autor espiritual, com a generosidade e a sabedoria que o distinguem, ilumina o entendimento do leitor quanto aos sublimes ensinamentos reunidos por Alan Kardec.



Livres pelo Amor,
do Espírito Edvaldo



Narrativa emocionante sobre os acontecimentos vividos por uma família que foi privada da liberdade, encarcerada e levada para terras desconhecidas, onde, em meio a enormes provações, vive a grandiosa tarefa de se renovar pelo exercício da humildade e da resignação.



Tesouros do Coração, *do Espírito Célia*



Contos de elevado teor moral, em que a autora, com graça e delicadeza, narra casos e situações relativamente comuns, mas que, à luz dos ensinamentos do Mestre Jesus, encerram grandes lições de vida.



Mediunidade: tarefa com Jesus,
de Yvonne do Amaral Pereira



Conjunto de lições colhidas na experiência pessoal da autora espiritual, de grande valor para a formação do médium espírita e para todo aquele que busca conhecimentos sobre a vida espiritual e o intercâmbio com os irmãos desencarnados.



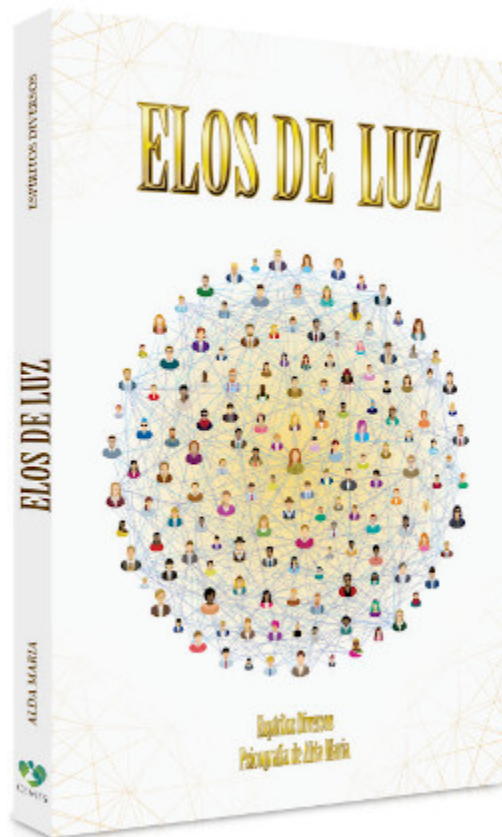
Crônicas que aqui escrevi,
de Irmão X



Como o título indica, são relatos curtos sobre temas diversos, extraídos da experiência de vida do autor espiritual e do seu cotidiano imediato. Nessas comunicações, marcadas pela fina sensibilidade que o consagrou, Irmão X dá vazão ao que denomina sua “veia jornalística”, ora mergulhando corajosamente em reminiscências pessoais, ora atuando como sensível interlocutor de seres que a ele confiam seus dilemas e indagações, mas sempre alinhando suas reflexões aos ensinamentos de Jesus Cristo e deixando entrever seu sincero desejo de servir ao próximo.



Elos de Luz,
de Espíritos Diversos



Nesta obra, muitos são os chamados que recebemos do Alto... Mensagens-convites que tocam o coração com ternura e respeito, objetivando despertar, no indivíduo, a sua essência transcendente, ao lembrá-lo da sua filiação divina.